UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROFLETRAS
Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307
profletrascaceres@unemat.br

UNEMAT PROFLETRAS MESTRADO

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS
Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS

ANA GREICY GIL ALFEN

LEITURA LITERÁRIA E PLURALIDADE CULTURAL: VIAS DE CONEXÃO ENTRE A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E NO ENSINO DE LINGUAGENS

CÁCERES, MT
2023

ANA GREICY GIL ALFEN

LEITURA LITERÁRIA E PLURALIDADE CULTURAL: VIAS DE CONEXÃO ENTRE A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E NO ENSINO DE LINGUAGENS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação da Profa.ª Dra.ª Elizete Dall'Comune Hunnhoff.

CÁCERES, MT
2023

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

ALFEN, Ana Greicy Gil.
A386l Leitura Literária e Pluralidade Cultural: Vias de Conexão entre a Construção de Sentidos e no Ensino de Linguagens / Ana Greicy Gil Alfen – Cáceres, 2023.
163 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Elizete Dall'Comune Hunnhoff.

1. Leitura Literária. 2. Literatura. 3. Ensino. 4. Pluralidade Cultural. I. Ana Greicy Gil Alfen. II. Leitura Literária e Pluralidade Cultural: Vias de Conexão entre a Construção de Sentidos e no Ensino de Linguagens: .

CDU 821

ANA GREICY GIL ALFEN

LEITURA LITERÁRIA E PLURALIDADE CULTURAL: VIAS DE CONEXÃO À CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E NO ENSINO DE LINGUAGEM

BANCA EXAMINADORA

PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL

Profª. Drª. Elizete Dall'Comune Hunhoff (UNEMAT)
ORIENTADORA

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE)
AVALIADOR

Prof.ª Dr.ª Olga Maria Castrillon Mendes (UNEMAT)
AVALIADORA

APROVADA EM 25/04/2023

A Deus, por me guiar e conduzir nesta caminhada. Dedico estas páginas ao meu filho, Sanzio Pedro Marques Alfen, razão da minha vida e aos meus ex-alunos que, por falta de políticas públicas exequíveis, já não estão entre nós.

AGRADECIMENTOS

Durante a longa caminhada, houve muitas pedras no meio do caminho, tamanhas pedras que até pensei em desistir. Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado toda honra e toda glória para continuar e por ter colocado pessoas tão especiais em minha vida.

À minha família, em especial, à minha mãe por ter sido minha base e o meu porto seguro e ao meu filho: Sanzio Pedro Marques Alfen, a razão de todos os meus dias.

À minha querida amiga e companheira, Maria Elizabeth Silva, pelo incentivo e apoio nos momentos mais difíceis.

Às queridas professoras: Raimunda Cândida com quem aprendi o amor pelas letras. Com ela eu conheci “o amor do Pessoa, na pessoa e da rosa no Rosa”. E à saudosa professora Maria de Jesus Patatas, cujos ensinamentos se tornaram imortais para mim.

Ao meu amado João Pedro Bezerra Ramos, por me ensinar da maneira mais pura e singela o que é a pluralidade cultural e inclusão social, em ambientes educativos complexos.

Minha eterna gratidão à orientadora, Prof.ª Dr.ª Elizete Dall’Comune Hunhoff, pelo cuidado, atenção, seriedade e o conhecimento compartilhado durante os trabalhos, os quais me possibilitaram um crescimento intelectual, profissional e mais sensível com o próximo.

A todos os colegas da turma PROFLETRAS 7, juntos fomos mais fortes.

Aos professores componentes da Banca Examinadora, pelas contribuições e orientações neste trabalho. Com os quais pude ampliar a compreensão da literatura e os processos de reexistência. Também, o saber, o sabor e o poder da leitura literária nas escolas.

À CAPES pelo investimento financeiro e pela manutenção do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

A todos os alunos que fizeram e fazem parte da minha história, pois, com eles pude ser uma pessoa melhor. Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta longa jornada.

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade

(Renato Russo)

RESUMO

Nesta dissertação reflete-se sobre as potencialidades da prática da leitura e escrita com textos de diversos gêneros literários e não literários em aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental. Discorre-se sobre o desenvolvimento de um projeto propositivo elaborado no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, direcionado ao nono ano. Neste se abordou a leitura literária atrelada à pluralidade cultural, às práticas de letramentos e multiletramentos em sala de aula. Embasou-se em escritos teóricos sobre a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, que possibilita ao profissional de educação, especialmente ao professor de Língua e Literatura, a percepção do processo de aprendizagem literária que tem o leitor como centro de aprendizagem; também autores que dissertam sobre o ensino de literatura e a formação do leitor, como Colomer (2003; 2007; 2017), Cosson (2021), Zilberman (1989; 2003; 2008; 2009; 2012; 2014), Fleck (2007; 2017; 2020; 2021; 2022), dentre outros igualmente importantes. Teve como objetivo promover a prática da leitura, da interpretação e da escrita com textos literários, tendo-se o aluno leitor como coautor de textos. Para dar sequência à relação teoria-prática, como produto final apresenta-se o Caderno de Atividades – "Leitura Literária e Pluralidade Cultural: vias de conexão à construção de sentidos e no ensino de linguagens", estruturado em dois módulos: a - O processo de recepção dos textos literários e a atribuição de sentidos; b - Oficinas literárias com proposição e estratégias de trabalho, anexo ao final deste estudo. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para um ensino de leitura, literatura e escrita em práticas escolares que valorizem a capacidade de reflexão discente.

Palavras – chave: Leitura literária. Literatura. Ensino. Pluralidade cultural.

ABSTRACT

This dissertation reflects on the potential of reading and writing with texts from different literary and non-literary genres in Portuguese Language classes, in Elementary School. It discusses the development of a purposeful project elaborated in the Professional Master's Program in Letters - PROFLETRAS, aimed at the ninth year. This addressed literary reading linked to cultural plurality, literacies and multiliteracies practices in the classroom. It was based on theoretical writings on the Aesthetics of Reception, by Hans Robert Jauss, which enables the education professional, especially the Language and Literature teacher, to perceive the literary learning process that has the reader as the learning center; also authors who discuss literature teaching and reader formation, such as Colomer (2003; 2007; 2017), Cosson (2021), Zilberman (1989; 2003; 2008; 2009; 2012; 2014), Fleck (2007; 2017; 2020; 2021; 2022),among others equally important. It aimed to promote the practice of reading, interpreting and writing with literary texts, with the student reader as a co-author of texts. To continue the theory-practice relationship, the final product is the Activity Booklet – “Literary Reading and Cultural Plurality: ways of connecting to the construction of meanings and language teaching”, structured in two modules: a - The process reception of literary texts and the attribution of meanings; b - Literary workshops with proposition and work strategies, attached at the end of this study. It is hoped, with this research, to contribute to teaching reading, literature and writing in school practices that value students' capacity for reflection.

Keywords: Literary reading. Literature. Teaching. Cultural plurality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Municipio de São José do Rio Claro - MT 16
Figura 2: Ponte que liga a cidade 18
Figura 3: Instituição E.E. Domingos Briante 22
Figura 4: PISA - Resultados 2018 39
Figura 5: Poema tirado de uma notícia de jornal 52
Figura 6: Capa do filme Central Brasil 74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

I. CONTEXTOS HISTÓRICOS RELATIVOS AO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO CLARO, MT. E À ESCOLA ESTADUAL DOMINGOS BRIANTE 16

1.1 – O município de São José do Rio Claro, MT. - Amancipação e história 16

1.1.1- Economia local 18

1.1.2 - Influências culturais 19

1.2 - A instituição escolar 22

1.2.2 - O Projeto Político Pedagógico e os discentes dessa pesquisa 24

1.2.3 - Proposição do projeto propositivo 25

II. VIESES LITERÁRIOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA..... 27

2.1- A literatura em sala de aula 29

2.2 - Literatura e ensino 32

2.3 - A leitura na formação cidadã 35

2.3.1 - A literatura infantil e juvenil 36

2.4 - Pesquisas em literatura 38

2.5 - Estereótipos literários 41

2.6 - Questões de identidade em classe escolar 43

2.7- Pluralidade cultural no texto literário 44

III – PRÁTICAS LITERÁRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL 47

3.1 - Práticas de letramentos literários em sala de aula.....49

3.2 - Leitura literária em diversos gêneros literários e não literários 51

3.2.1 - A pluralidade cultural com textos literários 55

3.3 - Literatura de cordel 59

3.4 - Uso de tecnologias digitais e as metodologias ativas em sala de aula..... 63

3.5 - Oficinas literárias: estratégias de leitura e produção textual..... 66

3.5.1 - Preconceitos e estereótipos 67

3.5.2 - Nas urdiduras da linguagem..... 70

3.6 - A leitura literária e a produção textual 72
3.6.1 - A sétima arte como instrumento pedagógico e literário..... 74
3.7 - A avaliação escolar: um processo contínuo 76

CONCLUSÃO 79

REFERÊNCIAS..... 82

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação refletimos sobre o ensino de leitura, interpretação e escrita, por meio da literatura e com temática “pluralidade cultural” no ambiente escolar, com práticas de letramentos que consideram o leitor como o centro do processo de aprendizagem. Procuramos cumprir os requisitos do Programa de Mestrado Profissional PROLETRAS, que propõe “[...] o aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita”. E, vimos no texto literário, em diferentes gêneros, a possível contribuição para a proposição de um projeto que interagisse com o aluno leitor, tendo-se em vista que a leitura literária e a construção de sentidos desempenham importante papel na formação humana, devido ao processo interpretativo iniciar antes mesmo de se dominar o código linguístico.

Esta pesquisa, de cunho referencial e qualitativa, é um dos requisitos do Programa de Mestrado Profissional PROFLETRAS, realizado em Cáceres, MT, e foi desenvolvida em consonância com seus objetivos, dentre eles: o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos no Ensino Fundamental e o multiletramento, este exigido no universo globalizado com a presença da Internet. Desenvolvemos um projeto propositivo sobre como a leitura literária possibilita aos alunos, que estão em fase de formação escolar, a desenvolverem o gosto pela leitura literária e pela produção escrita autônoma, por meio de textos em versos e em prosa.

Em período pós pandêmico do COVID-19, quando o isolamento social ainda ocorria de forma parcial devido à crise sanitária que assolou o Planeta nos dois anos anteriores, o Conselho Gestor do Programa de Mestrado Profissional em Letras, definiu em 01 de fevereiro de 2022, em conformidade no que constava na Resolução nº 003/2021, as formas propositiva e/ou interventiva para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso da sétima turma do Mestrado. Após essa deliberação, optamos em elaborar as atividades na modalidade propositiva. Dessa forma, estudamos e refletimos acerca do ensino da leitura literária e sobre o processo de recepção e ampliação de horizonte de expectativas do sujeito leitor, com atividades de leitura e literatura que envolvessem a diversidade social, cultural e contextual dos

alunos, com textos em verso e em prosa, em diferentes gêneros literários, tendo como temática a “pluralidade cultural”.

Elaboramos um projeto voltado para o Nono Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Domingos Briante, localizada à rua Santa Catarina, nº 1574, bairro Planalto, no município de São José do Rio Claro, Mato Grosso. Situada em local periférico, a instituição contém uma clientela bastante diversificada. Possui setecentos e setenta e oito alunos que são atendidos durante os três turnos diários, sendo a maioria residentes na periferia urbana, onde dados policiais apontam haver, atualmente, um significativo aumento nos índices de violência, inclusive com perdas de vidas discentes. Com esses fatos, vislumbramos no ensino de Língua Portuguesa, que a *práxis* da literatura, como via de libertação e formação intelectual, pode contribuir para afastar muitos jovens de situações de riscos. Também proporciona a construção de sentidos para o efetivo exercício de sua cidadania.

O embasamento teórico foi-nos relevante, pois permitiu o debate de ideias na certeza de que, no ambiente escolar, sempre há muito a estudar, a perceber, a promover e a mudar. Utilizamo-nos de um referencial cujos autores procuram refletir também sobre processos de leitura, formação do leitor e melhoria do ensino, tais como Hans Robert Jauss (1967), Colomer (2003; 2007; 2017), Cosson (2021), Fleck (2007; 2017; 2020; 2021; 2022), Zilberman (1989; 2003; 2008; 2009; 2012; 2014), entre outros igualmente importantes.

Vimos nas Metodologias Ativas reais possibilidades de ações para o protagonismo discente. Nossos alunos, como nativos digitais (nascidos neste século), não se sujeitam ao modelo tradicional de ensino, portanto, torna-se vital que a escola se atualize, cabendo motivá-los, entretê-los para que saiam de sua passividade e sejam ativos no processo educacional. Isso tudo, mediados pelo professor para que, “realmente”, a aprendizagem aconteça de maneira significativa.

Os trabalhos com os textos literários e não literários contribuem para a transformação identitária e podem promover a compreensão contextual do universo. Nessa perspectiva, compreendemos que a leitura literária no ambiente escolar pode trazer proveitos aos discentes na construção de sentidos.

Desenvolvemos esta dissertação em três capítulos. No primeiro, intitulado “Contextos históricos relativos ao município de São José do Rio Claro, MT e à Escola

Estadual Domingos Briante", discorremos sobre a emancipação do munícipio, o contexto histórico e geográfico da região e suas influências culturais. Situamos a escola e compartilhamos algumas reflexões sobre o seu Projeto Político Pedagógico, sobre a formação socioeconômica e sociocultural da comunidade escolar, inseridos nesse contexto.

No segundo capítulo, "Vieses literários para o ensino da Língua Portuguesa", refletimos sobre a importância da literatura e da pluralidade cultural para a fruição literária e a construção e apropriação de sentidos para os textos literários. Abordamos, teoricamente, a importância da leitura literária na formação cidadã de crianças e jovens. Dessa maneira, procuramos analisar e pensar a leitura e a escrita literárias ou não literárias, o ensino de literatura e o sujeito leitor de literatura. No item "Literatura e ensino" adentramos conhecimentos acerca da importância de práticas pedagógicas que motivem os discentes para o protagonismo estudantil. Já, no item "Questões de identidade em classe escolar", refletimos sobre a pluralidade cultural presente em sala de aula, por meio do reconhecimento, do respeito e da valorização da construção identitária de cada discente.

No terceiro capítulo, denominado "Experiências literárias direcionadas a alunos do Ensino Fundamental", expusemos, analisamos e refletimos sobre a elaboração de atividades propostas ao ensino de literatura e linguagens nos anos finais do Ensino Fundamental. Abordamos a leitura literária em sala de aula como uma experiência humana, podendo ser atrativa e prazerosa para o desenvolvimento e o enriquecimento do imaginário, da sensibilidade e da experiência fictícia para a aprendizagem, na construção do pensamento. Apresentamos as tecnologias digitais e as metodologias ativas para a realização dos objetivos almejados no processo de protagonismo discente. Propusemos trabalhar também a literatura no ensino de linguagens, artes e cultura.

Elencamos a esta pesquisa o produto final deste trabalho, um material didático, elaborado em formato de um Caderno de Atividades, intitulado "Leitura literária e pluralidade cultural: Vias de conexão entre a construção de sentidos e o ensino de linguagens", que se configura como práticas propositivas para o ensino de literatura, de linguagens e para a construção de sentidos. Nesse caderno, as atividades de leitura e produção textual foram divididas em três fases: o ato de ler; o

compartilhamento de ideias; reflexões e o registro. Todas estão acompanhadas dos objetivos, fundamentação teórica, metodologia, atividades extraclasses e referências. Por meio das atividades propostas, visamos a reconhecer a importância em se abordar questões ligadas à pluralidade cultural em sala de aula, pois como o nosso país é imenso, complexo e desigual, consequentemente, apresenta fragilidades de políticas públicas com esse tema.

Quanto à trajetória desta pesquisadora, informo: sou paranaense, nascida em Maringá. Aos três anos de idade, juntamente com os meus pais vim para São josé do Rio Claro, interior de Mato Grosso; cidade em que sempre residi. Sou uma rio-clarense de alma e coração. Minha carreira profissional como professora começou em 2004, aos dezoito anos de idade. O Concurso Municipal para Professores, nesse ano, não exigiu magistério ou graduação, apenas o Ensino Médio completo, com a exigência de que nos próximos cinco anos se apresentasse uma graduação. Em 2005, comecei o curso parcelado de Letras na UNINOVA (Universidade Municipal de Nova Mutum), na cidade de Nova Mutum e, em 2008, conclui a graduação em Letras. Nesse mesmo ano passei a trabalhar também como professora interina na Escola Estadual Domingos Briante, com diversas turmas e disciplinas. Em 2012, assumi o concurso da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC-MT, Língua Portuguesa nessa mesma instituição de ensino, onde desde então sempre lecionei. Atualmente trabalho nas redes municipal e estadual de educação, com uma jornada de sessenta horas semanais.

Desde há tempos, observamos no processo de ensino-aprendizagem que a leitura e a produção de texto são atividades fundamentais, embora o ensino de língua portuguesa se apresente, muitas vezes, como uma disciplina repetitiva, cansativa e até monótona. Isso devido as dificuldades de leitura e escrita serem imensas em todos os níveis de aprendizagem, conforme observado. Sendo assim, senti que precisava me preparar mais, rever e estudar bases teóricas visando a ter um novo olhar para a sala de aula, para o sujeito aluno como cidadão, leitor e autor que produz sentidos em sua leitura. E, com esse intuito, ao ingressar no Programa de Mestrado Profissional PROFLETRAS-Cáceres, em 2021, encontrei oportunidades de refletir sobre como contribuir na educação, sanar dificuldades de leitura, interpretação e escrita,

implementar o ensino de literatura na formação inicial de crianças e jovens e repensar sobre práticas, como professora em sala de aula.

Almejamos que esta dissertação sirva como material de pesquisa e reflexão para leitores e docentes que buscam fundamentos teóricos para melhor a compreensão do ensino da leitura no espaço escolar. Assim, acreditamos que a literatura e a leitura literária podem contribuir para a melhoria do ensino e, por consequência, ser um instrumento de resistência e libertação aos mais oprimidos. Por fim, entendemos que a função da literatura na escola é transformar e alcançar vidas.

I. CONTEXTOS HISTÓRICOS RELATIVOS AO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO CLARO, MT. E À ESCOLA ESTADUAL DOMINGOS BRIANTE

O município de São José do Rio Claro, MT, em seus quarenta e quatro anos de emancipação política, tem grande representatividade no estado de Mato Grosso quanto ao desenvolvimento econômico e cultural. Segundo informações obtidas em órgãos oficiais, oferece atendimento educacional na zona rural em duas instituições de ensino, sendo ambas pertencentes à rede estadual, com parceira do munícipio no Ensino Fundamental I e II. Na zona urbana, possui dois núcleos de Educação Infantil, três escolas municipais de Ensino Fundamental e três escolas estaduais, sendo uma escola de séries finais do Ensino Fundamental, uma Escola Plena de Educação Integral de Ensino Fundamental e Médio e a Escola Estadual Domingos Briante que atende o 9º Ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, onde realizamos a pesquisa-ação, cujos dados constam nesta pesquisa.

1.1- O município de São José do Rio Claro, MT.- Amancipação e história

Figura 1- Foto: Prefeitura de São José do Rio Claro

A cidade de São José do Rio Claro, Mato Grosso, está localizada a 320 quilômetros ao Médio Norte da capital, Cuiabá. Seus municípios limítrofes são Nova Maringá, Diamantino e Nova Mutum. O nome do município é uma homenagem ao orago e ao Rio Claro, rio de águas claras e cristalinas.

Consta que, pelos anos de 1730-40, esta região teve movimentação de garimpo nas margens do rio Arinos, mais tarde foi novamente utilizada como via fluvial de penetração pelos seringueiros e, posteriormente, pelos colonizadores.

A primeira tentativa de colonização da região foi em 1953, pelo Deputado Anízio José Moreira e do Sr. Tarley Rossi Vilela, proprietários de uma área territorial. Conta-se que eles estavam visitando suas terras quando sofreram um desastre de avião, quando esse caiu no Rio Arinos. Anízio faleceu nesse acidente e Tarley sobreviveu ao nadar bravamente até às margens do rio.

Os paranaenses Domingos Briante e Pedro Coelho Portilho, principais colonizadores da região, motivados pelo vigor das matas, procuraram o escritório de vendas da IMCOL, em Marialva - PR e, interessados pelas terras, compraram-nas. Em sequência, promoveram à implantação da área urbana do município.

Em 04 de junho de 1976, com a Lei nº 3.734, São José do Rio Claro passou a Distrito de Diamantino, MT. Somente em 20/12/79, pela Lei nº 4.161 na gestão governamental do Dr. Frederico Campos, foi criado o município com o nome de Rio Claro. A troca do nome desagradou a população, devotos de São José, cuja historicidade já era popularmente apreciada no local. Esse fato resultou em grande polêmica e o consequente Decreto-Lei nº 4.294, que fez com que a cidade voltasse a se chamar São José do Rio Claro.

A cidade possui diversas igrejas e capelas, espaços que preservam sua história e tradições. Observa-se que grande parte da população é devota de São José. O aniversário do município é comemorado em dezenove de março, dia do padroeiro. Nesse dia ocorrem grandes festividades na praça central da cidade, também quermesses, leilões e ritos fervorosos nas igrejas.

Registros e fotos do período de colonização encontram-se guardados na Secretaria Municipal de Educação e nas bibliotecas das escolas, também em acervos pessoais de historiadores. São José do Rio Claro é uma cidade de porte médio, com aproximadamente quinze mil (15.000) habitantes nas zonas urbana e rural, segundo

dados oficiais, que constam na Prefeitura Municipal. Os moradores se conhecem e a qualquer fato que ocorre há uma sensibilização de toda a população.

1.1.1 – Economia local

São José do Rio Claro ficou conhecida como “A capital da borracha”, devido aos grandes seringais que se formaram devido ao Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural (PROBOR, 1972) e às árvores nativas. Atualmente é chamada, popularmente, de “Terra de oportunidades”.

Seus rios são famosos no cenário nacional devido aos grandes festivais de pesca. No município estão localizadas as nascentes de dois importantes rios do Estado de Mato Grosso: Rio Claro e Rio Arinos e em ambos a psicultura é abundante. O peixe matrinxã é o mais apreciado da região, também é conhecido como “salmão de água doce” por ter a cor rosácea.

A fauna é rica e em suas florestas pode-se encontrar onças, capivaras, macacos e catetos, também araras, emas, tuiuiús e outros pássaros. Sua vegetação é vasta, com biomas Cerrado e Amazônia, formada por árvores como o jatobá, o ipê amarelo, o angelim, o matupá, cajueiros e seringueiras nativos.

Figura 2

(Fonte: https://www.ferias.tur.br/imagemcapa/4484-870-320-1-saojosedorioclaro.jpg)

Atualmente, destacam-se em sua economia a heveacultura, o extrativismo vegetal de madeira, agricultura de subsistência e em escala industrial. Cultiva-se a soja, o milho, o algodão e a cana-de-açúcar; a pecuária também apresenta forte crescimento. Imigrantes de várias regiões do país, principalmente sulistas e nordestinos têm buscado prosperidade e trabalho nessa região.

A cidade conta com um comércio pujante, existem ao todo trinta e quatro modalidades de comércio diferentes; há quatro hotéis e uma pousada, diversas casas comerciais ligadas aos ramos de armarinhos, produtos agropecuários, confecções, eletrodomésticos, rodoviária, agência de turismo, comércio atacadista de madeira e material de construção e os supermercados entre outros. No comércio e nos serviços destacam-se operações de maior volume de trabalhadores em relação com municípios com tamanho populacional similar.

As rodovias de acesso são a MT-010, interligando Tapurah com a BR-364 sentido Diamantino e Cuiabá, a MT - 235, com destino a Nova Mutum (leste) e a Campo Novo do Parecis (oeste) e a MT-160 (conhecida como Estrada Velha) ou a MT- 249 a Nova Maringá. A pavimentação asfáltica dessas rodovias teve início apenas em 2003, com os primeiros vinte e cinco (25) quilômetros de asfalto na MT-010; sendo considerada pelos moradores de São José do Rio Claro e Diamantino uma redenção para a região, pois no período de chuva, as estradas ficavam intrafegáveis.

Vale ressaltar, que naquela época muitos jovens percorriam aproximadamente 125 quilômetros de estrada de chão para estudar na cidade vizinha. São José do Rio Claro, atualmente consta com apenas um centro universitário e grande parte de nossos alunos ainda continuam percorrendo o mesmo caminho ou vão embora para outras cidades em busca de estudos. Porém muitos deles retornam nos feriados e nas férias de fim de ano para visitar as famílias que ainda permanecem na cidade; outros retornam como profissionais em diversas áreas.

1.1.2 - Influências culturais

Os registros históricos do município trazem que os primeiros habitantes do local foram quatro povos indígenas: Paresí, Arino, Beiço-de-pau e Rikbákta. Etnias

indígenas que deixaram marcas culturais que, embora apagadas pela cultura colonizadora, transcende em costumes, cenários, utensílios e nos causos populares. Consoante a historiadores:

> Não é exagero dizer que não há tradição, cultura, língua e raça que não tenha contribuído com alguma coisa para esse fosforescente turbilhão de misturas e alianças que acontece em todos os aspectos da América Latina. Esse amálgama é sua riqueza. Ser um continente que carece de identidade porque tem todas elas. (VARGAS LLOSA, 2006, p. 9).

A população rio-clarense é rica em diversidade e pluralidade cultural, pois a miscigenação é uma característica marcante dos seus habitantes, cujas famílias provêm de várias regiões do país. Observa-se que as tradições e a cultura regional são passadas de geração em geração pelas diversas manifestações culturais e artísticas apresentandas nas festas populares: religiosas e de rodeio; dá-se grande ênfase às festas juninas. Há as atividades cívicas do aniversário do município e o desfile de Sete de Setembro com o toque da fanfarra municipal. Na alimentação há destaques ao peixe matrinxã (assado), à mojica de peixe e ao furrundu (um doce típico regional).

Embora São José do Rio Claro seja uma cidade pujante, ainda não conta com museus, parques, centros culturais, CTG e CTN ou outros locais de construções físicas, instituições, alusivas à preservação das raízes e identidades. A praça central Domingos Briante é o principal lugar de encontros dos jovens e amigos, nos finais de tarde.

Observamos haver muitas lendas e histórias referentes aos primeiros habitantes, aos colonizadores e moradores, que são contadas de pais para filhos. Fatos que encantam, fascinam e fazem querer registrar um pouco dessas histórias.

Ouve-se, de uma geração para outra, que os índios beiço-de-pau eram arredios e custaram a se aproximar dos seringueiros. Quando esses homens contaram com a amizade dos indígenas, oferecem-lhes alimentos contendo açúcar com arsênico, eliminando-os. “[...] os discursos dos conquistadores voltam-se, em seguida, para os aspectos que evidenciam a sua superioridade em relação aos povos contatados e as intenções que os movem”. (FLECK, 2020, p. 52) O número de mortos foi grande e aos sobreviventes restou um ódio mortal contra os invasores.

Conta-se também que houve sertanistas que levaram alguns índios para a capital do Estado, Cuiabá, com objetivo de exibir seus avantajados badoques nos lábios. Isso causou sensação à mídia e na comunidade urbana, porém, devido a fragilidade e falta de imunidade física, quando estes retornaram a suas tribos, levaram doenças transmissíveis e próprias da civilização. Assim

> Cabe destacar o modo pacífico com que se deram os primeiros contatos entre esses povos extremamente antagônicos. A aparente bondade dos homens brancos se transformaria no flagelo das nações ameríndias, que conheceriam o poder das espadas e das armas de fogo – além das enfermidades contagiosas que aqueles trouxeram a estas terras [...] (FLECK, 2020, p. 53).

Consta que as crianças da tribo Beiço-de-pau, em 1972, foram levadas para o Alto Xingu, para evitar a extinção dessa nação. Fato que ocorreu também com outros indígenas brasileiros. Assim, entendemos que

> Não se pode entender a América Latina sem sair dela e observá-la com os olhos e, também, os mitos e os estereótipos que dela têm sido elaborados no estrangeiro, porque essa dimensão mítica é inseparável da realidade histórica de uma comunidade. (VARGAS LLOSA, 2006, p. 10-11).

Sobre os indígenas que ali viviam, ainda há pouca pesquisa e pouco se sabe em profundidade; deles conhece-se alguns contos populares ou um pequeno lastro histórico, pouco divulgado e passivo de apagamento pelo tempo. Nesse sentido, compreendemos que

> Ao valer-se das expressões próprias daqueles que compreenderam que a constituição híbrida e mestiça da América Latina é nosso valor maior e que, pela arte literária, nosso povo pode manifestar outras possibilidades de conceber o passado, a escrita híbrida de história e ficção converte-se em uma das mais críticas resistências dos povos antes colonizados. (FLECK, 2020, p. 70).

Assim, cabe à escola divulgar, propor pesquisas, demonstrar a real importância da historicidade e identidade local, que precisa ser respeitada e valorizada, para que as próximas gerações também conheçam suas raízes históricas.

1.2 - A instituição escolar

Figura 3 - Foto: Jailson Marino

A Escola Estadual Domingos Briante foi criada pelo decreto nº 1.896, de 12.03.86, seu funcionamento foi autorizado pela Portaria nº 270/88 e reconhecida pela Portaria nº 3277/92. É mantida pela Rede Oficial de Ensino do Estado de Mato Grosso. Recebeu esse nome em homenagem ao colonizador do município, Domingos Briante. Está situada à Rua Santa Catarina, nº 1574, bairro Planalto, no município de São José do Rio Claro, Mato Grosso. Atende, atualmente, a 3ª fase do 3º ciclo do Ensino Fundamental, o Ensino Médio regular e EJA. Localizada em um bairro periférico, contém uma clientela bastante diversificada, possui setecentos e setenta e oito alunos que são atendidos durante os três turnos, sendo a maioria ali residentes. Nessa região urbana, os dados policiais mostram haver um significativo aumento nos índices de violência, com a consequência de perdas de vidas, inclusive discentes.

A instituição escolar possui (41) quarenta e um professores; (21) vinte e um atendentes. Quanto à estrutura física, possui (27) vinte e sete salas de aula; uma biblioteca com livros para leitura e pesquisa, (5) cinco computadores disponíveis para estudos, onde há rotatividade das bibliotecárias, que são funcionárias temporárias. Há

uma rede de *Wi-Fi* para os alunos, aberta nos intervalos e, para fins pedagógicos (no total, são oferecidas três redes de Internet: professores, funcionários e alunos). Conta com (1) uma sala multifuncional onde os alunos com necessidades especiais são atendidos; (1) uma sala de articulação com professores de Matemática e Língua Portuguesa; (1) uma sala de professores; (1) uma sala de coordenação didático-pedagógica; uma sala de direção e (1) uma quadra poliesportiva coberta. Atualmente, a escola passa por reformas estruturais quanto à manutenção.

1.2.1 Uma análise do Projeto Político Pedagógico escolar

Segundo consta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a Escola Estadual Domingos Briante visa a princípios de liberdade, equidade e solidariedade humana, onde os discentes ajam com respeito e dignidade, com noções de valores, direitos e deveres. Dessa maneira, o aluno é orientado a participar ativamente do processo de construção de cidadania. Entretanto, devido à constância de conflitos discentes que ocorrem no interior da escola, entendemos haver desafios a vencer e que se fazem necessárias ações didático-pedagógicas que os conduza a valorizar e a respeitar as diferenças físicas, sociais, culturais, históricas, geográficas e ideológicas.

Embora, para alcançar esse objetivo, observamos que a escola tem buscado promover a interação, a aprendizagem, o espírito de equipe e momentos de lazer, diversão e cultura, por meio de projetos e eventos, como: Aniversário da Escola, Momentos de reflexão, jogos e gincanas, a Semana do Mato Grosso, Consciência Negra e o dia da Família na Escola, motivando e sensibilizando os alunos para um aprendizado significativo e de interação. Para isso, todos os segmentos são chamados e envolvidos nos projetos desenvolvidos, desde o pessoal do apoio nutricional ao gestor escolar. Dessa maneira, vê-se que os alunos estão sendo assistidos, com oportunidades.

Contudo, sozinha a escola não atinge seus objetivos na totalidade, então, entendemos que não somente a escola, mas toda a comunidade escolar e a sociedade em geral devem contribuir para melhorar o entendimento interacional com ações que vão além de se estabelecer regras de relações humanas e respeito mútuo, objetivos fundamentais para que os discentes, futuros cidadãos, possam compreender

os direitos de cada um, de modo que se construa um ambiente de interação, equidade e harmonia.

1.2.2 – O Projeto Político Pedagógico e os discentes dessa pesquisa

O Projeto Político Pedagógico é um instrumento de planejamento e avaliação, também contém parâmetros para refletir sobre as referências, experiências e ações que ocorrem no contexto escolar.

Os índices de proficiência da Prova Brasil 2017, na disciplina de Língua Portuguesa, nas fases finais do Ensino Fundamental - 9° Ano, mostraram que apenas 33% dos alunos avaliados atingirem o nível adequado na competência de leitura e interpretação de textos. Também o resultado do último IDEB trouxe dados abaixo da meta pretendida, atingindo 4,2 de média geral as turmas dos anos finais. Com escores tão baixos, constata-se que o ensino da produção de leitura e de interpretação textual não tem sido desenvolvido com a eficiência necessária. No Projeto Político Pedagógico da escola ainda consta a necessidade em melhorar os índices apresentados nessas avaliações e nas avaliações realizadas pelo MEC e pela SEDUC, tanto na disciplina de Língua Portuguesa quanto na disciplina de Matemática, pois as projeções estabelecidas não foram alcançadas.

Essa constatação desafia os educadores a repensarem suas estratégias de ensino. Estratégias que auxiliem e motivem estudos discentes na disciplina de Língua Portuguesa e, por consequências, de outras disciplinas, devido a leitura interpretativa ser a grande estrela no papel humanizador e promotor de desenvolvimento intelectual, também visando a alcançar reflexões teórico-práticas. Nessa perspectiva, entendemos que

> Negar nossa responsabilidade, como professores, na formação de leitores, desde a implantação e desenvolvimento do hábito, até a condução da análise crítica, em todos os segmentos do ensino, é omitir-se como profissional, abnegando aos demais preciosos frutos que poderá o nosso trabalho gerar. (FLECK, 2007, p.16).

Assim, buscamos desenvolver uma pesquisa de cunho propositivo com propostas de leitura e literatura que envolvem a diversidade social e contextual dos alunos, por meio do ensino dos textos em verso e em prosa, em diferentes gêneros literários, tendo como temática a “pluralidade cultural”.

1.2.3 - Proposição do projeto propositivo

O Conselho Gestor do Programa de Mestrado Profissional - PROFLETRAS, por meio da Resolução nº 003/2021, definiu e autorizou alternativas para a elaboração dos Trabalhos de Conclusão do Curso para a sétima turma do Mestrado. Ao fazê-lo, indicou possibilidade em se optar pela forma propositiva ou interventiva da pesquisa e suas ações. Assim, após reflexões, optou-se aqui pela primeira (projeto propositivo).

Propusemo-nos a desenvolver um projeto que contemplasse atividades de leitura literária. Então, por conhecermos os problemas sociais circundantes no espaço escolar, sentimos que a leitura de textos literários, amalgamada com a diversidade cultural, pode proporcionar um espaço de amplo debate de ideias para a construção do pensamento e o exercício da cidadania. Assim, entendemos que é essencial, no processo de leitura, a experiência e o leitor como elemento central para o conhecimento e interpretação de uma obra.

A leitura literária pode contribuir para formar leitores competentes, conscientes do espaço social que ocupam, capazes de confrontar opiniões e refletir sobre a realidade ao seu redor. “Compreendemos a leitura enquanto um processo historicamente determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade”. (SILVA; ZILBERMAN, 2004, p. 112).

Segundo Jauss (*apud* ZILBERMAN, 1989, p. 54), é lícito pensar a experiência estética como propiciadora da emancipação do sujeito: em primeiro lugar, liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação na compreensão da vida prática; e, enfim é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados. Com esse entendimento, consideramos que

> Uma obra antiga não sobrevive na tradição histórica da experiência estética por questões eternas, nem por respostas permanentes, mas em razão de uma tensão mais ou menos aberta entre questão e respostas, problema e solução, que pode suscitar uma compreensão

> nova e determinar a retomada do diálogo do presente com o passado. (JAUSS apud ZILBERMAN, 1989, p. 74).

Desse modo, ao visarmos a refletir sobre como oferecer alternativas ao profissional de Língua Portuguesa para a construção do sujeito leitor, propomos uma experiência significativa com a literatura. Assim, o sujeito leitor constrói expectativas para a leitura literária e sentidos para o texto. Podendo tornar-se consciente de suas ações com o outro, com a sociedade e com o mundo ao seu redor. Enfim, a Literatura pode ser libertadora.

II. VIESES LITERÁRIOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A leitura do texto literário, no espaço escolar, deve estar relacionada, sempre que possível, ao aspecto lúdico e ao prazer pelo ato de ler. E, neste capítulo, procuramos estabelecer um real debate de ideias a respeito da preocupação, da motivação e da possível melhoria no ensino de leitura por meio de textos literários voltados ao público infantil e juvenil. Entendemos que as literaturas infantil e juvenil, quando bem orientadas, podem interagir e dialogar com o leitor, ampliando seu horizonte de expectativas, e despertando seu interesse, pois,

> [...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a "meio e fim", conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

Percebemos que é preciso instigar os leitores, crianças e jovens, para que desenvolvam o hábito e o interesse pela leitura, pois, entendemos que não se nasce gostando de ler, aprende-se. Isso, à medida em que esse universo de abstrações não esteja ligado à sobrevivência humana, mas a questões culturais. As crianças e os adolescentes da atualidade já nascem imersos em um universo de tecnologias inovadoras, que competem e dividem sua atenção e interesse. Assim,

> [...] a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (Einstelung auf) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado. (JAUSS, 1979, p. 69).

Ao se desenvolver a experiência estética de uma obra percebemos a sintonia com o efeito estético, um encontro significativo e fruidor do texto com o leitor, com o

efeito compreensivo. A fruição de uma obra promove o sentimento de prazer, uma vez que

> [...] a leitura acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. O resultado é a fruição da obra, sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado ao imaginário do leitor, que assim navega em outras águas, diversas dos familiares a que está habituado. (ZILBERMAN, 2008, p. 18).

Sendo a leitura uma base da interação da palavra com o mundo, resulta que, por meio dela, pode-se formar cidadãos (leitores) reflexivos e autônomos, capazes de compreender os acontecimentos ao seu redor e, principalmente, conscientes de seu papel na sociedade. Ela desenvolve um papel transformador na construção do caráter formativo das crianças e jovens, pois, oportuniza o intercâmbio com o texto, vivenciando situações das interpretações criadas pelo imaginário.

A leitura literária deve ser pensada quanto à sua função, quando diz respeito à fruição, ao deleite e à experiência estética da palavra. No âmbito da sala de aula, os gêneros literários têm sido, muitas vezes, pretexto para o mero ensino de aspectos gramaticais da língua, com interpretações prontas e acabadas. Todavia, não se pode pensar a educação literária pelo simples cumprimento de currículo ou deleite, é preciso ensinar o aluno a fazer relações entre o texto e o contexto de produção, o leitor e o texto. Nesse contexto, acreditamos que

> […] a literatura deve ser primordial, pois por meio dela há uma relação dialógica entre leitura e escrita, além das variadas facetas da linguagem. A literatura trabalha com o ser e na perspectiva da sala de aula, podemos usá-la em todas as instâncias, seja de leitura ou de escrita, enfim, em tudo que envolver o uso de exercício da linguagem. (VOLTOLINI; HUNHOFF, 2021, p. 239-240).

Assim, sentimos que os benefícios da literatura infantil e juvenil extrapolam os limites da escola e que “[...] o conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital”. (MORIN, 2000, p. 35). E esse conhecimento pode transformar os modos de pensar, sentir, agir e promover mudanças qualitativas no processo de formação humana.

Para Cândido (2004, p. 175), a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo, pois os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. Assim, consoante ao autor, compreendemos que a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas sociais, circundantes em nossa vivência.

2.1- A literatura em sala de aula

É com a prática e o hábito da leitura que se descobre e aprende muitas coisas que transformam os seres humanos em pessoas experientes, interativas com o mundo de forma mais crítica. Por isso, a leitura do texto literário deve ir além da sala de aula, para abrir novos horizontes e novos caminhos, novas formas de ler e atribuir sentidos.

Observamos que, nos dias atuais, a leitura do texto literário está se tornando um pouco rara entre os adolescentes e que na escola, muitas vezes, ainda é feita de forma mecânica, como pretexto para o treinamento da escrita. A literatura em sala de aula, se praticada só dessa maneira, acaba sendo monótona e cansativa, pois os alunos não se sentirão sensibilizados à atribuição de sentidos que os fatos ficcionais proporcionam.

Destacamos a importância da escola trabalhar a literatura e todo o contexto que envolve a narrativa ficcional. É preciso ir além do *status quo*, fazer o discente pensar, fruir, levá-lo a dar significados a esses textos lidos. Dar sentido àquilo que os discentes estão lendo para que esses desenvolvam interesse em sua leitura, para que descubram o quanto é importante e que também pode ser prazeroso ler, dentro e fora do ambiente escolar.

Devido a leitura ser uma base de interação da palavra com o mundo, através dela forma-se cidadãos capazes de questionar e, possivelmente, compreender os acontecimentos ao seu redor. O leitor de textos literários geralmente tem uma postura crítica em relação à sua realidade, pois, ela desenvolve um papel transformador na construção do caráter formativo das crianças e jovens, oportuniza

o intercâmbio com o texto, vivenciando situações das leituras criadas pelo imaginário.

Os dados do PISA, do PEIRLS, da Prova Brasil, de Retratos do Brasil e outras instituições de pesquisas, nacionais e internacionais, têm demonstrado haver grande desigualdade intelectual e, por consequência social, no cotidiano das escolas entre seus alunos. Entendemos que as condições de precariedade econômicas e sociais podem interferir na aprendizagem escolar. Vemos que a maioria dos alunos só tem contato com os textos literários e outros bens culturais quando vão para a escola. Muitos alunos veem neles, nos estudos e nas boas obras literárias, a oportunidade de mudar suas condições de vida ou vivenciar através dos textos uma realidade diversa.

A literatura possibilita um novo olhar para o mundo e novos sentidos para a vida, pois o leitor sempre ressignificará os textos literários, cuja interpretação plurissignificativa é vital, por ser vida em transformação. A leitura literária faz com que se compreenda melhor o mundo ao redor, sendo fonte inesgotável de conhecimentos. Assim, concordamos que,

> [...] por ter a função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores e formas intensamente humanas é que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. (COSSON, 2007, p. 17).

A leitura ficcional, por meio de narrativas em que os alunos se identifiquem com as personagens e com o cenário contextual, pode ajudar a despertar o entendimento do mundo circunstancial, por acrescentar o conhecimento adquirido às experiências vivenciadas. “A literatura nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais”. (COLOMER, 2007, p. 36). Essa leitura promove a interiorização de conhecimentos e, principalmente, a integração social. Também é conhecimento, sabedoria e inspiração, e, por isso, deve estar presente na vida escolar e social de cada indivíduo, para que possa desbravar desafios que a realidade impõe, diariamente. “Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele”. (MORIN, 2000, p. 47).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.20), nessa perspectiva, a língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que

possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Nesse sentido, compreendemos que aprendê-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Entendemos ser necessária a integração dos conhecimentos sobre a obra literária com os conhecimentos culturais dos alunos, pois, assim pode ocorrer a ampliação de horizontes culturais, de significações e entendimentos. A compreensão sobre a leitura literária é um processo que depende de conhecimentos e interesses prévios ao ato de leitura. Zilberman se volta para a teoria proposta nas palestras de Jauss sobre a recepção textual, quando o autor orienta para a análise de ações do leitor diante do texto:

> Jauss não acredita que o significado de uma criação artística possa ser alcançado, sem ter sido vivenciado esteticamente: não há conhecimento sem prazer, nem a recíproca, levando-o a formular um par de conceitos que acompanham suas reflexões posteriores: os de fruição compreensiva [verstehendes Geniessen] e compreensão fruidora [geniessendes Verstelen], processos que ocorrem simultaneamente e indicam como só se pode gostar do que se entende e compreender o que se aprecia. (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

Dessa forma, acreditamos que os alunos devam ter uma experiência estética com os textos literários para que possam aprofundar sua experiência de leitura e de vida. Jauss (1979) aborda os vocábulos “prazer” e “fruição”, sendo o primeiro “um deleite” e o segundo como “reflexão e descoberta” que ocorrem em simultaneidade. Diferentemente de Barthes (2015, *apud* MOISÉS) que fala sobre o prazer do texto como fruição: “Distingue o prazer do gozo, ligando o primeiro aos textos literários clássicos, e o segundo aos textos radicais da modernidade [...]. (MOISÉS, 1983, p. 51). Assim, Barthes propõe buscar no futuro o gozo e no passado o prazer (Ib. p. 59), pois, cada texto e cada leitura são únicos em sua diferença, pois, toda interpretação pode ser plural de significados a depender do nível intelectual do leitor. “O treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos determinadas técnicas”. (MARTINS, 1997, p. 84). Então, caberá ao professor mostrar ao discente como aprender a gostar de ler, com técnicas que o motive a se aprimorar nessa importante ação educacional, dialogando com conhecimentos interdisciplinares anteriores.

> De um lado, situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor de outro, a recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela. Sobre esta base, de mão dupla, acontece a fusão de horizontes, equivalente a construção de sentidos. (ZILBERMAN,1989, p. 65).

Os elementos centrais para o conhecimento e interpretação de uma obra são o processo de leitura, a experiência e o leitor, "[…] isso porque ao dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor". (MARTINS, 1997, p. 33). Por isso, há a necessidade do profissional escolar orientar para textos que despertem interesse, que estejam mais ou menos de acordo com a faixa etária ou o nível cultural discente.

Ao analisarmos que o Brasil possui uma grande dimensão territorial, com uma população numerosa e miscigenada, que apresenta uma vasta diversidade cultural, vemos que em seu contexto a literatura encontra uma gama de possibilidades para se trabalhar noções de identidade, história e cultura. Isso porque os textos literários podem conter a representação de uma nação, de uma sociedade, de valores tradicionais e culturais e da própria identidade. Desse modo, na concepção deste estudo temos em vista que:

> [...] a complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2020, p. 55).

Portanto, a literatura pode ser compreendida como uma contextualização da sociedade num dado momento, pois no texto literário possibilita-se fazer várias leituras, por ser plurissignificativo.

2.2 Literatura e ensino

Entende-se que o afastamento das crianças e jovens da leitura literária, de um texto ou de um livro, não acontece só por causa da leitura avaliativa e das novas tecnologias que disputam a sua atenção e interesse, mas, principalmente, pela falta de recepção que, muitas vezes, acontece dentro e fora da sala de aula. As

descobertas, os conhecimentos adquiridos e a viagem virtual que a leitura proporciona são essenciais no processo de aprendizagem.

O professor deve observar para orientar que a leitura literária, antes de tudo, deve ser significativa ao aluno e será por consequência, fruidora, “[…] ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo pode-se dizer das nossas aulas”. (LAJOLO,1982, p. 15).

Os alunos necessitam dar sentido àquilo que estão lendo e encontrar objetivos em sua leitura, dentro e fora do ambiente escolar. “O fato de reafirmar a validade da experiência estética como simultaneamente prazer e conhecimento não impede Jauss de atribuir-lhe uma função transgressora”. (ZILBERMAN, 1989, p. 54). Nesse sentido, o leitor irá, progressivamente, percebendo as sutilezas de cada texto, pois,

> […] não podemos simplesmente nos apropriar do texto ou aceitá-lo passivamente. Temos, antes, que conquistá-lo, conhecendo e respeitando suas características próprias. Isso implica cercá-lo de uma atenção tal que nos leve a perceber peculiaridades, aquilo que o diferencia dos demais, torna-o algo único, não importa se apresente maior ou menor grau de qualidade. (MARTINS, 1997, p. 71-72).

A interpretação do texto literário em suas especificidades permite a integração de conhecimentos do texto com outros conhecimentos culturais dos alunos. A ampliação do “horizonte de expectativas” como parte constituinte no processo de ensino aprendizagem amplia os interesses dos alunos, motivando-os a buscarem textos que desafiem seus conceitos e sua realidade. Dessa maneira, entendemos que

> […] o trabalho de transformar a nossa sociedade passa, necessariamente, por mudar a sua mentalidade colonizada – que parte da ideia de superioridade de uns sobre outros, da subserviência, da subjugação e da exploração – e a educação é a única via para alcançar tamanha proeza. (FLECK, 2019, p. 88).

Assim, torna-se necessário promover a mudança de atitudes leitoras e concepções de textos literários, tanto na recepção quanto na valorização. E, com a temática sobre a diversidade cultural, desenvolvida no próximo capítulo desta dissertação, embora entendamos não ser uma tarefa fácil, poderá servir de incentivo e despertar interesses no jovem leitor.

Diante do exposto, compreendemos a necessidade e a urgência em se trabalhar temas transversais na sala de aula, assim como ressignificar as práticas

pedagógicas para que a leitura e a escrita dos alunos ocorram, fluentemente. A família e a escola, juntas, podem promover ações altruístas e, quando a primeira falha, caberá à segunda promover inclusões, desmistificar estereótipos e preconceitos que se cristalizaram ao longo dos tempos. Pois “[...] não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes, segundo as experiências dos homens que as produzem”. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p.11).

Vemos que o campo literário pode colaborar para a desconstrução de alguns preconceitos, esses já enraizados na formação inicial de crianças a adultos. Os preconceitos, muitas vezes, construídos sem consciência, multiplicam-se nos espaços sociais. Mas, acreditamos que a partir do momento em que trouxermos essa discussão e reflexão para a sala de aula, aproximamo-nos da realidade social em que muitos alunos estão inseridos, isso porque os textos literários amalgamados com uma leitura fruidora, significativa e reflexiva, podem contribuir para que não se perpetuem certos preconceitos. Desta maneira, citamos os Parâmetros Curriculares Nacional que dizem:

> A cultura pode assumir sentido de sobrevivência, estímulo e resistência. Quando valorizada, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática. (BRASIL, 2001, 132).

Assim, entende-se que a literatura é uma fonte de conscientização que pode valorizar a identidade, despertar interesses e ainda proporcionar o deleite de um sujeito inserido em uma sociedade desigual, por vezes injusta e autoritária. Portanto, “[...] a função social da escola durante o Ensino Fundamental é a de formar estudantes que tenham o gosto, o hábito e o prazer da leitura instaurados em sua subjetividade”. (FLECK, 2019, p. 101). Para que tal habilidade e competência se desenvolvam com êxito e sucesso no espaço escolar, vê-se a necessidade de se trabalhar com projetos de leitura e escrita que valorizem as diferenças culturais.

A poesia e a prosa, em diferentes gêneros literários, com temáticas vinculadas à vida cultural e social, podem atender necessidades específicas para a comunicação, pois, apresentam práticas sociocomunicativas variáveis, o que possibilita uma nova perspectiva no processo de leitura e formação de um leitor. Nesse sentido,

> O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida. (AGUIAR, 2013, p. 153)

Assim, percebemos que pode ser por meio da prática da leitura de textos literários que teremos novas concepções cidadãs e novas perspectivas culturais, pois, a literatura torna o mundo mais compreensível. “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque nos faz viver”. (CÂNDIDO, 2004, p.176). Como a literatura é humanizadora, ela permite que o conhecimento transmitido por meio das palavras, das artes e dos sentidos passem do estado de emoção para o aprendizado.

2.3 A Leitura na formação cidadã

Ler é muito mais que a decodificação de signos linguísticos. A interpretação do texto literário, em suas especificidades, permite a integração de conhecimentos com outros conhecimentos culturais. A leitura representa um fenômeno social, é um processo de construção de significado e atribuição de sentidos.

A ampliação do horizonte de expectativas como parte constituinte no processo de ensino aprendizagem amplia os interesses dos alunos, motivando-os a se interessarem pelos textos que desafiem seus conceitos e sua realidade. “É na experiência da leitura, e não nas informações dos manuais que residem o saber e o sabor da literatura”. (COSSON, 2021, p. 107).

A leitura literária constrói em cada sujeito leitor um conhecimento sociocultural. Percebemos “[...] a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de experiência única com o texto literário”. (ZILBERMAN, 2009, p. 16). Através desse encontro desenvolve-se competências de interações sociais. Dessa maneira, entendemos que

> [...] os valores da liberdade, tolerância ou defesa de uma vida individual prazerosa fazem com que a literatura infantil e juvenil se dirija a enfrentar qualquer forma de poder autoritário; a denunciar as formas de alienação e exploração da sociedade industrial moderna; a reivindicar tanto a vida rural quanto aquela própria de culturas não

> industriais, como a harmonia com a natureza, e a defender os setores socialmente débeis ou diferentes (pessoas imigrantes, exploradas ou de raças minoritárias). (COLOMER, 2017, p. 203).

A autora, embora fale de um lugar distante da América Latina (e do Brasil), tem um olhar perceptivo a problemas universais, pois, a sua realidade é semelhante à brasileira. A leitura literária permite construir relações entre povos, entre o passado, o presente e o futuro de maneira crítica, política e autônoma, vivenciar as mais diversas situações e experiências pelas quais a sociedade e o mundo passam.

Assim, percebemos que pode ser por meio da prática da leitura de textos literários que teremos novas concepções e novas perspectivas vivenciais, pois, a literatura humaniza e torna o mundo mais compreensível. Então, pode-se entender que:

> […] a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, também é de todos. (COSSON, 2021, p. 16).

A literatura pela força da palavra promove a liberdade. É através da leitura literária que nos tornamos cidadãos críticos, reflexivos e protagonistas do mundo em que vivemos, condições indispensáveis para o exercício da cidadania.

2.3.1- A literatura infantil e juvenil

Monteiro Lobato foi o grande percussor de uma nova literatura infantil. Com suas obras as crianças passaram a ser vistas com mais autonomia e protagonismo. As histórias passaram a ser lidas pelo texto e pelas ilustrações. No Brasil, a produção literária voltada para o público infantil e juvenil, cresceu significantemente a partir de 1970.

Se a leitura literária é primordial na construção do caráter formativo das crianças e jovens, por oportunizar o intercâmbio com o texto e estimular o exercício

da mente, a produção de sentidos e a consciência em relação ao próximo e com o mundo, por que então se percebe que nos anos finais do Ensino Fundamental há pouca interação entre a literatura com o ensino da língua? Entendemos que “[...] a literatura infantil e juvenil exerceu sempre uma função socializadora das novas gerações.” (COLOMER, 2017, p.62). Muitas crianças e jovens veem por meio dos textos literários a oportunidade de sonhar e imaginar uma realidade melhor. Nesse sentido:

> [...] A literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do humano. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura. (COELHO, 2000, p.10).

A literatura infantil e juvenil tem uma linguagem universal; acessível, profunda, porém, não complexa, pois sua análise exige a participação do leitor o que transforma a leitura literária em um momento prazeroso e acolhedor. O texto literário infantil e juvenil também contribui para os percursos de leitura na formação de leitores. Dessa maneira:

> A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000, p.15).

Os textos literários permitem a interação e possíveis diálogos com o leitor, ampliando seu horizonte de expectativas culturais. Porém, percebemos que a leitura literária nos dias atuais está cada vez mais rara no currículo escolar e, tendo um papel tão fundamental na formação de crianças e jovens, precisa estar mais presente na sala de aula e no espaço escolar. Nesse sentido,

> Para que o convívio do leitor com a literatura resulte efetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil. (COELHO, 2000, p.32).

Entendemos que os alunos encontram estímulos para o conhecimento e para a leitura literária num texto significativo e atraente, que produza sentidos com a sua

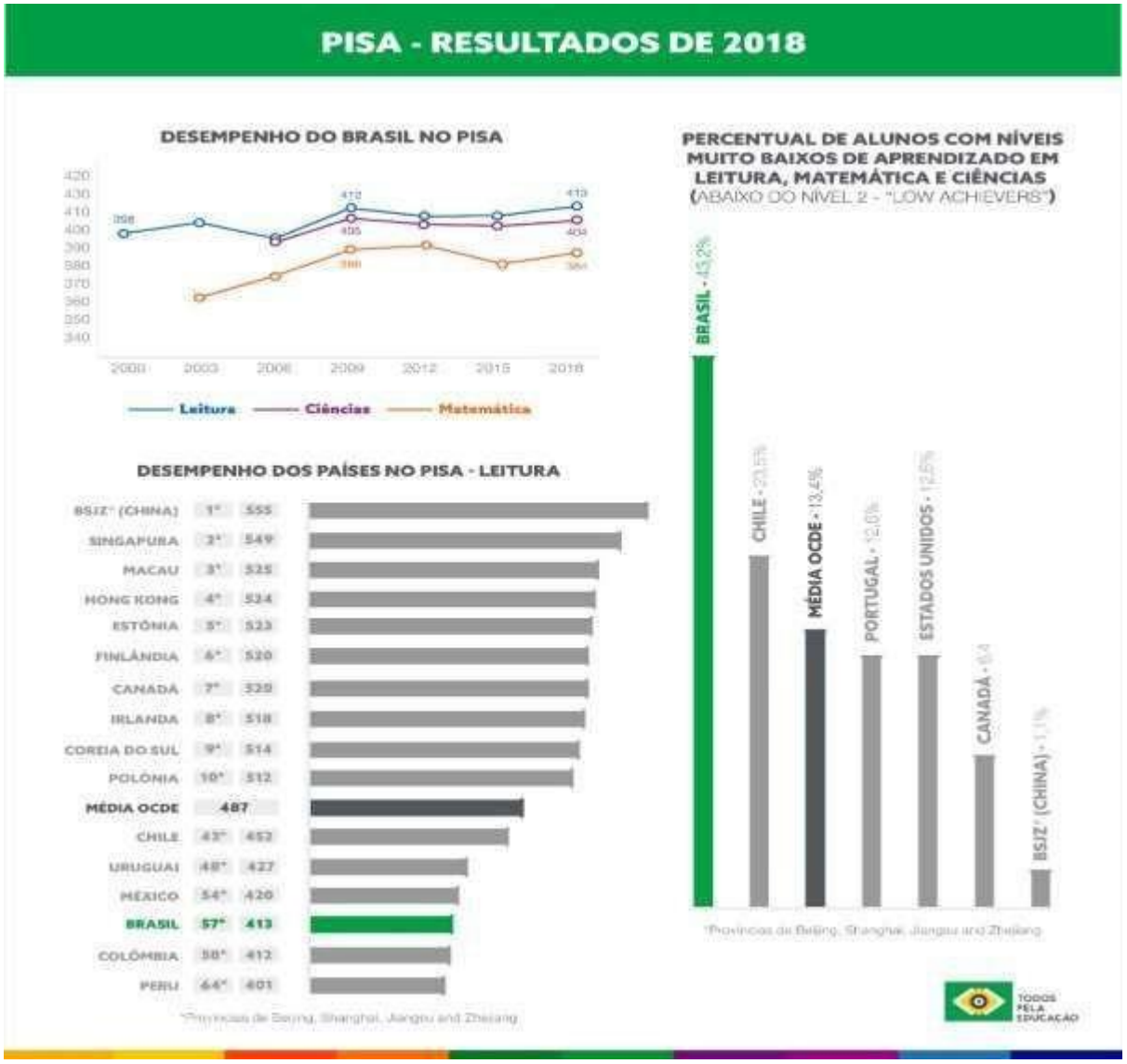
realidade. A literatura infantil e juvenil, o docente e a escola, portanto, desenvolvem um papel transformador para a mobilidade social, a socialização de saberes e a construção de novos saberes.

2.4- Pesquisas em literatura

É importante refletir sobre os processos de leitura em sala de aula e em nosso país, pois, como já explanamos, ler não é decifrar um código de escrita. Conforme Aguiar (2013, p. 153), “O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada [...]”, o ato de ler também interfere na construção de sentidos para o texto e para o sujeito leitor.

Atualmente, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) tem indicado dificuldades de leitura e interpretação de textos de diversos gêneros entre os estudantes do Ensino Fundamental, e dos anos finais do Ensino Médio. Estes apresentaram baixos índices em Língua Portuguesa e em Matemática, fato que ocorre em muitos países e no Brasil, de forma bem acentuada, haja vista nosso escore estar nas últimas colocações.

Figura 4



(Fonte: https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pisa-2018/)

Quanto ao ensino de linguagens, a matriz do PISA foca em habilidades de encontrar, selecionar, interpretar e avaliar informações em diversos gêneros textuais, incluindo textos usados dentro e fora da sala de aula. As novas tecnologias são importantes para a compreensão e atribuição de sentidos para a leitura e para o mundo, pois “[...] podemos conceber o texto como todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos, através de alguma substância física”. (AGUIAR, 2013, p. 154).

As avaliações mostram que a maioria dos alunos foi alfabetizada e não letrada, ou seja, decifra o código de escrita, porém, não compreende o que lê. O PISA, além de mostrar um retrato do Sistema Educacional Brasileiro, permite fazer paralelos e comparações com diversos países. Nesse sentido, entendemos que:

> A leitura não é mais considerada uma habilidade adquirida apenas na infância, durante os primeiros anos de escolarização. Em vez disso, é vista como um conjunto crescente de conhecimentos, habilidades e estratégias que as pessoas constroem ao longo da vida em diversos contextos, por meio da interação com seus pares e com a comunidade em geral. Assim, a leitura deve ser considerada nas várias maneiras pelas quais os cidadãos interagem com artefatos baseados em texto e como a leitura é parte da aprendizagem ao longo da vida. (BRASIL NO PISA, 2018, 2020, p. 52).

Dessa maneira, compreendemos a importância da pesquisa que aponta deficiências escolares e nos direciona em pensar sobre a necessidade de uma prática discursiva, na qual o leitor possa interagir e refletir sobre o texto. “Ler é, assim, apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente por um ou mais autores inseridos em determinada comunidade”. (AGUIAR, 2013, p.154).

Se as avaliações de leitura e literatura são instrumentos importantes para a verificação da aprendizagem, será através desses resultados avaliativos do PISA que, conscientes de que há muito para se fazer, planejaremos ações para que os alunos encontrem significado e sentido em sua leitura. Entendemos que, se a escola sozinha não está conseguindo aprimorar seu ensino, então o Brasil necessita de políticas públicas para que o leitor possa aprimorar suas habilidades leitoras de modo significativo. Desse modo:

> Nossos alunos não leem, não escrevem, não se interessam por literatura por obra do acaso, ou porque assim determinou o vento. Nossos projetos de educação literária fracassam porque gente com fome, desempregada, ameaçada de despejo, gente sem luz e água encanada em casa, gente semialfabetizada, gente explorada pelo trabalho até a exaustão mais absoluta, gente brutalizada por condições de vida as mais adversas não dispõe de condições objetivas mínimas para se interessar por literatura, mas, dialeticamente, quanto mais impossível ou inalcançável ou desnecessária a literatura pareça, tanto mais imprescindível ela se faz. (DALVI, 2021, p. 40).

Diante das dificuldades a se enfrentar, como: acervos desatualizados, pouco apoio e incentivo à educação e à leitura, a pouca participação da família no processo da construção do sujeito leitor, será necessário urgentes providências, como: promover ações em que os alunos possam conhecer novos sentidos e novos significados através da leitura literária, para que possam melhorar suas relações interativas e, consequentemente, descobrir um mundo melhor. O encontro significativo com o texto também é um instrumento de libertação.

Outros programas de pesquisa também atestam haver uma sensível inoperância da escola em relação às disciplinas de Português (leitura e escrita) e de Matemática. Na 5ª edição da “Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil” (2020, p. 45 e 87), de 11 de setembro de 2020, indicou que o gosto pela leitura está alto entre as crianças e são elas que leem mais livros de literatura, por vontade própria. Porém, apontou que esse índice vai diminuindo à medida que elas crescem.

Segundo a pesquisa, entre as faixas etárias de 14 a 17 anos e de 18 a 24 anos apresentou o maior percentual de queda de leitores, de oito (8) pontos percentuais; outro dado importante é que a pesquisa apontou o professor como maior motivador por incentivar o interesse dos alunos (52%) para o gênero literatura.

Diante do exposto compreendemos que, para a literatura estender-se as séries finais do Ensino Fundamental, é necessário que os docentes assumam suas responsabilidades na formação de leitores; por meio da experiência pessoal e do desenvolvimento do hábito e da condução à análise crítica de obras.

2.5- Estereótipos literários

A literatura amplia a fruição estética e o conhecimento sobre o mundo e sobre o leitor. Os estereótipos são imagens, ideias pré-concebidas de alguém ou algo baseado num modelo de falsas generalizações.

Ao escolhermos em nossa pesquisa o tema “pluralidade cultural” com textos em verso e em prosa, em diversos gêneros literários, buscamos desconstruir mitos, imagens sociais, racismos, estereótipos com um ensino que vise a suavizar e até a extirpar certos preconceitos que estão arraigados em nossa sociedade e em nossas escolas, particularmente, onde surgem conflitos sobre costumes, linguagens dialetais,

religiosidade e relacionamentos; entre alunos cujas famílias vêm de diferentes regiões do país com identidades representativas diferentes. Compreendemos que:

> Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p. 31).

Constroem-se estereótipos inconscientemente, pois "[...] as imagens arquetípicas são *a priori* tão significativas que o homem nunca pergunta o que, a rigor, poderiam significar". (JUNG, 2000, p. 19). O preconceito, muitas vezes, normaliza-se, mas a leitura de textos literários permite olhar o mundo de várias maneiras, entender as diferenças e a singularidade de cada ser.

A leitura literária deve produzir sentidos para o sujeito leitor. O mesmo deve sentir-se representado, pois a leitura é uma atividade complexa que envolve a compreensão, a produção de sentidos e a crítica. Assim, entende-se que precisamos estabelecer relações de interação entre o texto e o leitor.

Em sala de aula, precisa-se discutir o preconceito e os estereótipos. Torna-se necessário romper com certos paradigmas e, ao se criar espaços para o diálogo, a literatura poderá abrir um leque de possibilidades interpretativas em nossos alunos, pois:

> O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2000, p.16).

A leitura literária permite ao leitor uma identificação com a personagem, com o contexto social ou histórico e a conviver com a diversidade e a pluralidade cultural. A literatura promove a (des)construção de estereótipos presentes na sociedade.

Exemplarmente, citamos Machado de Assis, maior escritor brasileiro, negro, filho de um descendente de negros alforriados com portugueses e de uma mulher cujo ofício era o de lavadeira. Também Carolina Maria de Jesus, catadora de papel, autora da obra *Quarto de despejo*. Ambos se destacam diante do cânone literários, entre outros. Assim, percebemos que a leitura literária é feita para todos e por todos, que a literatura pode mostrar visões de mundo e experiências diferentes de viver.

A influência cultural direciona a se criar hábitos e valores pré-estabelecidos e cristalizados em nossa realidade, tais como: contos de fadas com princesas brancas; os bandidos e as empregadas domésticos negros; o mocinho lindo e loiro; o índio - um selvagem sem sentimentos e emoções; as favelas como lugares propícios para o tráfico de drogas. Os estereótipos estão presentes na memória das pessoas. Porém, os estereótipos não possuem formas pré-definidas. Nesse sentido, entendemos que:

> O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tomar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência. (JUNG, 2000, p. 54).

Assim, compreende-se a importância em trabalhar a pluralidade cultural, por esta fazer parte e estar presente nos gêneros literários e na sala de aula, pois, a literatura possibilita olhar para o mundo, para a vida e ressignificar a leitura literária.

> Falar de literatura é falar de tempo e desejo, mobilizar sonhos, imaginação, inserir-se na cultura e na arte das diferentes civilizações. A literatura, ao construir sentidos no leitor, é capaz de auxiliá-lo a ler o mundo em sua subjetividade. (SOUZA, 2017, p. 39).

É indispensável que os alunos tenham acesso à leitura de textos literários para que possam formular e organizar uma linha de pensamento para a construção de seu universo intelectual, se possível mais humano, afinal, a literatura liberta de velhos preconceitos e ideologias.

2.6 - Questões de identidade em classe escolar

O ambiente escolar é um espaço multicultural, marcado pelas diferenças sociais, culturais, éticas e socioeconômicas. A identidade cultural está relacionada com a complexidade da diversidade cultural presente em nosso país. Desta maneira

> Não é exagero dizer que não há tradição, cultura, língua e raça que não tenha contribuído com alguma coisa para esse fosforescente turbilhão de misturas e alianças que acontece em todos os aspectos da vida na América Latina. Esse amálgama é sua riqueza. Ser um continente que carece de identidade porque tem todas elas. (LLOSA, 2006, p. 9).

As identidades culturais presentes em classe são complexas, por isso a educação não deve ser excludente, injusta ou autoritária. A desigualdade social, principalmente intelectual e econômica, é marcante e afeta direta ou indiretamente grande parte dos discentes. Percebe-se também que “[...] é bastante comum a expectativa de desempenho baixo em relação ao aluno proveniente das camadas economicamente menos favorecidas e/ou de grupos étnicos socialmente discriminados”. (BRASIL, 2001, p. 126). Dessa maneira:

> A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p.16).

Nesse contexto, percebe-se que a literatura infantil e juvenil pode contribuir para entendimentos e novos caminhos, novas formas de ler e atribuir sentidos, oferecer condições para o reconhecimento e valorização de características específicas, singulares, históricas, geográficas e sociais.

Assim, é preciso que a escola tenha um olhar diferenciado e sem preconceitos em relação à pluralidade cultural dentro do contexto escolar, para que as diferenças sejam vistas de maneira respeitosa. Pois,

> Numa sociedade desigual, os problemas de leitura se diversificam conforme as características de classe. As soluções possíveis se orientam para o pluralismo cultural, ou seja, a oferta de textos vários, que deem conta das diferentes representações sociais. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p.13).

A leitura literária relacionada com as vivências e experiências dos adolescentes possibilita as produções de sentidos e a percepção do mundo ao redor. O sujeito leitor, se estiver consciente de suas ações e cidadania, será capaz de conviver, valorizar e respeitar a diversidade cultural presente na sociedade brasileira.

2.7- Pluralidade cultural no texto literário

A expressão “pluralidade cultural”, como temática em um projeto didático-pedagógico, pode motivar o interesse discente. Entendemos que o ensino sobre diferentes culturas existenciais leva os alunos a reconhecerem e a respeitarem essa

diversidade existentes no espaço escolar, pode levá-los a promoverem uma educação preocupada com o exercício da cidadania. Sendo a cultura brasileira o resultado da miscigenação de povos e raças que participaram da formação da população brasileira, entendemos que existem universos culturais diferentes em sala de aula. Como vimos,

> O Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade: é índio, afrodescendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caiçara, caipira... Coexistem aqui culturas singulares, ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Contudo, ao longo de nossa história, têm existido preconceitos, relações de discriminação e exclusão social que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania. (BRASIL, 1997, p. 15).

Percebemos que as relações sociais discriminatórias e excludentes ainda permeiam a sociedade brasileira. Muitas vezes, a pluralidade cultural é um discurso da própria escola, porém, não é uma prática. Assim, é preciso que a escola procure conhecer a diversidade do Brasil e desenvolva, junto aos docentes, primeiramente, depois com os discentes, a consciência de direitos e deveres. Estes permitirão que participem, confiantes e ativamente, da vida em sociedade. Consoantes que

> O grupo social não é simplesmente um todo homogêneo. Nele habitam vontades, saberes e posicionamentos diversificados, mas convergentes, que geram as possibilidades de relações internas e com outros grupos. (BORDINI; AGUIAR, 1998, p. 9).

Uma educação preocupada com o exercício da cidadania precisa valorizar as características étnicas e culturais de diferentes grupos sociais, mostrar todas as culturas existentes na escola, tais como alimentos, vestuários, músicas, folclore, religiões, costumes, tradições, também debater sobre aparências, como a estatura, cor de pele, de cabelos, de deficiências físicas e intelectuais, etc. Torna-se imprescindível refletir sobre a discriminação e combater a exclusão de todo aquele que é considerado diferente.

> Por isso, fortalecer a cultura de cada grupo social, cultural e étnico que compõe a sociedade brasileira, promover seu reconhecimento, valorização e conhecimento mútuo, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia. (BRASIL, PCN, 2001. v. 10, p. 132).

E, para isso, faz-se necessário colocar em prática nas escolas a questão da pluralidade como tema transversal que atue sobre os mecanismos preconceituosos e discriminatórios, cristalizados desde tempos coloniais.

III – PRÁTICAS LITERÁRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao longo deste capítulo, desenvolvemos uma análise dissertativa acerca de propostas didático-pedagógicas com textos literários. Procuramos refletir sobre como propor atividades de leitura, interpretação e produção textual com textos literários a alunos do 9º. Ano do Ensino Fundamental, conforme já anunciamos na introdução deste trabalho. Os textos literários, citados neste capítulo, encontram-se de forma integral em um caderno de atividades denominado "Leitura Literária e Pluralidade Cultural: vias de conexão entre a construção de sentidos e o Ensino de Linguagens"[1], anexo a esta pesquisa.

Conforme enfatizado nesta pesquisa, notamos que é preciso instigar crianças e adolescentes a desenvolverem o hábito e o interesse pela leitura, pois, entendemos que não se nasce gostando de ler, mas aprende-se. Isso à medida em que esse universo da leitura começa a fazer sentido em suas vidas.

Ao refletirmos sobre o ensino de literatura no ensino de linguagens, "[...] compreendemos a leitura como um processo determinado, que congrega e expressa os anseios da sociedade". (SILVA; ZILBERMAN, 2004, p. 112). Concordamos com os autores sobre o papel da leitura na vida, em sociedade:

> [...] a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem, sejam estas gestuais, visuais ou verbais (oral, escrita, mista, audiovisual). Neste caso, a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor. (SILVA; ZILBERMAN, 2004, p. 112).

Partindo dessa compreensão, buscamos ressignificar a leitura literária e a diversidade cultural em sala de aula, pois, a literatura infantil e juvenil deve abrir-se para entendimentos, novas formas de ler e atribuir sentidos, principalmente para as crianças e jovens. Ainda, compreendemos que

[1] O caderno propositivo encontra-se anexo a esta dissertação.

> […] a escola, como espaço de formação instituído pelo poder, é o ambiente no qual a leitura é realizada de forma pública, exposta e, muitas vezes, avaliativa. Se nele o sujeito não se sair bem é muito provável que levará para o trajeto dessa caminhada as mazelas destas experiências malfadadas. É este também o lugar privilegiado onde a Literatura pode e deve ser ensinada como prática social capaz de gerar no sujeito leitor inquietações que o levarão a buscar, ao longo desta caminhada formativa, pelas tantas outras perspectivas possíveis sobre o poder de representação das palavras e suas vias de manipulação (FLECK, 2019, p. 86).

Assim, se a escola não oferecer às crianças e aos adolescentes um espaço propício à leitura literária, ou se oferecer somente com fins da leitura avaliativa, estará em falta, falhando na sua função formadora. Nesse sentido, a leitura no ambiente escolar assume como objetivo principal "[...] formar leitores que leiam com gosto, com sensibilidade, com 'conhecimento de causa' e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola'". (DALVI, 2013, p. 79). Destacamos ainda que "[...] a formação de leitores na escola deve começar pelo professor, para estender-se aos jovens aprendizes das classes populares, que têm nessa instituição uma das únicas vias para a libertação". (ROZA, 2017, p. 193).

Ancorarmo-nos na "Estética da Recepção", de Hans Robert Jauss, por esta permitir ao profissional da educação, especialmente ao professor de Língua e Literatura, perceber o leitor como centro do processo de aprendizagem literária. Nesse sentido, buscamos, com as atividades aqui elencadas, ressignificar a leitura literária, a interpretação e a produção textual em sala de aula, de forma a levar o aluno a refletir, a sentir suas emoções e o prazer proporcionado pela leitura dos textos literários e não-literários. A leitura literária, antes de tudo, deve ser significativa e fruidora. Assim, entendemos que a literatura permite uma maior reflexão ao leitor com sua própria condição, pois: "O texto e o leitor interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas". (COLOMER, 2003, p. 96).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 27), as atividades discursivas devem permitir ao discente, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e a construção de instrumentos que permitam, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.

Nessa perspectiva, discorremos sobre as atividades e práticas pedagógicas que possibilitam ao aluno participar ativamente do processo de construção de

sentidos, oportunizando condições de aprendizagem e de socialização a partir do contato direto com os textos literários.

3.1 - Práticas de letramentos literários em sala de aula

Quando propusemos fazer uma reflexão sobre a construção de sentidos para o texto literário, foi por percebermos haver uma experiência significativa com a literatura quando o sujeito leitor se apropria do texto e este adquire importância em sua vida.

E no tocante à Estética da Recepção, proposta por Jauss (1979), vimos nela significativas orientações a práxis docentes. Estes devem perceber que as práticas de letramentos literários, em sala de aula, acorrem quando os discentes se apropriam do ato de ler para a construção de sentido. Quando visamos a compreender o processo de recepção e o horizonte de expectativas de cada leitor, os sentidos mudam, multiplicam-se pluriculturalmente entre os leitores – docente e discentes. Ressaltamos a importância e a valorização do envolvimento dos sujeitos alfabetizados em práticas sociais de leitura da literatura, pois, o uso efetivo da leitura e da escrita acontece nos mais diversos contextos sociais, históricos e culturais, por existir diferentes experiências de leitura literária. Já que

> [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2006, p. 39-40).

Sobre essa abordagem, compreendemos que atividades que favorecem o diálogo e a reflexão promovem a interação das pessoas a partir de experiências e conhecimentos contextuais. Também favorecem o gosto pela prática de leitura literária, pois o discente atribui sentidos à leitura, promove a compreensão de seu universo com as práticas sociais. Como a leitura literária desenvolve no leitor competências discursivas, linguísticas e estéticas, desse modo,

> A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos. (BRASIL, 1998, p. 48).

Com esse entendimento, no ambiente escolar consideramos que "[...]torna-se evidente a importância do leitor se projetar no texto, estar atento, ser curioso e crítico quanto ao que lê, pois, só assim a leitura se efetiva e acontece o letramento." (COSTA; HUNHOFF, 2021, p. 431). Deste modo, acreditamos que "[...] a estética da recepção tem prioridade hermenêutica sobre a estética da produção por exigir de todo intérprete que ponha conscientemente em jogo sua própria situação na história". (JAUSS, 1980 *apud* FIGURELLI, 1988, p. 267). Assim,

> [...] compreendemos e advogamos a escola como um espaço para que os educandos (des)aprendam saberes e valores que servem tão somente para assegurar o silenciamento daqueles que tiveram suas vozes sufocadas na narração de sua (de nossa) própria história. Pensamos, portanto, a sala de aula como um lugar de potencialização de cantos que quase nunca encontram eco em nossos livros didáticos e currículos, cantos de negros, indígenas, pobres, favelados, homoafetivos, nordestinos, mulheres – cantos, enfim, de todos que nossa sociedade ainda insiste em encurralar em suas franjas (MOITA LOPES, 2006 *apud* AMORIN; et al., 2022, p. 104).

Acreditamos ser preciso dar voz e espaço em sala de aula para que os discentes exerçam sua autonomia e protagonismo. A partir dessa compreensão, vimos na realidade escolar a produção dos múltiplos significados que fazem sentido, pois, a literatura permite-nos uma aprendizagem do multiculturalismo com a valorização da identidade de um sujeito inserido em uma sociedade heterogênica e desigual. "Essa é toda a alquimia da recepção da literatura que torna o texto literário em um potencializador da experiência humana". (FLECK, 2021, p. 232).

Nessa direção, buscam-se atividades que apresentem novos caminhos para o ensino de literatura na escola, que amenize e eliminem estereótipos e preconceitos, conferindo aos textos literários um sentido educativo, em que o leitor tenha mais segurança em relação a suas próprias experiências. Entendemos que são essas

identidades fragmentadas e diversas que fazem o sujeito leitor este ser produzido no e pelo discurso. Pois:

> O desafio de todos nós, educadores de língua materna e suas literaturas, dirige-se justamente no sentido de possibilitar a nossos estudantes o domínio da complexidade de discursos (literários ou não) com que lidamos diariamente, para que eles possam fazer desses discursos também lugares de desconstrução do preconceito e do ódio. (AMORIN; et al., 2022, p. 105).

Diante do exposto, a sala de aula deve tornar-se um espaço aberto para as muitas vozes que, devido as condições sociais, raciais e econômicas, muitas vezes são caladas e oprimidas. Propomos que se ofereça aos discentes uma escola democrática e libertadora, que possibilite entender o processo de formação do leitor e como os sentidos podem ser produzidos durante a recepção de obras literárias. Nesse sentido, compreendemos que "[...] o bom leitor [...] é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo". (COSSON,2021, p. 27).

3.2 - Leitura literária em diversos gêneros literários e não literários

O processo de recepção de textos, literários ou não, e a atribuição de sentidos ocorrem com atividades leitoras que conduzam os alunos a compreenderem os sentidos de leitura e literatura, de textos que circulam entre eles e na sociedade. Sendo assim, compreendemos que:

> Na tensão entre o texto e o leitor que caracteriza a leitura literária em classe, os saberes úteis são de três ordens: saberes sobre os textos, saberes sobre si e saberes sobre a própria atividade lexical. (ROUXEL, 2013, p. 21)

Nessa perspectiva, buscamos uma ressignificação do processo de recepção dos textos literários pelo sujeito leitor, pois, a literatura infantil e juvenil ajuda-nos a refletir sobre os valores e paradigmas da sociedade em que é produzida. Entendemos que "[...] os sentidos são, pois, partes de um processo. Realizam-se num contexto, mas não se limitam a ele. Têm historicidade, têm um passado e se projetam num futuro". (ORLANDI, 2004, p. 60). Assim, entendemos que é preciso dar voz aos alunos, ouvi-los, para que sejam motivados ao protagonismo, no processo de aprendizagem.

Após os contatos iniciais feitos em rodas de conversa, sugere-se a apresentação de textos. Exemplarmente, sugerimos “João Gostoso desapareceu no mar” (notícia de jornal) e o poema tirado de uma notícia de jornal, de Manuel Bandeira.

Figura 5

“JOÃO GOSTOSO” DES-
APPARECEU NO MAR

A’ procura do cadaver

O carregador da feira livre conhecido pelo vulgo de “João Gostoso”, de cor preta, com 40 annos presumiveis, hontem, á tarde, ao banhar-se no canal da Lagôa Rodrigo de Freitas, caiu ao mar e pereceu afogado.

O corpo desappareceu, tendo varios pescadores da “Colonia 14”, se demorado á procura do cadaver, que até á ultima hora não havia apparecido.

O facto foi levado ao conhecimento do commissario Carlos Machado, do 30º Districto Policial.

AUTO “VERSUS” MOTO-CYCLETA

Fonte: https://iconografiadahistoria.com.br/

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão [sem número]
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.
(Fonte: https://www.escritas.org/pt/t/1634/poema-tirado-de-uma-noticia-de-jornal).

Nestes, é possível perceber as diferenças estéticas entre ambos. Na notícia percebe-se uma finalidade informativa, a objetividade e clareza, a intencionalidade comunicativa e a monossignificação, o texto é redigido e estruturado em prosa. No

poema há uma intencionalidade estética, é estruturado em versos e estrofe, além da informação presente da notícia há uma finalidade artística; a sensibilização do leitor para o acontecimento.

O gênero literário poema mantêm relações com a notícia de jornal, consistindo na forma, mas não na mesma função. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 70), um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer estratégias adequadas para abordar tais textos. A vivência de leitura em sala de aula é essencial para a formação de leitores, se possível críticos e reflexivos.

Entendemos que, para a construção de sentidos nos textos lidos, é necessário desenvolver uma competência específica e alguns conhecimentos determinados. Os gêneros literários e não literários correlacionam saberes, promovem a intertextualidade com outros textos.

Consoantes às reflexões de Colomer (2007, p. 108), no momento da leitura em sala de aula é fundamental por parte do docente contagiar a interpretação. Dessa maneira, espera-se que o mesmo entusiasme, encante e motive os discentes para a sua prática. Assim,

> [...] não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente; se está a seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, [...] é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional. (ZILBERMAN, 2003, p. 29).

Os alunos precisam aprender a gostar de ler e escrever, porém, compreendemos que para formar leitores que desenvolvem as competências de leitura e escrita, não é uma tarefa fácil, tendo-se muitas outras tecnologias que competem, como os jogos eletrônicos, a tv e as redes sociais. Entretanto, insistimos que o aprendizado da leitura literária de fruição é o princípio da experiência estética. Por isso, estabelecer uma relação de prazer com a literatura poderá ajudar nessa tarefa humanizadora e social.

Entendemos que a poesia e a prosa, em diferentes gêneros literários, com temáticas vinculadas à vida cultural e social, podem atender necessidades específicas

para a comunicação, pois, apresentam práticas sociocomunicativas variáveis, o que possibilita uma nova perspectiva no processo de leitura e formação de um leitor, “[...] sujeito livre, responsável e crítico, com ‘uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra’”. (ROUXEL, 2013, p. 20).

Para dar visibilidade a essas compreensões, propusemos atividades com os textos acima mencionados “João Gostoso desapareceu no mar” (notícia de jornal) e o “Poema retirado de uma notícia de jornal”: um questionário semiestruturado com perguntas reflexivas previamente formuladas acerca dos conhecimentos prévios dos alunos, cujo objetivo principal é de ter um parâmetro de como os textos literários foram apresentados aos discentes do contexto investigado.

Após analisar as respostas fornecidas pelos estudantes, sugerimos que o professor-mediador apresente, na lousa, conhecimentos intertextuais ligados ao gênero textual notícia e ao gênero literário poema. E, para alimentar o interesse dos discentes, o mesmo poderá comentar as reformas ortográficas de nossa língua, percebidas no primeiro texto. De acordo com Cosson (2021, p. 35), também entendemos que é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o seu crescimento por meio da ampliação de seus horizontes.

Já no segundo texto, o professor poderá adotar estratégias diferenciadas que ultrapassem os limites do texto escrito, tal como dar voz e autonomia aos discentes para a produção de sentidos, oportunizando em sala de aula um espaço para o debate e reflexão. “Mais do que que descobrir porque não leem, trata-se de ouvir os jovens que leem apesar do contexto, para saber o que os motiva a fazê-lo”. (COLOMER, 2007, p. 114). Visando ao desenvolvimento do sujeito leitor em experiências de letramento literário, sugerimos que os estudantes narrem em prosa ou em versos, com extensão livre, um acontecimento importante.

Nessa perspectiva, acreditamos que o sujeito leitor dialoga com sua produção textual, pois, a partir de sua experiência e conhecimento de mundo atribui sentidos à leitura e à escrita. Portanto, “[...] quanto mais uma história é contada de uma maneira decente, eloquente, sem malícia, num tom adocicado, tanto mais fácil é invertê-la, enegrecê-la, lê-la às avessas [...]”. (BARTHES, 2015, p. 33).

3.2.1 – A pluralidade cultural com textos literários

Os textos literários relacionados com temas sobre a diversidade e pluralidade cultural contribuem com o deslocamento de fronteiras e a transposição de convenções sociais e culturais, amenizando as diferenças, com respeito aos gostos, crenças, convicções religiosas, estéticas e até mesmo à linguagem, sempre que interpretado, debatidos. Desse modo,

> [...] os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Nesse contexto, "[...] a literatura infantojuvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado da leitura literária. […] A leitura dessas obras tende a criar um novo horizonte de expectativas nos alunos". (ROUXEL, 2013, p. 27). Também possibilita significados coletivos, construídos na interação entre a leitura e as experiências sociais e culturais de cada leitor.

Ao sugerirmos uma atividade com texto literário e não literário, tendo em vista o início da constituição de um arquivo de leitura sobre o tema "pluralidade cultural", pode-se apresentar a leitura do texto "A raiva de ser índio", de Daniel Munduruku e atividades para reflexão.

> Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo menos isso! Para meu desespero, nasci com cara de índio, cabelo de índio (apesar de um pouco loiro), tamanho de índio. Quando entrei na escola primária, então, foi um deus-nos-acuda. Todo mundo vivia dizendo: "Olha o índio que chegou à nossa escola".
> Meus primeiros colegas logo se aproveitaram pra me colocar o apelido de Aritana. Não precisa me dizer que isso me deixou fulo da vida e foi um dos principais motivos das brigas nessa fase da minha história – e não foram poucas brigas, não. Ao contrário, briguei muito e, é claro, apanhei muito também.
> E por que eu não gostava que me chamassem de índio? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso. E, como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora que que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim. Mas era uma honra que ninguém levava em consideração. Para meus colegas só contava a aparência… e não o que eu era e fazia [...]. (Fonte: https://xapuri.info/a-raiva-de-ser-indio/).

Diante do exposto, observa-se que os preconceitos, muitas vezes, construídos sem consciência, multiplicam-se nos espaços sociais. Mas a família e a escola, juntas, podem promover ações altruístas e, quando a primeira falha, caberá à segunda promover inclusões, desmistificar estereótipos e preconceitos que se cristalizaram ao longo dos tempos. Além disso

> A chegada dos europeus foi motivo de dupla perplexidade. Durante muitos anos a subestimação do indígena e o racismo consequentemente postergaram que se levasse em conta a versão dos vencidos. (POSSE, 2007, p. 21 *apud* FLECK, 2020, p. 53).

Sobre essa abordagem compreendemos que não é apenas dar e ter acesso aos textos representativos de diferentes contextos culturais, mas possibilitar, por meio de textos literários e não literários, a experiência de deslocamento necessária ao diálogo cultural, dando novas significações para o que realmente faça sentido na vida do sujeito leitor.

> Assim, se considerarmos o sujeito não apenas como resultante de fenômenos biológicos evolutivos, ordenados e hierárquicos, mas também, olharmos para a dimensão histórica social do desenvolvimento do ser humano, torna-se inegável a importância e a imprescindibilidade da linguagem nessa construção integral, também, como sujeito sócio-histórico. (FLECK, 2021, p. 219).

Desse modo, o texto acima, de Munduruku, proporciona ao docente um trabalho significativo de leitura; pois, pode propor perceberem as diferenças culturais e as diferenças entre uma geração e outra, coisas que ocorrem em todas as culturas, por meio de questões escritas que sensibilizem o sujeito leitor para a construção de um olhar mais complexo sobre as questões identitárias e culturas, presentes em sala de aula. Também é possível perceber as variações linguísticas presentes texto e oportunizar espaços para o diálogo e reflexão. Cumpre ressaltar que o preconceito na escola e na sociedade é bastante comum e o melhor a se fazer é desatar os nós da diferença por meio do respeito, do diálogo, da interação e da cooperação. A diversidade cultural retratada na história auxilia a experiência de deslocamento necessária ao diálogo cultural, pois a literatura é uma das expressões culturais de um povo que possui uma cultura multicultural e multifacetada.

Nesse contexto, a leitura de textos em sala de aula favorece a manifestação criadora de padrões de comportamento. O deslocamento de fronteiras e a

transposição de valores, dessa maneira, começa a ter sentido, pois a leitura é uma experiência viva no processo de construção do sujeito leitor.

> Nesse contexto, a literatura infantil e infanto-juvenil e seu ensino consciente e programado–vem a solidificar o espaço da leitura na escola enquanto formação de leitores literários, tendo em vista que ela pode proporcionar a possibilidade de a criança adentrar num mundo diferente: num mundo de sonhos e ações das personagens das histórias, que desmistificam preconceitos e permitem-lhe relacionar fatos com sua própria vida, numa forma de tornar o mundo mais compreensível e mais humano. (FLECK, 2019, p. 91).

Ao se considerar a diversidade cultural existente em nosso país no processo de ensino aprendizagem, promove-se um enriquecimento cultural e individual, pois esse ato favorece o desenvolvimento da consciência, a valorização da sociedade e o reconhecimento dessa diversidade. Sugerimos ainda que o professor apresente o conceito de texto literário – conotativo e de texto não literário – denotativo, pois acreditamos ser essencial conhecimentos prévios para que a fruição literária e a ampliação dos horizontes aconteçam no processo de aprendizagem. “No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada”. (COSSON, 2021, p. 26-27). Para a finalização dessa atividade, propôs-se a leitura, a interpretação, breve debate e também que os alunos apresentassem um jogral com a letra da música: “Índios”, do grupo musical Legião Urbana.

> Quem me dera ao menos uma vez
> Provar que quem tem mais do que precisa ter
> Quase sempre se convence que não tem o bastante
> Fala demais por não ter nada a dizer
>
> Quem me dera ao menos uma vez
> Que o mais simples fosse visto como o mais importante
> Mas nos deram espelhos
> E vimos um mundo doente
>
> Quem me dera ao menos uma vez
> Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
> E esse mesmo Deus foi morto por vocês
> Sua maldade, então, deixar um Deus tão triste
>
> (Fonte: https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/92/).

Ao propor um debate sobre a letra da música “Índios”, entendemos que o gênero textual música é um facilitador para construção de sentidos e no ensino de linguagens, pelo aspecto lúdico que apresenta. A letra de música traz em si a poesia e parte da história do Brasil. Porém, “[...] a canção popular é uma manifestação literária por si mesma porque emprega a palavra de modo literário, independentemente ou apesar do evidente parentesco que a letra tem com a poesia”. (COSSON, 2022, p. 16). Já a participação dos discentes em um jogral, desenvolve a linguagem e expressões orais em práticas sociais discursivas. Assim, almejamos a participação e o protagonismo estudantil durante as atividades propostas. Dessa maneira, compreendemos que,

> [...] o sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende. (ORLANDI, 2004, p. 74).

Assim, percebemos que pode ser por meio da prática da leitura de textos literários que teremos novas concepções e novas perspectivas, pois, a literatura humaniza e torna o mundo mais compreensível. Então, pode-se entender que,

> […] a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental pra constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, também é de todos. (COSSON, 2021, p. 16).

Nesse sentido, reconhecer que os discentes podem apreciar mais um que outro determinado gênero literário, faz-nos agir em direção de práxis diversificadas, que os motivem a entendimentos sócio globais. Uma vez que

> [...] é importante confrontar os alunos com a diversidade do literário (cujo conhecimento afina os julgamentos de gostos): diversidade dos gêneros: ao lado de gêneros tradicionais (romance, teatro, poesia, ensaio), os novos gêneros (autoficção, história em quadrinhos, álbum); diversidade histórica: obras canônicas, clássicas, fundadas em valores nos quais uma sociedade se reconhece, obras contemporâneas,

> literatura viva que lança um olhar sobre o mundo de hoje; diversidade geográfica: literatura nacional, literatura estrangeira, principalmente as grandes obras traduzidas do passado e do presente, que se abrem para outras culturas e constituem lugares de compartilhamento simbólico na era da globalização. (ROUXEL, 2013, p. 23-24).

Diante do exposto, esperamos que as atividades sugeridas possam trazer um novo olhar aos professores/leitores, pois ao reconhecemos a importância dos conhecimentos sobre a obra literária, os autores, os temas, as características peculiares e do leitor no centro do processo de aprendizagem, propormos à leitura um sentido educativo, despojado de preconceitos, com a valorização da pluralidade cultural e o respeito às diferenças contextuais.

3.3 - Literatura de cordel

A leitura literária permite aos discentes aprendizados significativos. E, despertar o seu interesse e participação para o ato de ler e escrever, é um grande desafio para a educação escolar. A literatura popular por ser um gênero ficcional acessível é capaz de ensinar e divertir os discentes, por meio de diversos temas.

A literatura de cordel é um campo literário essencialmente marcado pela diversidade cultural, pois enfatiza aspectos relativos à vida cotidiana, a acontecimentos históricos e sociais que fazem parte da formação da sociedade brasileira. “A experiência literária não só nos permite saber da vida do outro, como também vivenciar essa experiência”. (COSSON, 2021, p. 17) Assim,

> O cordel, como é conhecida hoje esta literatura popular em verso, é o registro da cultura do povo humilde do Nordeste do Brasil, arraigada em seu processo formativo. No meu modo de ver, este tipo de literatura é um dos principais documentos da cultura brasileira, mesmo sendo da cosmovisão do homem comum. Por meio dele pode-se conhecer as raízes culturais de muitos brasileiros. (CURRAN, 2011, p. 13-14).

Compreendemos que a literatura de cordel congrega muitas formas de expressão e resistência. A temática “diversidade” ressalta e valoriza a grandeza da cultura que se manifesta em sala de aula, aproximando os leitores de sua realidade, pois a miscigenação racial e as diferenças sociais têm relação com o contexto histórico brasileiro. Valorizamos que “[...] uma pedagogia da leitura de cunho transformador

propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político.” (SILVA; ZILBERMAN, 2004, p. 115).

Visando dar continuidade ao tema “pluralidade cultural” em diversos gêneros literários, sugerimos trabalhos com o poema “Diversidade”, de Braúlio Bessa.

DIVERSIDADE

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
Seja amor, seja muito mais amor
E se mesmo assim for difícil ser
Não precisa ser perfeito

Se não der pra ser amor que seja pelo menos respeito.
Há quem nasceu pra julgar
É há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
Que o lado certo é amar!

Amar pra respeitar
Amar para tolerar
Amar para compreender,
Que ninguém tem o dever de ser igual a você!

O amor meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.

Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade
Que é pela a anormalidade que todo amor é normal.

Não é estranho ser negro, o estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, o estranho é ser elitista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
Estranho é ser rico em grana, e pobre em sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.

Meu corpo não é estranho, estranho é a escravidão que aprisiona seus olhos na grade de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranho é a acusação, que acusa inclusive quem não tem religião.
O mundo sim é estranho, com tanta diversidade
Ainda não aprendeu a viver em igualdade.

> Entender que nós estamos
> Percorrendo a mesma estrada.
> Pretos, brancos, coloridos
> Em uma só caminhada
> Não carece de divisão por raça, religião
> Nem por sotaque
>
> Oxente!
> Sejam homem ou mulher
> Você só é o que é
> Por também ser diferente.
> Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
> Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.
>
> Eu reforço esse clamor:
> Se não der pra ser amor, que seja ao menos respeito!
>
> ((BESSA, Bráulio.https://minhasatividades.com/10-poesias-sobre-diversidade-2/)

Os cordéis têm rima, ritmo, sonoridade e a canção que esses versos fazem com que a leitura literária seja prazerosa, além de significativa para a aprendizagem. “Mais do que isso, uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina, encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político”. (SILVA: ZILBERMAN, 2004, p. 115). Sugerimos que os discentes comentassem suas interpretações e reflexões a partir de seus conhecimentos e sobre o tema do poema. Nesse sentido

> Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consciência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2015, p. 20-21).

Entendemos que prazer/fruição deve estar relacionado no ato de leitura e que o texto literário não pode ser apenas um pretexto para identificar as temáticas de um determinado período literário ou para explorar a gramática normativa, fragmentada, em pequenos trechos. Assim, propusemos que a biografia do autor e conceitos referentes à literatura de cordel fossem apresentados para turma. Todavia, “[...] os sentidos são muitos, mas há sempre um enunciável – um legível [...] e é a partir dele que, como vimos, cada um pode intervir”. (ORLANDI, 2004, p. 69). Assim,

> Ao priorizarmos a fruição na leitura do texto literário, e não
> uma série de respostas assertivas e, na maioria das vezes, fechadas em si mesmo, como resposta por parte dos alunos, deixamos nossa posição de “conhecedores da situação de ensino” e assumimos uma postura de “compartilhamento” de saberes e trocas de conhecimentos culturais. (FLECK, 2020, p. 107).

E, cabe aos professores proporcionar espaços dentro da sala de aula para o compartilhamento de ideias. Pois, a leitura é a base da interação da palavra com o mundo, pois, por meio dela forma-se cidadãos (leitores) críticos, reflexivos e autônomos, capazes de compreender os acontecimentos ao seu redor e, principalmente, conscientes de seu papel na sociedade. Dessa maneira,

> Em especial na escola pública, cujos discentes são, em sua maioria, oriundos de espaços periféricos, faz-se interessante que a escola lhes apresente a literatura como um lugar de representatividade também de suas identidades e questões, a fim de que percebam a carga de vida que pulsa no texto literário, concebendo, desse modo, perguntas capazes de desestabilizar discursos e práticas hegemônicas que colaboram para sua opressão como sujeitos periféricos, isto é, sujeitos que estão fora dos eixos hegemônicos de poder – pretos, índios, pobres, favelados, LGBTQIA+. (AMORIM; et al., 2022, p. 109-110).

Contudo, apesar de o preconceito e a discriminação raciais ainda estarem presentes no âmbito escolar, entendemos que é possível tornar o processo de aprendizagem mais digno e respeitoso. Sabemos que ao se desenvolver a experiência estética de uma obra, percebe-se a sintonia com o efeito estético, um encontro significativo e fruidor do texto com o leitor, com efeito compreensivo. Dessa maneira,

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1985, p. 59)

Por conseguinte, a produção literária do cordel ainda informa e entretêm os leitores contemporâneos, pois as informações têm relação com o nosso contexto histórico e social. Em razão disso, traz a concepção de mundo e do ser humano, a partir de uma visão da realidade que nos cerca.

Assim, compreender o valor da leitura em sala de aula, através dos textos literários, é descobrir um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas. É retornar para a realidade fortalecidos, munidos de novas ideias e concepções.

3.4- Uso de tecnologias digitais e as metodologias ativas em sala de aula

A educação básica pós pandemia apresenta grandes desafios para serem superados; como os *déficits* de aprendizagens, as desigualdades sociais e a falta de políticas públicas voltadas para aqueles que mais necessitam da garantia dos direitos previstos na Constituição Federal.

Nos últimos anos, porém, a Base Nacional Comum Curricular foi um grande avanço em relação às políticas públicas educacionais, apresentando o uso das tecnologias, as habilidades socioemocionais e valores integrais para a formação dos discentes. Por conseguinte,

> As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. (BRASIL, 2018, p. 68)

Os alunos contemporâneos são denominados “nativos digitais” e percebemos que a educação, assim como as escolas, depois desse período de quase pós-pandemia, não poderá ser a mesma. A educação mudou, a sociedade em geral evoluiu e, ao professor cabe aperfeiçoar-se tecnologicamente, sob pena de não atender esse público que não mais aceita o ensino tradicional. Também, deve-se levar em conta que, muitas vezes, é no ambiente escolar que muitos discentes carentes, economicamente, têm acesso aos recursos digitais e tecnológicos.

Destacamos ainda que a escola é um espaço de inclusão social e o docente deve estar atento para que ela realmente aconteça. Acreditamos que “[…] com as tecnologias, podemos flexibilizar o currículo e multiplicar os espaços, os tempos de aprendizagem e as formas de fazê-lo.” (MORAN, 2007, p. 55).

Desse modo, em nossa proposta de trabalho com as tecnologias digitais, fez-se importante a compreensão que o orientador pode e deve promover o interesse e o engajamento por parte dos alunos, para que usufruam da tecnologia digital de forma consciente e responsável.

Além das tecnologias digitais, destacamos as metodologias ativas no processo de aprendizagem, pois, orientam sobre estratégias em que os discentes serão incentivados a protagonizarem suas ações educacionais. Sobre essa abordagem compreendemos que é importante ir além da sala de aula, pois "[...] a literatura na escola deve ser apresentada de uma maneira equilibrada entre o cânone e a contemporaneidade". (VOLTOLINI; HUNHOFF, 2021, p. 241). O que significa que o professor deve estar atendo ao que vai ao encontro do interesse de seu aluno, organizando seu material pedagógico conforme seja o nível de leitura discente promovendo o acesso às tecnologias. Desta maneira,

> São muitos os benefícios de adotar as metodologias ativas, como o incentivo à tomada de decisões com avaliação dos possíveis resultados dessa decisão, o desenvolvimento de soluções criativas, o trabalho coletivo e a aplicação de conceitos estudados. (SILVA, 2020, p. 14).

Sendo assim, ao elaborarmos as atividades em uma metodologia propositiva, procuramos refletir sobre o ensino de literatura, o processo de recepção de uma obra, a pluralidade cultural presente em sala de aula e o uso de tecnologias digitais para a ampliação de conhecimentos em diferentes linguagens e gêneros textuais. Já que,

> Possibilitar a leitura da literatura em todos os seus níveis é, portanto, despertar no indivíduo suas potencialidades criadoras; é dar-lhe espaço para agir no texto e no contexto em que o conhecimento prévio do leitor constitui, a priori, a base fundamental para a efetivação do ato de ler criticamente. (FLECK, 2017, p. 34).

Sabemos que "[...] as redes de comunicação em tempo real – msg, *chats, blogs,* celular – expressam a riqueza de situações comunicacionais, de interação no cotidiano e na escola". (MORAN, 2007, p. 62). Dessa maneira,

> Se uma face do aprendizado da Língua Portuguesa decorre da efetiva atuação do estudante em práticas de linguagem que envolvem a leitura/escuta e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, situadas em campos de atuação específicos, a outra face provém da reflexão/análise sobre/da própria experiência de realização dessas práticas. (BRASIL, 2018, p. 80).

Se o professor estiver ciente que a sala de aula é um ambiente complexo e múltiplo, envolverá o discente num clima de busca de interesses comuns. Pois, é

preciso oferecer oportunidades de aprendizagem que despertem a empatia, a inteligência emocional e o respeito, isso tudo por meio de *práxis* exequíveis.

Nesse sentido, visando a desenvolver atitudes protagonista nos discentes, em conformidades com orientações das metodologias ativas em sala aula, recomendamos a criação de uma “Feira Cultural”. Nesta, o profissional da educação poderá indicar e orientar pesquisas sobre a identificação de símbolos culturais de cada família discente; sobre objetos e utensílios regionais utilizados; sobre vestimentas típicas da região ou da região de onde a família do aluno proveio; alimentos regionais; contação de causos e, principalmente, histórias transmitidas de gerações e lendas locais.

Conforme apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 46), a busca de reinterpretação das experiências já vividas e das que passam a viver a partir da ampliação dos espaços de convivência e socialização possibilita ao adolescente a ampliação de sua visão de mundo, na qual se incluem questões de gênero, etnia, origem e possibilidades sociais, a rediscussão de valores que, reinterpretados, passam a constituir sua nova identidade. Uma vez que

> Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens [...]. (BRASIL, 2018, p. 70).

Nessa perspectiva de trabalho com as metodologias ativas e as tecnologias digitais, sugerimos a criação de um *blog* da turma, com vistas a dar visibilidade às etapas dos trabalhos realizados, pesquisados e apresentados, com publicações de produções textuais verbais e não verbais, comentários, ficções, fotografias, entrevistas, etc. E assim promover a educação didático pedagógica via cultura digital, sob o olhar e o crivo de avaliações internas e externas da escola.

> É preciso reinventar a educação, analisar as contribuições, os riscos e as mudanças advindas da interação com a cultura digital, da integração das TDIC, dos recursos, das interfaces e das linguagens midiáticas à prática pedagógica, explorar o potencial de integração entre espaços profissionais, culturais e educativos para a criação de contextos autênticos de aprendizagem midiatizados pelas tecnologias. Para impulsionar o engajamento dos estudantes nos processos de

> ensino e aprendizagem é premente recontextualizar as metodologias de ensino diante das suas práticas sociais inerentes à cultura digital, ou seja, integrar as mídias e as TDIC no desenvolvimento e na recriação de metodologias ativas. (BACICH; MORAN, 2018, p. 16-17).

Assim, o professor, propositor das atividades, poderá conduzir seus discentes para uma aprendizagem mais significativa. Acreditamos ser possível, a partir das atividades sugeridas abrir espaços para o protagonismo estudantil, espaços para questionamentos da informação e os múltiplos letramentos, a convivência com a diversidade e o trabalho coletivo.

> Entretanto, antes que se discutam conceituações acerca de metodologias ou teorização sobre a leitura, torna-se importante salientar que toda a comunidade escolar deve ser envolvida nessa tarefa referente ao hábito e gosto pela leitura, para o êxito da ação. Ou seja, afim de que a formação de leitores seja alcançada a níveis almejados, dentro e fora da escola, é necessário que a prática de ler se torne preocupação, hábito também por quem ensina, pois, o exemplo costuma ser a melhor explicação. (COSTA; HUNHOFF, 2021, p. 429)

Nessa perspectiva de trabalho, compreendemos que a ampliação de horizontes intelectuais se faz pela colaboração, interação, aceitação da pluralidade cultural, compartilhamento de ideias e, principalmente, na sociedade contemporânea por multiletramentos em espaços digitais.

3.5 - Oficinas literárias: estratégias de leitura e produção textual

Quando propusemos na segunda parte do Caderno de atividades, a denominação do Módulo II com oficinas literárias foi porque “[...] desejamos enfatizar o caráter de atividade prática, de algo que requer a ação dos alunos e não a simples exposição do professor”. (COSSON, 2021, p. 121). Pois, esse será o momento de dar autoria e voz para as criações literárias. Nesse sentido,

> A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2021, p. 47).

Desse modo, ao se propor um trabalho com as Oficinas Literárias, faz-se importante considerar que é na prática da leitura e da escrita literária que os discentes

constroem suas expectativas para as atividades propostas. Consideramos que “[...] todo esse processo de oficinas mostra-se interesse porque traz, como subtexto, a ideia de que a literatura é vida e movimento [...]”. (AMORIN; et al., 2022, p. 123).

Nessa perspectiva, consideramos que as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras.

Consoantes a Fleck (2017, p. 34), acreditamos que as escolas precisam aprender a explorar toda a potencialidade das historinhas, aventuras, ficções, contos, poemas e romances, e não deixar que apenas ocorram leituras evasivas, que não ultrapassem os limites da emoção e que sejam usados tão corriqueiramente como atividades e exercícios de relacionar personagens, eleger ações prediletas, comentar atitudes e características das personagens, entre outras tarefas elementares. Além da aquisição do conhecimento e o desenvolvimento das habilidades individuais e culturais, almejamos desenvolver no discente o gosto e o prazer pela prática literária, pois os alunos necessitam dar sentido àquilo que estão lendo e encontrar objetivos em sua leitura.

O objetivo principal com as atividades propostas em Oficinas Literárias é oportunizar o desenvolvimento e à capacitação de leitores, se possíveis leitores críticos, conscientes de sua realidade e das possíveis formas de transformá-la. Assim, são as experiências literárias, dar sentido ao mundo por meio do texto que favorecem a produção de sentidos e a fruição leitora, enriquecida pelo interesse e pelo prazer literário.

Conforme Amorim, et al. (2022, p. 138), os discentes podem compreender, no espaço da sala de aula, que suas vidas importam; que aprendam, por meio de literaturas, que este país também é seu e que a arte ainda pode ser um território de resistência e reexistência.

3.5.1 Preconceitos e estereótipos

É necessário que os leitores tenham acesso a diversos gêneros literários para que possam ampliar o horizonte de expectativas, pois, nem sempre uma obra literária despertará o prazer estético, mas deve ser sentida pelo leitor, para que desenvolva gostos e preferências. “A liberdade do leitor para formar suas preferências se baseia

no conhecimento de enorme diversidade que tem a seu alcance". (COLOMER, 2017, p. 303). Assim,

> Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS, 1997, p. 17).

Dessa forma, acreditamos que os alunos devam ter uma experiência estética com os textos literários para que possam aprofundar sua experiência de leitura. "O treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos determinadas técnicas". (MARTINS, 1997, p. 84). Nesse sentido, indicamos a leitura e a reescrita da crônica "A última crônica", de Fernando Sabino. Pois,

> É preciso que nossas aulas de literatura assumam o risco de ser um espaço de esperança, de aprofundamento crítico na realidade, de identificação entre seres humanos, de construção de redes de solidariedade e de reconhecimento de que podemos ser melhores, coletiva e individualmente, como humanidade. (DALVI, 2021, p. 36).

Embora, o texto de Sabino apresente um conteúdo polêmico em relação ao preconceito racial, acreditamos que a descrição de uma cena corriqueira do cotidiano pode trazer reflexões importantes sobre a pluralidade cultural, a desigualdade social e econômica presente na sociedade.

> Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. (SABINO, Fernando. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1979-1980).

Consoante o que diz Cosson (2021, p. 15), entendemos que a leitura é um diálogo que se faz com o passado, representado pelos textos, em um contexto socialmente determinado, que é a nossa comunidade de leitores que nos diz o que ler, como ler e por que ler. Dessa forma, acreditamos que é importante refletir sobre o

texto, o contexto e o processo de recepção, para que a leitura literária seja uma interação com a experiência de vida de seus leitores.

É importante mostrar ao discente a postura e a forma como as personagens participam da história, a forma como o narrador do texto de Fernando Sabino captou esse instante e transformou em texto: são três personagens negras que, provavelmente, pertencem a uma camada social desfavorecida economicamente, e de maneira singela e afetiva comemoram o aniversário da menina. A cena proporciona ao leitor um olhar para fora de si, uma reflexão sobre a relação que existe entre as classes sociais menos favorecidas e a cor da pele.

> Assim, na pós-modernidade, presenciamos a “perda das identidades” das nações dominadoras e detentoras do poder, enquanto nações até então subordinadas passam a alcançar a compreensão do valor de suas identidades mestiças e híbridas e afirmam a sua identidade plural e multifacetada. Vivemos atualmente, uma nova fase na história cultural da América Latina: a conscientização de nossa identidade múltipla e heterogênea. Desse modo, tanto no campo da crítica, quanto no da própria Literatura, os latino-americanos estão buscando alternativas que lhes possibilitem uma integração do passado, da angústia da influência, por meio de diferentes estratégias que, por um lado, não neguem o passado de submissão às estrelas, mas, por outro, permita-lhes espaços de realização de sua própria arte. (FLECK, 2020, p. 58).

Sobre essa abordagem compreendemos que a valorização da pluralidade cultural em sala de aula é fundamental para a representatividade de nossas identidades culturais, assim como a autoestima dos docentes. Congruentes a Cândido (2003, p. 98), entendemos que a crônica não é um gênero maior, tem uma linguagem simples, acessível e aproxima o texto com o leitor. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, a crônica mostra ao leitor o simples, o singelo e nele uma beleza ou uma singularidade insuspeitada.

Segundo a BNCC (2018, p. 67–68), cabe ao componente Língua Portuguesa proporcionar às estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. Com essa crônica, além da leitura e da interpretação oral e escrita, o professor poderá explanar, propor pesquisas, conceituar sobre diversas temáticas,

como: preconceito, estereótipo, economia, valores sociais e familiares, ambiente público e privado, etc. Nesse sentido, cabe ressaltar que

> [...] a maestria com que constrói a cena e todo o ritmo emocionado sob a superfície do humor-lírico constituem ao mesmo uma despretensiosa teoria da crônica, deixando ver o que sugeri, isto é, que por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar. (CANDIDO, 2003, p. 99).

Assim, o leitor do texto passa da contemplação passiva da produção para a atitude de construção de sentidos e a leitura literária torna-se uma experiência significativa com a literatura. De acordo com Jauss (1979, p. 46):

> A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra, menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. [...]. A experiência estética de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.

Com esse entendimento, consideramos que o horizonte de expectativas do sujeito leitor não é limitado. Um texto literário é valorizado do modo como é recebido pelos diferentes leitores, independente da época em que foi produzido e uma obra literária vai muito além do contexto original. Dessa maneira,

> Há de um lado uma cultura na qual podem ser reconhecidas qualidades de dinamismo, crescimento e profundidade. Contra isto temos [em culturas coloniais] características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura. (BHABHA, 2013, p. 133).

Nessa direção, almejamos ser possível, a partir de atividades que contemplem a diversidade humana, cultural e social por meio do reconhecimento, da valorização e da superação de preconceitos, atuar sobre mecanismos de exclusão para uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

3.5.2 Nas urdiduras da linguagem

Cumpre-nos ressaltar que “[...] a capacidade do texto e da imagem de oferecer informação através de seus próprios recursos se vê acrescida pelas possibilidades do contato que estabelecem ambos os códigos”. (COLOMER, 2017, p. 281). Pretende-se, por meio de atividades de criação e ilustração, que os discentes experienciem uma

aproximação entre a linguagem verbal e não verbal, vivenciando experiências estéticas. E entendemos que no ambiente escolar há o terreno fértil para a promoção dos saberes diversos, por meio de seus profissionais:

> Os professores, qualificados nas diversas áreas do saber, ao desenvolverem pesquisas ligadas às áreas da linguagem literária, verbal e não verbal, cada vez mais atuam no fortalecimento do processo de interação social, contribuindo assim para a possível ampliação de avanços científicos no âmbito das relações humanas, culturais e literárias. (HUNHOFF, E. 2011, p. 32).

Nesse contexto, após os trabalhos elaborados sobre “A última crônica”, pode-se trazer para a sala de aula outro gênero textual conhecido e admirado: história em quadrinhos. “[...] Assim, pois, a imagem pode confirmar, expandir, analisar, contradizer, resumir ou acrescentar novos significados àquele contado pelo texto”. (COLOMER, 2017, p. 286). Sugere-se que os alunos reescrevam a crônica em forma de HQS, por meio de linguagens verbais, não verbais, denotativas e conotativas, literárias e não literárias. Desse modo,

> A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. [...] E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens. (MARTINS, 1997, p. 32 – 33)

Pretendemos mostrar as diferentes formas de representatividade que os quadrinhos proporcionam em suas múltiplas linguagens, pois, a linguagem escrita e visual presentes nesse gênero pode oferecer recursos linguísticos e imagéticos que tornam a produção textual mais atrativa e agradável. Com esse entendimento, consideramos que “[...] a elaboração de paráfrases e de resumos permite a criação de boas oportunidades para a discussão a respeito das escolhas lexicais e de suas implicações semântico-discursivas”. (BRASIL, 1998, p. 85). Desse modo,

> Incentivar o aprendiz a buscar na leitura uma fonte permanente de referência para a produção escrita não significa dar-lhe um texto e cobrar-lhe outro. Prezar pela formação do hábito e gosto pela leitura de nossos aprendizes é incentivá-los e encorajá-los, preparando-os, cuidadosamente, para assumir, com segurança, suas habilidades futuras de expressão escrita e oral. (FLECK, 2017, p. 31)

Sendo assim, consideramos que reconhecer o aluno no centro do processo de aprendizagem é motivá-lo a leituras, a pesquisas e a ações de interesse docente e discente, que os conduza à aprendizagem de diferentes linguagens e interpretações. “Isso significa, em primeiro lugar, tanto para o professor quanto para o aluno, renunciar à imposição de um sentido convencionado, imutável, a ser transmitido”. (ROUXEL, 2013, p. 20).

As experiências literárias de dar sentido ao mundo por meio do texto favorecem a produção de sentidos e a fruição leitora, enriquecida pelo interesse e pelo prazer literário.

3.6 - A leitura literária e a produção textual

Conscientes que a leitura literária promove argumentações discentes, orais e escritas, com uso de variantes linguísticas, desmistifica preconceitos e estereótipos sociais prepotentes; advogamos por uma educação na qual a literatura infantil e juvenil esteja presente em sala de aula. Entendemos que

> Pensar sobre o ensino de Língua Portuguesa no terceiro e no quarto ciclo requer a compreensão da adolescência como o período da vida explicitamente marcado por transformações que ocorrem em várias dimensões: sociocultural, afetivo-emocional, cognitiva e corporal. Requer esforço de articulação dos aspectos envolvidos nesse processo, considerando as características do objeto de conhecimento em questão as práticas sociais da linguagem, em situações didáticas que possam contribuir para a formação do sujeito. Organizar o aprendizado de Língua Portuguesa nesses ciclos requer que se reconheçam e se considerem as características próprias do aluno adolescente, a especificidade do espaço escolar, no que se refere à possibilidade de constituição de sentidos e referências nele colocada, e a natureza e peculiaridades da linguagem e de suas práticas. (BRASIL, 1998, p. 45).

Dessa maneira, incentivamos argumentações discentes, orais e escritas, mesmo com uso de variantes linguísticas, por meio de linguagens verbais, não verbais, denotativas e conotativas, literárias e não literárias. Consoantes a Colomer (2007, p.121), ao esforçar-se por entender e produzir textos segundo a função social para que foram criados, os alunos podem aprender mais sobre suas formas de organização – convencionais, mas não casuais. Nesse contexto,

> [...] na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2021, p. 30).

Diante do exposto, entendemos que a literatura é uma fonte de conscientização que pode valorizar a identidade de um sujeito inserido em uma sociedade desigual, injusta e, por vezes, autoritária. Nessa direção,

> [...] os valores da liberdade, tolerância ou defesa de uma vida individual prazerosa fazem com que a literatura infantil e juvenil se dirija a enfrentar qualquer forma de poder autoritário; a denunciar as formas de alienação e exploração da sociedade industrial moderna; a reivindicar tanto a vida rural quanto aquela própria de culturas não industriais, como a harmonia com a natureza, e a defender os setores socialmente débeis ou diferentes (pessoas imigrantes, exploradas ou de raças minoritárias). (COLOMER, 2017, p. 203).

Entendemos que, para a construção de sentidos e no ensino de linguagens precisamos ir além da leitura superficial do texto literário. É preciso propiciar condições, no espaço escolar, para que a leitura literária aconteça de forma significativa, interessante e, por consequência, prazerosa, aos alunos. Seguindo esses pressupostos, compreendemos que,

> A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicite. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade. (BRASIL, 1998, p. 21).

Com esse entendimento, consideramos que desenvolver a aprendizagem da literatura, a aprendizagem sobre a literatura e a aprendizagem por meio da literatura, precisa levar sempre em consideração aspectos como a antecipação, a decifração do código e a interpretação.

A partir das considerações feitas por Marcuschi (2004, p.38-39) sobre as habilidades de ler e escrever, procuramos desenvolver nas atividades sugeridas quatro habilidades no uso da língua: falar e escrever, ouvir e ler. Nesse sentido,

entendemos ainda que ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas.

3.6.1 - A sétima arte como instrumento pedagógico e literário

A formação do hábito da leitura e escrita literária deve ser precedida de ações que conduzam o leitor a uma experiência significativa e prazerosa, capaz de transcender o hábito mecanizado da repetição e da reprodução. Nesse sentido

> Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2018, p. 72).

Nessa perspectiva, a leitura literária é uma experiência com o mundo e nós mesmos. Com o intuito de conscientizar e sensibilizar os discentes do Ensino Fundamental, séries finais, sobre as diferenças culturais, sociais, religiosas e históricas do nosso país, sugerimos a exibição do filme “Central do Brasil”, de Walter Salles.

Figura 6

Capa do filme Central Brasil

Consoantes a Cosson (2022, p. 16), vemos que, do mesmo modo que a canção popular, o filme é outro avatar da literatura que precisa ser compreendido como parte do discurso literário.

A partir dessa perspectiva, o filme é um recurso pedagógico atrativo audiovisual que pode promover a produção de sentidos por meio da história apresentada, pois "[...] o vídeo possibilita desenvolver múltiplas atitudes receptivas". (BRASIL, 1998, p. 92).

Embasados nos pressupostos de Jauss (1979) que tem o leitor como centro de aprendizagem, consideramos de suma importância a preparação do ambiente de sala de aula ou da sala de vídeo para o processo de recepção da obra. Conforme Jauss *apud* Zilberman (1989, p.49), a atitude de prazer, que a arte provoca e possibilita, é a experiência estética primordial. Ela não pode ser suprimida; pelo contrário, deve voltar a ser objeto da reflexão teórica. Compreendemos ainda que

> Para que o diálogo entre cinema e literatura seja fluente e fértil entre os alunos, o professor precisa estar minimamente capacitado. [...] Não se trata de exigir uma formação específica, mas é importante que se tenha uma relativa intimidade com os elementos básicos da narrativa audiovisual, assim como do processo de realização de um filme. (NECCHI, 2009, p. 277).

Nesta perspectiva, sugere-se que o docente interrompa a projeção para fazer comentários; reveja as cenas mais importantes; analise imagens significativas, que promova a classe a apreciar aspectos relacionados aos efeitos cinematográficos, diálogos, comportamento humano, trilha sonora, cores, figurino, atuação dos atores, entre outros elementos que compõem a história apresentada. Nesse contexto, cabe lembrar de que:

> Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. (ZILBERMAN, 1989. p. 110).

Nesse sentido, deve-se considerar o discernimento, o conhecimento de mundo e o percurso histórico-social de cada aluno, "[...] pois este possui experiências e

objetivos pessoais específicos, os quais amparam seus interesses e propósitos de leitura". (FLECK, 2017, p. 28).

O leitor literário, na escola, deve retificar e afirmar seus valores culturais e sociais, elaborar e expandir, com apoio da mediação do professor, os múltiplos sentidos que a leitura pode proporcionar, pois a obra terá sempre perspectivas de compreensão diferentes. Dessa maneira,

> A leitura no sentido amplo do termo, não restrito à palavra, deve ser elemento vivo, viçoso e permanente na trajetória de um sujeito. Por essa razão, se configuram da maior importância os investimentos dos educadores na formação do leitor. Para despertar o interesse do aluno, é estratégico dotar a leitura de sentido ao se evidenciar o aspecto lúdico, a carga emotiva, o vigor da consciência, a urgência do desejo, a necessidade da crítica, o reconhecimento da diferença ou qualquer outro fator que encontre eco nas realidades e nos interesses do leitor em formação. (NECCHI, 2009, p. 279).

Há de se considerar, também que o papel da escola, no entanto, diferentemente de outros agentes sociais, é o de permitir que o sujeito supere sua condição imediata. (BRASIL, 1998, p. 47). Sendo assim, entendemos que a atividade de análise e reflexão sobre os filmes em sala de aula propiciará leituras compreensivas e críticas, a recepção e a ampliação do horizonte de expectativas dos discentes.

Para a atividade do filme, pode-se sugerir uma produção textual com o tema: Vinte anos depois, o possível reencontro da professora Dora com Josué (personagem protagonista). "Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita". (COSSON, 2021, p.16).

3.7 - A avaliação escolar: um processo contínuo

Segundo Zilberman (2021, p. 9), o ensino público e gratuito, direcionado às classes populares, é deficitário em todos os níveis: a infraestrutura física é precária e insuficiente, as pessoas responsáveis pela docência são mal remuneradas, alunos e alunas não são assistidos de modo satisfatório, somados ainda com o descaso dos grupos dominantes e do Estado.

De acordo com Fleck (2017, p. 29), há de se considerar, também, os aspectos emocionais presentes em todas as situações de aprendizagem, que vão desde a motivação, interesses, gostos, preferências e afinidades e até distúrbios, traumas, dificuldades e complexos, tanto do corpo discente como docente.

Certamente há muitos obstáculos e desafios para o ensino de leitura e literatura nas escolas e para atividades propostas nesta pesquisa. Porém, acreditamos que a literatura é uma arte de encantar e humanizar e que, para se alcançar os resultados esperados requer-se tempo, paciência, persistência e (re)existência por parte dos educadores. E, nem sempre se alcançam todos os objetivos propostos. Desse modo,

> [...] pensar a educação literária é sempre muito complexo, pois há muitas frentes em paralelo à escolarização que deveriam ser previstas. Portanto, é preciso trabalhar incessantemente, mas sem a pretensão de que conseguiremos construir o leitor. Muita coisa, mas muito mesmo, está fora das possibilidades de um professor de uma realidade extremamente precarizada, sabemos disso. Mas uma coisa pode estar nas nossas mãos: promover acesso ao objeto texto, e também a situações didáticas individuais e coletivas, em que se prime pela experiência estética. (DIAS, 2017, p. 241).

É com o hábito de leitura que podemos desenvolver a imaginação, a criatividade, a ampliação do vocabulário, a formação do indivíduo e a produção de sentidos para o mundo. Portanto, é indispensável que os alunos tenham acesso à leitura de textos literários para que possam formular e organizar uma linha de pensamento para a construção de um mundo mais humano.

Com esse entendimento, consideramos que o processo avaliativo deve considerar as diferentes dimensões de atuação dos alunos, pois, a avaliação não deve ser vista como uma punição ou uma mera classificação de conceitos. Desse modo

> A avaliação precisa acontecer num contexto em que seja possibilitada ao aluno a reflexão tanto sobre os conhecimentos construídos o que sabe, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu como conseguiu aprender. Ao identificar o que sabe, o aluno tem a possibilidade de delimitar o que precisa, ainda, aprender. Ao reconhecer como conseguiu aprender, o aluno tem a possibilidade de descobrir que podem existir outros modos de aprender, conhecer e de fazer. A apropriação de novos conceitos e procedimentos permite que o aluno possa realizar as atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Nesse sentido, a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e autonomizadora. (BRASIL, 1998, p. 93).

Nessa direção, o professor poderá optar por um trabalho avaliativo contínuo, incluindo várias formas de avaliação, como individual, autoavaliação, avaliação em grupo e reflexões pessoais. Assim como a participação e o interesse durante o desenvolvimento e relacionamento nas atividades propostas. Consideramos ainda que é preciso diagnosticar as falhas para realmente poder intervir e que no processo de aprendizagem avaliar é necessário, pois

> [...] esses índices devem ser recolhidos ao longo do processo a fim de que possam cumprir essa função diagnóstica, ou seja, quando analisados criticamente, permitem que se corrijam ou confirmem procedimentos e se identifiquem necessidades que estão ou deveriam ser atendidas para se atingir os objetivos. (COSSON, 2021, p. 101).

Entretanto, será preciso que o professor compreenda que cada aluno é um ser único e individual e que o processo de aprendizagem não é homogêneo, acontece em diferentes níveis, “[…] o professor não deve procurar pelas respostas certas, mas sim pela interpretação a que o aluno chegou, como ele pensou aquilo” (COSSON, 2021, p. 113). Nesse sentido,

> [...] todas as atividades realizadas em classe podem e devem ser objeto de avaliação. Não é preciso ficar esperando pela instauração daquelas situações solenes e ritualizadas que tendem a demarcar fronteiras muito nítidas entre os momentos de aprender e os momentos de avaliar. Ensino e aprendizagem e avaliação ocorrem simultaneamente, devendo cada uma contribuir com as outras. (CORDEIRO, 2009, p.161).

Assim, todas as atividades discentes podem ser avaliadas. Consoantes a Amorin; et al., (2022, p. 138), compreendemos que é preciso que a escola faça viver diferentes formas de ser, estar, de pensar e de lidar com o mundo e a sociedade e que os docentes tenham a coragem e a responsabilidade de cumprir essa travessia de aprendizagem, considerando e respeitando os territórios que habitamos, as diferentes realidades educacionais num país tão complexo como o nosso e as possibilidades que temos em nossa prática cotidiana.

Nessa perspectiva, acreditamos que é preciso abrir espaços, em sala de aula, para o protagonismo dos alunos e para a formação de leitores reflexivos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa chega a suas últimas páginas dando-nos a certeza de que a literatura, em sala de aula, pode contribuir significativamente para a produção de leitura, interpretação textual e escrita. Também pode alcançar almas e transformar a realidade dos discentes e, estes, por meio da leitura literária, transformarem-se. Consoante a Cândido (2004, p.177), também vemos que “[...] toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído, e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”.

Ao abordarmos a leitura literária, atrelada à pluralidade cultural e às práticas de letramento literário, refletimos sobre o fato de que a literatura deve ser um direito de todos os seres humanos. Ao pautarmos os estudos sob os aportes teóricos da “Estética da Recepção”, de Jauss, pudemos refletir sobre o leitor como objeto de análise, na perspectiva que a construção de sentidos é uma interação entre autor-texto-leitor. Procuramos entender sobre como o ensino de literatura contribui para experiências significativas e edificantes na construção da sociedade e, como consequência, na vida do sujeito leitor.

Conforme consta no segundo capítulo, quando discorremos sobre os vieses literários para o ensino de língua portuguesa, almejamos encontrar bases teóricas para a formação de leitores e para a valorização da pluralidade cultural que se faz presente em classe, visando a refletir acerca de estereótipos que levam a preconceitos e geram conflitos entre os discentes. Por meio das metodologias ativas produzimos um novo olhar voltado para o aluno, no sentido de que este seja protagonista do seu processo de aprendizagem. Coube-nos ressaltar sobre o importante papel do professor, como responsável pela mediação de leitura na sala de aula.

Quando falamos de letramento literário, compreendemos que nem sempre um indivíduo alfabetizado é um indivíduo letrado. Consoantes a Magda Soares (2012, p.18), compreendemos que os letramentos em sala de aula são o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita ao ser alfabetizado. Assim, quando a formação literária não acontece em outras práticas sociais, é dever da escola oferecer acesso ao texto literário; mesmo ciente que as

fronteiras e limitações de recepção serão muitas. Outro importante ponto observado no decorrer desta pesquisa foram os letramentos digitais, tão necessários para o exercício de cidadania no mundo globalizado. Nesse sentido, a educação escolar deve abrir espaços para os multiletramentos para que, de fato, os discentes sejam indivíduos ativos na sociedade. Além disso, consideramos a diversidade social, linguística ou cultural presentes nos textos literários ou não literários como instrumento de letramentos.

No terceiro capítulo, quando dissertamos sobre o trabalho propositivo, deparamo-nos com a complexidade e desafios que há quanto à formação do sujeito leitor. Refletimos sobre as potencialidades da leitura literária em diversos gêneros, atrelados à temática da pluralidade cultural presente nos textos e no contexto escolar.

Quando abordamos heranças identitárias presentes em nossa cultura, como a presença do indígena e do negro, procuramos ressignificar e atualizar a literatura, levando os alunos a refletirem sobre a sua existência e atravessamentos de vida.

Assim, propusemos o enriquecimento do imaginário e o enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia. Na literatura de cordel, mais que características específicas, sugere-se um trabalho lúdico para os alunos por meio da construção, de transformação identitária e a exploração da experiência humana no ato de leitura. Quando debatemos sobre as práticas de multiletramentos como estratégias interessantes e significativas no combate ao preconceito a estereótipos sociais, observamos os constantes desafios enfrentados na formação do sujeito leitor.

Concordamos com Cândido (2004, p. 172-173) que é necessário reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós, é também indispensável para o próximo. Assim, concluímos que a literatura é um bem e não pode ser negada a ninguém. Vimos que, para a efetiva formação do leitor, é essencial o contato com diversas obras e autores para que a fruição literária aconteça e o leitor encontre sentidos em sua leitura. É preciso inovar, ser criativo e reinventar a educação para desenvolver um trabalho significativo na formação leitora.

Destacamos no produto final do programa, no Caderno de Atividades – “Leitura literária e pluralidade cultural: vias de conexão entre a construção de sentidos e o ensino de linguagens”, o leitor como coautor do texto por colaborar na construção de sentidos. Nas oficinas literárias, propusemos algumas produções textuais, despojadas

de preconceitos, enfatizando que o aluno produza seus próprios saberes e atribua sua argumentação perante o texto. Durante a elaboração das atividades sugeridas, buscamos atribuir um olhar criterioso para o ensino de literatura e linguagens no Ensino Fundamental.

Entendemos que não é possível a escola ficar só nos discursos teóricos, é preciso que assuma a responsabilidade na formação leitora discente. As atitudes e ações práticas são necessárias para a mudança acontecer, pois, muitos discentes só têm acesso a esse bem cultural, à literatura, quando adentram a sala de aula.

Compreendemos que a iniciação do sujeito no mundo literário, por meio da proposição de textos da literatura infantil e juvenil, é como a metáfora bíblica da parábola do semeador, que trata do ato de lançar as sementes em solo fértil – o jovem leitor; sendo aqui a boa semente a obra literária. Os frutos, possivelmente, serão leitores críticos, transformadores do seu meio pela capacidade de compreensão, argumentação e domínio da palavra.

Assim, esperamos que os possíveis leitores desta dissertação e todos aqueles que acreditam no poder de transformação proporcionado pelos textos literários, possam refletir sobre o ensino de literatura, a pluralidade cultural e aprimorar e enriquecer suas práticas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR. Vera Teixeira de. O saldo da leitura**.** *In:* Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Rezende, Rita Jover-Faleiros (orgs). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013, cap. 8, p.153-161.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

Brasil no Pisa 2018 [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Pluralidade Cultural: Orientação Sexual/Ministério da Educação**.** Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed, v. 1. Brasília, 2001.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO. Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler:** Crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.

CARDOSO, José Soares. **Mato Grosso em Foco.** Cuiabá: Edição Guiapress, 1989.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

COSTA, Luciana de Lana; HUNHOFF, Elizete Dall' Comune. A leitura – um ato experiencial na construção de sentidos. *In:* Éderson Luís Silveira; Wilder Kleber Fernandes de Santana (Orgs.). **Educação, Linguagens e Ensino:** saberes Interconstitutivos. Vol. 3. São Carlos: Pedro & João Editores. 2021. P. 430-445.

DALCASTAGNÈ, Regina. (2011). **Entre silêncios e estereótipos:** relações raciais na literatura brasileira contemporânea**.** *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*,(31), 87–110. Recuperado de: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434.

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. *In:* Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora**.** São Paulo: Parábola, 2021, p. 17– 43.

DIAS, Ana Crelia. Educação literária e escolarização: entre tensões e dicotomias. Campinas, *In:* Danglei de Castro Pereira (Org). **Nas linhas de Aridne:** Literatura e ensino em debate. São Paulo: Pontes, 2017. p. 227-243.

FIGURELLI, Roberto. **Hans Robert Jauss e a estética da recepção**. Revista Letras, v.37, dez.1988. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243/12535**.** Acesso em: 02 janeiros 2023.

FLECK, Gilmei Francisco. América: uma construção discursiva – dos primeiros estereótipos aos caminhos da descolonização pelas resistências*. In:* Gilmei Francisco Fleck, Marcio da Silva Oliveira, Phelipe de Lima Cerdeira (Orgs). **Imagens da América:** representações – expressões – resistências. Curitiba: CRV, 2020. p. 45–73.

FLECK, Gilmei Francisco. **Ensino da literatura na escola:** entre a tradição e as possibilidades pós-coloniais, o caminho da descolonização. Campinas: Mercado das Letras, 2021, p. 219-236.

FLECK, Gilmei Francisco**. Ensino de literatura e a formação do leitor literário na escola: dos primeiros passos à vida.** A Cor Das Letras, 20(2), 85–103. Disponível em:https://doi.org/10.13102/cl.v20i2.4919. Acesso em: 20 janeiro 2022.

FLECK. Gilmei Francisco. **Formação do leitor:** um projeto socioeducacional – uma trajetória para a vida cidadã. *In:* Literatura infantojuvenil: desafios para o letramento literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar. Gilmei Fleck (org). Curitiba: CRV, 2017. p. 23–37.

FLECK. Gilmei Francisco. **O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formaçãodo Leitor/** ***In:*** Frederico Westphalen. Revista Língua e Literatura. v. 10 n. 14 p. 13- 27. Jul 2007.

HUNHOFF, Elizete D. **Leitura e literatura – Concepções sobre o ensino de literatura e a formação do leitor**. V. 11 n. 2 (2011): REVISTA ECOS: LITERATURA, LÍNGUA E ENSINO. Cáceres, MT: Ed. UNEMAT. 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. São José do Rio Claro. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/sao-jose-do-rio-claro/panorama. Acesso em: 23 outubro de 2022.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da Recepção:** Colocações Gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43–61.

JUNG, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 5.ed. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo,1982.

AMORIN, Marcel Alvaro de [et al]. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

LLOSA, Mario Vargas. **Dicionário amoroso da América Latina**. Tradução de Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Domingos Briante** (PPP – 2021). São José do Rio Claro, 2021.

MOISÉS, Leila Perrone. **Roland Barthes – O saber com sabor.** Série Encontro Radical. São Paulo: Brasiliense. 1983.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento literário e cordel:** o ensino de literatura por um novo olhar. Curitiba: Appris, 2019.

NECCHI, Vítor. A Potencialização da Leitura na Era do Audivisual. *In:* Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Tania M. K. Rösing (orgs). **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 267–280.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O inteligível, o interpretável e o compreensível**. *In:* Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (orgs). **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2004. p. .58-77.

PESQUISA: Jornalista Luciane Candido Carvalho | MTB 72.320-SP. Disponível em: http://www.saojosedorioclaro.mt.gov.br/municipio/historia. Acesso em 22 de agosto de2022.

ROUXEL. Annie. **Aspectos metodológicos do ensino de literatura**. In: DALVI, Maria Amélia et. al. (Orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

ROZA, Maria Bernadete da**. A formação do Leitor no Ensino Fundamental:** a literatura infantojuvenil numa "série de leituras programadas. *In:* Gilmei Fleck (org). **Literatura infantojuvenil:** desafios para o letramento literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar. Curitiba: CRV, 2017. p. 181-194.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA; ZILBERMAN, Ezequiel Theodoro da; Regina. **Pedagogia da leitura:** movimento e história. *In:* Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (orgs). **Leitura perspectivas interdisciplinares.** São Paulo – SP: Ática, 2004, p. 111-115.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Vanusa de**. Literatura infantojuvenil:** andar entre livros do cotidiano dos adolescentes e jovens. *In:* Gilmei Francisco Fleck (org**). Literatura infantojuvenil:** desafios para o letramento literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar.Curitiba. CRV, 2017. P.39-51.

VOLTOLINI, Maria Aparecida Rodrigues de Souza; HUNHOFF, Elizete Dall' Comune. **O letramento literário como estratégia para a formação do leitor proficiente**. *In:* **Tramasliterárias:** efeitos e sentidos**.** Garças, SP. Ed. FAEP, 2021. p. 235-248.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. ***Literatura e Pedagogia.*** *Ponto & Contraponto*. São Paulo/Campinas, global/ALB, 2008, p. 23.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino da Literatura** [livro eletrônico] / Regina Zilberman. Curitiba: Ibpex, 2012. (Série Literatura em Foco).

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ZILBERMAN, Regina**. Ensinar é preciso – resistir também**. *In:* Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (Org). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021, p. 7-11.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004. (1989).

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Revista Via Atlântica, nº 14. Porto Alegre. 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Recepção e leitura no horizonte da literatura**. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100006. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

ANEXO I

CADERNO DE ATIVIDADES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ANA GREICY GIL ALFEN

ORIENTDORA: ELIZETE DALL´COMUNE HUNHOFF

CADERNO DE ATIVIDADES

LEITURA LITERÁRIA E PLURALIDADE CULTURAL: VIAS DE CONEXÃO ENTRE A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E NO ENSINO DE LINGUAGENS

CÁCERES – MT/ 2023

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 11
Figura 2 27
Figura 3 30
Figura 4 63
Figura 5 64
Figura 6 68

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 3

MÓDULO I: O PROCESSO DE RECEPÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS 7

1- O PROCESSO DE RECEPÇÃO E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS 8

2 - TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO COM TEMA SOBRE A CULTURA INDÍGENA 15

3 - EXPERIÊNCIAS COM TEXTOS DA LITERATURA DE CORDEL 25

04: ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA FEIRINHA CULTURAL 34

05: A BUSCA POR INOVAÇÕES NO ENSINO DE LEITURA 39

MÓDULO II 44

OFICINAS LITERÁRIAS 44

01: LEITURA E REESCRITA DA CRÔNICA “A ÚLTIMA CRÔNICA”, DE FERNANDO SABINO 45

02: - LEITURA LITERÁRIA PROTAGONIZADA PELOS DISCENTES 52

03 - PRODUÇÃO TEXTUAL COM O TEMA “PLURALIDADE CULTURAL” 57

04 - CRIAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES PARA AS PRODUÇÕES TEXTUAIS 62

05 - A PLURALIDADE CULTURAL E A SÉTIMA ARTE 67

EPÍLOGO 72

ANEXOS 74

APRESENTAÇÃO

Neste caderno apresentamos o projeto propositivo “Leitura literária e pluralidade cultural: vias de conexão entre a construção de sentidos e o ensino de linguagens” desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional PROFLETRAS. Este teve por objetivo, além do cumprimento às exigências do programa, apresentar a professores de Língua Portuguesa atividades didático-pedagógicas junto a alunos que estão em fase de formação escolar no Ensino Fundamental, levá-los a desenvolver o gosto pela leitura literária e pela produção escrita autônoma, por meio de atividades com textos em versos e em prosa, em diferentes gêneros. Tudo foi elaborado para os discentes promoverem o exercício de atribuição de sentidos, com o tema “pluralidade cultural”.

Nessa perspectiva, direcionamos os objetivos e as atividades a alunos do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Domingos Briante, em São José do Rio Claro – MT. Isso tornou-se possível com a decisão do Conselho Gestor, de 01 de fevereiro de 2022, que definiu e autorizou, por meio da Resolução nº 003/2021- as formas propositiva ou interventiva para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sétima turma do Mestrado Profissional, como alternativas possíveis. Diante disso, optamos pela forma propositiva, visando a alcançar reflexões teórico-práticas com atividades de leitura e literatura que envolvam a diversidade social e contextual dos alunos.

O tema “pluralidade cultural” deve-se à necessidade e à urgência de se trabalhar os temas transversais em sala de aula, para que se desmistifiquem estereótipos e preconceitos cristalizados ao longo dos tempos, também objetivamos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Destacamos a teoria da *Estética da Recepção,* de Hans Robert Jauss (1921-1997) por esta possibilitar ao profissional de educação, especialmente ao professor de Língua e Literatura, a percepção do processo de aprendizagem literária, tendo o leitor como centro de aprendizagem, o que conduz à compreensão do diálogo entre o texto e o contexto, produzido ou analisado, resultando na fusão de horizontes interpretativos e no protagonismo dos alunos.

Vimos nas metodologias ativas algumas estratégias para ressignificar a educação quanto ao uso dos recursos digitais e das tecnologias, pois, contribuem imensamente para tornar as aulas mais atrativas, ampliam o engajamento dos alunos e os colocam como protagonistas do conhecimento. Nestas, o professor é o mediador do processo de aprendizagem. Concordando que:

> [...] o foco para a mudança é desenvolver alunos criativos, inovadores, corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas diferentes, que arrisquem mais, que relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão. (MORAN, 2007, p. 80).

É preciso inovar e buscar novos sentidos para a construção do conhecimento. Nossos alunos são nativos digitais e a educação não deve ser a mesma do século passado. A globalização e as tecnologias digitais são fundamentais na sociedade contemporânea, por isso buscar diferentes maneiras e metodologias para uma melhor aprendizagem são os primeiros passos para uma educação mais significativa e edificante.

Com os círculos de leitura, proposto por Cosson (2014) entendemos tratar-se de um *modus operandi* relevante para efetivar a aproximação do texto com o leitor, pois “[...] o ato físico de ler pode ser até solitário, mas nunca deixa de ser solidário (COSSON, 2009, p.27). Nossas atividades de leitura foram divididas em três fases: o ato de ler; o compartilhamento de ideias; reflexões e o registro. Todas estão acompanhadas dos objetivos, fundamentação teórica, metodologia, atividades extraclasse, referências e são apresentadas seguindo a respectiva organização:
Módulo I: O processo de recepção dos textos literários e a atribuição de sentidos.
Módulo II: Oficinas literárias com proposição e estratégias de trabalho.

Na primeira parte deste caderno sugerimos atividades como rodas de conversa, constituição de um arquivo de leitura sobre o tema “As diferenças entre as pessoas”, entrevista com pais e responsáveis, feira cultural e criação de um *blog* para a turma. No segundo módulo apresentamos sugestões de oficinas literárias de leitura e produção textual. Destacamos a importância do planejamento do mediador em relação à preparação do material pedagógico necessário para a realização das atividades propostas e, deixamos como sugestão de atividade extraclasse, visitas a museus, parques, centros culturais como CTNs, CTGs e outros, comunidades rurais, etc.

Nas atividades sugeridas e nas oficinas literárias, após o plano didático-metodológico, discorremos sobre propostas avaliativas, sugerindo aos profissionais da educação que percebem a real importância que a interação professor-aluno promove no incentivo do ensino de leitura que, por ser uma atividade complexa, envolve a compreensão, a produção de sentidos e a argumentação, crítica ou em desenvolvimento.

Assim, também percebemos que é preciso estabelecer relações de interação entre o texto, o leitor e o mediador. Assim, os professores devem ressignificar suas práticas pedagógicas para que, realmente, a leitura de textos literários ou outros ocorra, preferencialmente, de forma prazerosa.

Entendemos que, ao se promover ações em que os alunos possam conhecer e atribuir novos sentidos e novos significados por meio de leituras de textos literários, estes contribuem significativamente para o processo de aprendizagem e desenvolvimento cultural dos alunos, especialmente de sua capacidade de reflexão crítica e, consequentemente, à prática do exercício de cidadania para a construção de um mundo melhor.

O tema “pluralidade cultural” traz em seu bojo valores culturais, étnico raciais, espirituais, de gêneros e sociais. E para alcançar reflexões teórico-práticas, buscamos atividades de leitura e literatura que envolvam a diversidade social e contextual dos alunos, por meio do ensino de textos em versos e em prosa, em diferentes gêneros literários. As atividades sugeridas também visam a despertar o interesse discente a valorizar a cultura regional, o meio social e, principalmente, as diferenças culturais presentes na escola e na sociedade, por meio de uma seleção de textos literários em um espaço que valorize e priorize a sua formação, pois

> [...] nesse contexto, a literatura infantil e infantojuvenil – e seu ensino consciente e programado – vem a solidificar o espaço da leitura na escola enquanto formação de leitores literários, tendo em vista que ela pode proporcionar a possibilidade de a criança adentrar num mundo diferente: num mundo de sonhos e ações das personagens das histórias, que desmistificam preconceitos e permitem-lhe relacionar fatos com sua própria vida, numa forma de tornar o mundo mais compreensível e mais humano. Desse modo, se investirmos um pouco mais de tempo na formação do leitor literário na escola, antes de confrontarmos as crianças com o processo de produção escrita, podemos, seguramente, contar, também, com escritores mais proficientes ao longo da caminhada. (FLECK, 2019, p. 91).

Assim, conscientes dos problemas sociais circundantes no espaço escolar, sentimos que a leitura de textos literários, amalgamada com a diversidade cultural, pode proporcionar um espaço de liberdade para a construção do pensamento, permitindo ao leitor refletir e confrontar opiniões, pois, “[...] a história das interpretações de uma obra de arte é a troca de experiências ou, se quisermos, um jogo de perguntas e respostas”. (JAUSS apud ZILBERMAN, 1989, p. 62). Entendemos que é essencial, no processo de leitura, a experiência e o leitor como elementos centrais para o conhecimento e interpretação de uma obra.

Enfim, acreditamos que, por meio da leitura literária a escola será capaz de promover um ensino mais eficiente e, como consequência, a libertação de pensamento de uma sociedade.

MÓDULO I: O PROCESSO DE RECEPÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS

1- O PROCESSO DE RECEPÇÃO E A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS

Acreditamos que o diálogo e as rodas de conversa serão primordiais para a aproximação dos textos com os alunos e na construção de sentidos. Nesse sentido, percebemos a importância de conhecer a experiência literária de cada aluno. Procuramos mostrar noções do que significa textos literários para que um diagnóstico inicial de aprendizagem da turma. Deste modo, compreendemos que

> [...] a abordagem a um texto é sempre feita de uma forma distinta, dependendo de cada leitor, pois este possui experiências e objetivos pessoais específicos, os quais amparam seus interesses e propósitos de leitura. Ainda que a meta estabelecida em um grupo de leitores seja a mesma para todos, os meios de atingi-la, seguramente, variarão de um para outro, e os resultados, ainda que condizentes com a meta, mostrar-se-ão diferenciados. Embora agindo cada qual de uma forma independente, os agentes da leitura – leitor, texto, autor – necessitam encontrar, conforme assegura Orlandi (1988), um espaço comum que lhes sirva de ponto de partida, de comunhão, de interação e negociação. (FLECK, 2008, p.18).

É preciso levar os alunos a compreenderem a natureza da experiência com a literatura para que possam interagir com os textos literários e para que a leitura literária aconteça de maneira fruidora e, preferencialmente, prazerosa.

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 02 aulas

- Conteúdo: Oralidade, argumentação, texto literário.

- Conceitos: Recepção literária; gestos de interpretação;

- Objetivos:

Levar os alunos a compreenderem os sentidos de literatura, dos textos literários e não literários que circulam entre os alunos, com exposição de conceitos, diálogos e argumentações exemplares.

Colocar em evidência, através da interlocução, como os alunos significam e ressignificam os textos literários dentro e fora da escola, demonstrando-lhes que estão imersos no universo dialógico da escrita, da oralidade e de diferentes culturas.

Dar visibilidade, de forma oral e escrita, à compreensão que os alunos possuem sobre o tema pluralidade cultural.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

Propõe-se que esta atividade se inicie com uma roda de conversa orientada pelo professor. Acreditamos na força do diálogo e no poder da interação para que o conhecimento possa fruir e, ao mesmo tempo, possa ser motivador. Assim, é preciso dar voz aos alunos, ouvi-los, para que sejam motivados ao protagonismo, no processo de aprendizagem. Nossa intenção com essa atividade inicial será que todos os discentes compreendam a intencionalidade e os objetivos propostos neste projeto literário, qual seja, o de incentivar o gosto pela leitura literária e, por consequência, a interpretação e a produção escrita.

Sugerimos que se planeje um diagnóstico oral, depois escrito, acerca dos conhecimentos prévios dos discentes sobre literatura, texto literário e não literário, visando a diagnosticar o que entendem, quais foram suas últimas leituras e quais são os gêneros textuais que lhes são mais apreciáveis.

É importante enfatizar a importância e a necessidade do acesso e uso da Internet pelos alunos que participarão do projeto para a concretização das atividades propostas, pois, um dos desafios é implementar, de fato, o uso de ferramentas tecnológicas no ensino, como já observamos em tempos das aulas remotas, na pandemia do Covid 19 (ano 2020-2021). Acreditamos que "[…] com as tecnologias, podemos flexibilizar o currículo e multiplicar os espaços, os tempos de aprendizagem e as formas de fazê-lo." (MORAN, 2007, p. 55). Com o uso das metodologias ativas os discentes serão incentivados a protagonizarem suas ações educacionais, já que

> [...] são muitos os benefícios de adotar as metodologias ativas, como o incentivo à tomada de decisões com avaliação dos possíveis resultados dessa decisão, o desenvolvimento de soluções criativas, o trabalho coletivo e a aplicação de conceitos estudados. (SILVA, 2020, p. 14).

Nesse momento, precisa-se investigar quais são as motivações ligadas ao ensino, de cada estudante, o que desperta seu interesse em aprender, os percursos, técnicas e tecnologias mais acessíveis. Acreditamos que, com as metodologias ativas,

o professor-orientador promoverá o interesse e o engajamento por parte dos alunos, para que usufruam da tecnologia digital de forma responsável.

Se é preciso buscar novas práticas pedagógicas para que o processo de aprendizagem faça sentido e desperte o interesse em aprender, então “[...] é importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem”. (MORAN, 2007, p. 46).

Nesse sentido, ao propormos essa atividade inicial em sala de aula, buscamos produzir novos sentidos e olhares para o ensino de literatura. Assim, esperamos que os alunos tenham desejo em descobrir conhecimentos e desenvolver interesses com textos literários e que se sintam à vontade para o diálogo e à reflexão.

A – Sugestão de questões orais para o círculo de conversa:

1. O que é literatura para vocês?
2. O que são “textos literários”?
3. Vocês gostam de ler? Por quê?
4. Quais foram suas últimas leituras? Tem algum livro ou texto que mudou sua maneira de pensar?
5. Gostaria de contar sua experiência para colegas?
6. Com que finalidade vocês usam a Internet?
7. Quem possui internet em casa?
8. Quais são suas leituras feitas na internet? A leitura de mundo é importante para entender a realidade?
9. Alguém conhece *sites* de leitura?
10. O que vocês pensam sobre a leitura na escola?
11. Alguém já ouviu falar em “pluralidade cultural”? Comentar.
12. O que vocês sabem sobre as “nossas diferenças físicas, sociais e culturais”?
13. Para vocês é importante compreender as diferenças existentes entre as pessoas?

B – Análise e reflexão sobre textos

Sugere-se que a apresentação dos textos seja por meio de um *Datashow*, seguida da leitura coletiva.

Figura 1

"JOÃO GOSTOSO" DES-APPARECEU NO MAR

A' procura do cadaver

O carregador da feira livre conhecido pelo vulgo de "João Gostoso", de cor preta, com 40 annos presumiveis, hontem, á tarde, ao banhar-se no canal da Lagôa Rodrigo de Freitas, cahiu ao mar e pereceu afogado.

O corpo desappareceu, tendo varios pescadores da "Colonia 14", se demorado á procura do cadaver, que até á ultima hora não havia apparecido.

O facto foi levado ao conhecimento do commissario Carlos Machado, do 30º Districto Policial.

AUTO "VERSUS" MOTO-CYCLETA

Fonte: https://iconografiadahistoria.com.br/

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão [sem número]
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**, 1930).

Questões para refletir:

1- Qual é o fato principal, abordado nos textos? (Ambos os textos relatam o mesmo fato: o suicídio de João Gostoso).
   a- Quais são as principais diferenças entre os textos, na escrita?
   b- Você sabe o que é um texto em prosa?
   c- E o que são versos, estrofes e rimas?
   d- O que seria uma linguagem objetiva e subjetiva?

Será oportuno, após breve debate, que o professor-mediador apresente na lousa conceitos sobre o gênero textual “notícia” e o sobre o gênero literário “poema”, para que os alunos compreendam as principais características de cada um. Assim também as reformas ortográficas de nossa língua, contidas no primeiro texto.

C- Tarefa

Visando à fixação do conteúdo, propor que brinquem de ser poeta. Solicitar que narrem um acontecimento importante em sua vida, em prosa e em versos, com extensão livre.

III – AVALIAÇÃO

O principal objetivo das atividades aqui elencadas é perceber o conhecimento prévio dos alunos em relação à leitura literária e aos gêneros literários para que possam opinar, criticar e refletir sobre os temas propostos, acrescentando novos saberes com a experiência do outro, de maneira que se apropriem da leitura literária e façam dela uma prática social. “De certa forma, pode-se dizer que há um consenso teórico sobre a avaliação como um diagnóstico da aprendizagem e das condições em que ela se realiza”. (COSSON,2021, p. 111).

Nesse sentido, acreditamos que é importante identificar os conhecimentos prévios dos alunos e da turma para identificar o processo de construção do conhecimento. Assim,

> [...] o processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida. (AGUIAR, 2020, p.153).

Dessa maneira, o aluno precisa participar ativamente do processo de construção de sentidos. Reiteramos, que o professor deve promover espaços e atividades orientadas que proporcionem liberdade para que exerçam seu protagonismo em sala de aula. Se a leitura é interação, o ensino literário amplia as visões e os valores a serem concebidos pelos jovens leitores.

Espera-se que os resultados obtidos sejam satisfatórios no sentido de sensibilizar o sujeito leitor para a fruição literária, construção e apropriação de sentidos para os textos literários.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FLECK. Gilmei Francisco. **O papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na formação do leitor**. Revista Língua e Literatura. V.10, p. 13-17, 2008.

https://ptbr.facebook.com/iconografiadahistoriaoficial/photos/not%C3%ADcia-original-que-deu-origem-ao-poema-de-manuel-bandeirao-famoso-texto-do-aut/1086614745121199/

https://www.escritas.org/pt/t/1634/poema-tirado-de-uma-noticia-de-jornal. Acesso em: 25 de julho de 2022

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

SILVA, Alexandre José de Carvalho. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação**. Lavras: UFLA, 2020.

SOUZA, Nilo. **Experiências literárias e o processo de formação de novos leitores**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 08-21, maio/ago. 2017.

ZILBERMAN, Regina. **Recepção e leitura no horizonte da literatura**. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100006. Acesso em: 27 de julho de 2022.

2 - TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO COM TEMA SOBRE A CULTURA INDÍGENA

A literatura nos permite compreender a complexidade da própria existência, pois com a leitura de textos literários pode-se relacionar o passado, presente e o futuro e desenvolver um pensamento crítico e reflexivo. Pode-se ver e sentir o mundo de forma global e interpretar melhor a existência e a cultura que nos envolve. Desse modo, compreendemos que

> O indispensável é que, cedo ou tarde, graças à democracia – a liberdade e a legalidade conjugadas –, todos os latino-americanos, independentemente de raça, língua, religião e cultura, sejam iguais perante a lei, tenham os mesmos direitos e oportunidades e coexistam na diversidade, sem serem discriminados nem excluídos. A América Latina não pode renunciar a essa diversidade multicultural que faz dela um protótipo do mundo. (VARGAS LLOSA, 2006, p. 8).

Assim, sentimos o quanto é preciso abrir espaços em sala de aula para a diversidade e a pluralidade cultural, para o diálogo e para a reflexão, visto que com o hábito da leitura literária pode-se vivenciar experiências diferentes do cotidiano e o leitor poderá ficar instigado e se enveredar por mundos distintos e fantásticos. Entendemos que isso é possível devido os textos literários ampliarem o horizonte de expectativas e, na atividade literária, faz-se relações com os outros, com os valores sociais e com a própria linguagem.

I – PLANEJAMENTO

- **Tempo previsto**: 04 aulas
- **Conteúdo**: Leitura; texto literário e não literário; pluralidade cultural.
- **Objetivo:**

Oportunizar aos alunos a construção de conhecimentos sobre o texto literário, conotação e denotação, com o tema “pluralidade cultural”, por meio da leitura e da pesquisa, com a prévia seleção de textos feita pelo mediador.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

A proposição desta atividade tem em vista o início da constituição de um arquivo de leitura sobre o tema “pluralidade cultural”. Assim, ao se valorizar as origens e identidades, promove-se a desconstrução de certos preconceitos e estereótipos existentes em nossa cultura. Como exemplo, citamos as “perdas de identidades” que a nação dominadora e detentora do poder submeteram as nações indígenas. Por isso vemos ser preciso “[...] valorizar justo a diferença como elemento essencial e vital dessa manifestação cultural das nações que, no passado, estiveram subjugadas pelos centros de poder”. (FLECK, 2020, p. 59).

Para início desta atividade, o mediador poderá propor a leitura do texto: *A raiva de ser índio*, de Daniel Munduruku. Entendemos que “[...] a riqueza da América Latina consiste em ser tantas coisas ao mesmo tempo, o que faz dela um microcosmo no qual coabitam quase todas as raças e culturas do mundo”. (VARGAS LLOSA, 2006, p. 9). Assim, conscientes das diferenças sociais circundantes no espaço escolar, sentimos que a leitura de fruição de textos literários, amalgamada com a diversidade cultural, pode proporcionar um espaço de liberdade para a construção do pensamento, permitindo ao aluno leitor refletir e confrontar opiniões.

Texto 01: A RAIVA DE SER ÍNDIO[2]

A gente não pede para nascer, apenas nasce. Alguns nascem ricos, outros pobres; outros brancos, outros negros; uns nascem num país onde faz muito frio, outros em terras quentes. Enfim, nós não temos muita opção mesmo. O fato é que, quando a gente percebe, já nasceu.

Eu nasci índio. Mas não nasci como nascem todos os índios. Não nasci numa aldeia, rodeada de mato por todo lado. com um rio onde as pessoas pescam peixe quase *com a mão de tão límpida que é a água. Não nasci dentro de uma Uk’a Munduruku. Eu nasci na cidade. Acho que dentro de um hospital. E nasci numa cidade onde a maioria das pessoas se parece com índio: Belém do Pará.*

Nasci lá porque meus pais moravam lá. Meu pai é índio e viveu numa aldeia, como depois eu iria viver também. Fui o primeiro filho da família a nascer na cidade. Antes de mim já tinham nascido quatro meninos e dois meninos (um dos meninos não cheguei a conhecer) todos fora da cidade. Depois de mim vieram ainda três meninos. Era uma alegria só.

[2] O autor, Daniel Munduruku (Belém, 28 de fevereiro de 1964), é escritor e professor paraense, pertencente ao povo indígena Munduruku.

Meus pais tinham ido para Belém em busca de uma maneira de sustentar tantas bocas, uma vez que já não era tão fácil viver na aldeia e eles sonhavam com a cidade. Por isso meu pai aprendeu uma profissão: carpinteiro. Foi, e ainda é, um grande mestre nesse ofício.

Minhas primeiras lembranças – além de um terremoto que vivi aos quatro anos – são as de meu pai martelando, serrando e falando sobre as propriedades da madeira (acho que ele falava era do espírito das árvores só que não me lembro bem disso). De qualquer modo meu pai era um grande artesão e foi graças a essa sua habilidade que pôde sustentar tantos filhos durante tanto tempo.

Nós sempre moramos na periferia de Belém. Nossa maloca não era nossa e muitas vezes tivemos que mudar de lugar, de casa e de bairro. Foi uma época bem sofrida. Meus irmãos tiveram que ir trabalhar na cidade para ajudar nas despesas. Eu mesmo fui vendedor de doces, paçoca, sacos de feira, amendoim, chopp (é um suco colocado em saquinhos de plástico congelados. Em São Paulo chamam isso de geladinho). Fazia tudo isso com alegria. Eu era uma criança que gostava de fazer coisas novas.

*Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo menos isso! Para meu desespero, nasci com cara de índio, cabelo de índio (apesar de um pouco loiro), tamanho de índio. Quando entrei na escola primária, então, foi um de*us-nos-acuda. Todo mundo vivia dizendo: “Olha o índio que chegou à nossa escola”.

Meus primeiros colegas logo se aproveitaram pra me colocar o apelido de Aritana. Não precisa me dizer que isso me deixou fulo da vida e foi um dos principais motivos das brigas nessa fase da minha história – e não foram poucas brigas, não. Ao contrário, briguei muito e, é claro, apanhei muito também.

E por que eu não gostava que me chamassem de índio? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso. E, como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora que que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim. Mas era uma honra que ninguém levava em consideração. Para meus colegas só contava a aparência… e não o que eu era e fazia.

Somente um lugar me deixava feliz. Aliás, dois. Um era o quintal de casa, pois a gente morava numa casa onde havia um imenso terreno baldio e ali eu reunia meus colegas para brincar. Ali treinei meus ouvidos para ouvir as conversas das corujas e dos sapos. Ali me refugiava quando queria ficar sozinho e pensar nos conhecimentos que estava adquirindo, os primeiros livros que estava começando a ler. Ali, comecei a jogar futebol nos campos improvisados que a gente fazia.

Havia, porém, outro lugar maravilhoso para onde eu sempre fazia questão de ir. Para esse lugar, entretanto, eu não podia ir sozinho, tinha que ser levado, porque ficava longe da cidade. Era nossa aldeia familiar em Maracanã.
(https://xapuri.info/a-raiva-de-ser-indio/)

Após a leitura coletiva do texto, é importante que o professor verifique se há vocábulos desconhecidos. Se houver, orientar para que os alunos pesquisem os significados nos dicionários que serão expostos sobre a mesa do professor ou o uso do celular para a pesquisa na Internet.

A seguir, propor um breve debate sobre o texto lido a respeito de Daniel MunduruKu. Este, ao expor as suas origens, hábitos, costumes, e também um pouco de sua infância, resgata algumas brincadeiras e coisas de sua época. Os alunos perceberão as diferenças entre uma geração e outra, coisas que ocorrem em todas as culturas. Nesse sentido, acreditamos que

> Os diversos espaços e tempos que o professor atravessa (infância, escolarização, família, comunidades, ingresso na profissão, etc.) é de suma importância ao desenvolvimento da sua "pessoalidade", antes, durante e depois do início do seu trabalho em uma ou mais escolas. Nessa trajetória complexa e dinâmica, havemos de lembrar a sua própria aproximação com o universo da escrita e com outras linguagens que fazem circular os sentidos entre os homens. (SILVA, 2009, p. 24).

A interpretação do texto literário em suas especificidades permite a integração desses conhecimentos com outros conhecimentos culturais dos alunos. A ampliação do horizonte de expectativas como parte constituinte no processo de ensino aprendizagem amplia os interesses dos alunos, motivando-os a buscar textos que desafiem seus conceitos e sua realidade. Em seguida, propor algumas questões escritas sobre o tema, conforme sugestões abaixo.

1. Como você percebe o preconceito no texto? Quais atitudes são consideradas preconceituosas?
2. Na sua opinião, os indivíduos índios ainda são considerados índios? Comentar por quê?
3. Em sua vida escolar, você já passou por uma situação parecida com a do texto? Comentar como foi.
4. Você gosta de ser quem você é? Comente.
5. Qual lição pode-se tirar dessa leitura para a sua vida?

Para maior entendimento e reflexão, propomos uma dinâmica que conduz ao viés de que ninguém é igual. O ser humano deve reconhecer sua cultura e promover sua autoestima e isso pode ser primordial para que a leitura literária possa fazer e estabelecer sentidos.

Proposição: O professor distribui para cada aluno papel sulfite e canetinha colorida (previamente preparado). Pede para que o discente coloque o papel sobre a mesa e se prepare para seguir alguns comandos. Informar que não será simplesmente desenhar, mas desenhar sem tirar a ponta da canetinha do papel. Solicitar que façam um círculo, depois os olhos, o nariz, a boca, os cabelos, o corpo de um ser humano, tudo com criatividade. Depois de pronto, pedir aos alunos que mostrem os desenhos.

Momento reflexivo: Motivar os alunos a perceber como várias pessoas com os mesmos comandos fizeram desenhos diferentes; o traçado, a escolha da cor e das formas e assim por diante. Embora todos estejam na mesma classe, cada um tem suas especificidades, pois todos são diferentes. Mostrar como torna-se imprescindível respeitar o outro, respeitar diferenças e pensamentos contrários.

Promover estratégias em que os alunos participem com entusiasmo é de suma importância nesse processo, pois, “[...] uma aula de literatura é, antes de mais nada, um momento em que se promove uma interação com os textos literários”. (COSSON, 2014, p. 115).

A seguir, passar o conceito de texto literário - conotativo e de texto não literário – denotativo.

Explicar aos educandos que um texto literário[3] é uma construção textual de acordo com as normas da literatura, com objetivos e características próprias, como o uso de linguagem elaborada de forma a causar emoções no leitor.

De acordo com a classificação de textos, existe a divisão entre duas categorias: textos literários e textos não literários. O texto não literário/denotativo tem como objetivo informar, esclarecer, explicar, ou seja, pretende ser útil ao leitor. É frequentemente visto como um texto informativo, construído de forma específica, com linguagem clara e objetiva. Alguns exemplos são artigos científicos, notícias, textos didáticos, a bula, as receitas, os documentos.

[3] (Fontes de pesquisa: https://www.significados.com.br/texto-literario/#:~:text=Um%20texto%20liter%C3%A1rio%20%C3%A9%20uma,liter%C3%A1rios%20e%20textos%20n%C3%A3o%20liter%C3%A1rios.

https://www.todoestudo.com.br/portugues/texto-biografico#:~:text=O%20texto%20biográfico%20trata%20de,personagem%20fictício%2C%20abordando%20suas%20características)

Por outro lado, o texto literário é mais artístico, com uma função estética, que tem objetivo recreativo, provocando diferentes emoções no leitor. Assim, os textos literários nem sempre estão ligados à realidade (no caso da ficção) e muitas vezes são subjetivos, podendo provocar diferentes interpretações nos leitores. Além disso, o texto literário contém figuras de linguagem, a linguagem no sentido figurado – conotativo, e uso de metáforas, que tornam o texto mais expressivo. Como exemplo: “A vida é um mar de rosas”! Ou, “Nem tudo são flores na vida”.

O texto biográfico tem como característica a narração da história referente à vida de alguém – podendo ser real ou não.

B – Jogral

Para interação, sugere-se que o mediador-professor traga para a classe a letra da música: “Índios”, do grupo musical Legião Urbana. Também a canção em áudio ou vídeo para ser ouvida e cantada na sala de aula. Pode-se dividir a turma em pequenos grupos para que declamem algumas estrofes da música. Logo após, propor refletirem sobre o processo de colonização que os portugueses impuseram aos índios. Debater sobre a cultura indígena em relação à europeia, brevemente.

ÍNDIOS

Quem me dera ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha

Quem me dera ao menos uma vez
Esquecer que acreditei que era por brincadeira
Que se cortava sempre um pano de chão
De linho nobre e pura seda

Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue entender
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente

Quem me dera ao menos uma vez
Provar que quem tem mais do que precisa ter

Quase sempre se convence que não tem o bastante
Fala demais por não ter nada a dizer

Quem me dera ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto como o mais importante
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente

Quem me dera ao menos uma vez
Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
Sua maldade, então, deixar um Deus tão triste

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
Assim pude trazer você de volta pra mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim

E é só você que tem a
Cura pro meu vício de insistir
Nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi

Quem me dera ao menos uma vez
Acreditar por um instante em tudo que existe
Acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes

Quem me dera ao menos uma vez
Fazer com que o mundo saiba que seu nome
Está em tudo e, mesmo assim
Ninguém lhe diz, ao menos: Obrigado

Quem me dera ao menos uma vez
Como a mais bela tribo
Dos mais belos índios
Não ser atacado por ser inocente

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
Assim pude trazer você de volta pra mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim

E é só você que tem a
Cura pro meu vício de insistir
Nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi

Nos deram espelhos e vimos um mundo doente
Tentei chorar e não consegui.

(Legião Urbana, Composição: Renato Russo,https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/92/)

Após o momento de leitura e ludicidade, o professor poderá comentar sobre as características desse texto literário. Sobre poema, versos, rima, ritmo, anáforas ou outros recursos poéticos. As explicações e as explanações podem ser somente orais, ou usar a lousa para algum conceito, isso se sentir que os discentes não têm esse pré-requisito.

C – Tarefa

Propor pesquisar informações e curiosidades sobre os povos indígenas do Brasil ao encontrarem os portugueses. Solicitar que passem essas informações em folhas digitalizadas ou manuscritas, também podem escolher passar em cartolinas, com ou sem colagens. Com esses materiais propor montarem um mural interativo, na sala de aula ou no corredor da escola.

III – AVALIAÇÃO

A leitura é interação e o ensino literário amplia as visões e os valores a serem concebidos pelos jovens leitores. É imprescindível que os alunos tenham acesso a textos literários significativos para que a prática da leitura, realmente seja estimulante, uma vez que

> [...] o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. (JOUVE, 2002, p. 19).

Compreender o valor da leitura, através dos textos literários, é descobrir um mundo novo, desconhecido. É retornar para realidade fortalecidos, munidos de novas ideias e concepções. No entanto, precisamos rever a prática de leitura em sala de aula para que esta não seja uma atividade estratificada. Desse modo,

> [...] a leitura é algo que precisa ser aprendido, pois, segundo Antunes (2009, p. 201), “não se nasce com o gosto pela leitura, [...]. O ato de ler não é, pois, uma habilidade inata. [...] o gosto por ler literatura é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido.” Então, a leitura é um ato social essencial para a formação humana, aprende-se a ler para ler criticamente o mundo, para buscar os sentidos no texto que são determinados pela bagagem sociocultural que o leitor traz consigo. (FLECK, 2019, p. 89-90).

Assim, cabe ao professor saber ouvir e acolher as respostas na construção de sentidos, pois essa sua ação será primordial para conduzir, de forma mediada, o processo de leitura. Entender que um mesmo texto pode ser compreendido de diferentes maneiras pelos leitores ou pelo mesmo leitor, em outra leitura ou épocas diferentes, integra a função do professor como mediador do processo de leitura.

Deste modo, o professor poderá optar por um trabalho avaliativo contínuo, incluindo várias formas de avaliação, como individual, autoavaliação, avaliação em grupo e reflexões pessoais. Assim como a participação e o interesse durante o desenvolvimento e relacionamento nas atividades propostas. Nesse sentido,

> [...] todas as atividades realizadas em classe podem e devem ser objeto de avaliação. Não é preciso ficar esperando pela instauração daquelas situações solenes e ritualizadas que tendem a demarcar fronteiras muito nítidas entre os momentos de aprender e os momentos de avaliar. Ensino e aprendizagem e avaliação ocorrem simultaneamente, devendo cada uma contribuir com as outras. (CORDEIRO, 2009, p. 161).

O processo avaliativo deve considerar as diferentes dimensões de atuação dos alunos, a avaliação não deve ser vista como uma punição ou uma mera classificação de conceitos, já que

> [...] propomos, antes de qualquer coisa, que o professor tome a literatura como uma experiência e não um conteúdo a ser avaliado. Desse modo, é a leitura literária feita pelo aluno que está no centro do processo de ensino e aprendizagem, devendo a avaliação buscar registrar seus avanços para ampliá-los e suas dificuldades para superá-las. (COSSON, 2021, p. 113).

Com senso crítico sobre sua responsabilidade na condução da aprendizagem, o professor deve sempre pensar sua proposta didática a partir da realidade da classe, com textos pré-selecionados, com orientação para o uso da biblioteca, com ênfase no incentivo à família do educando para lerem, e, principalmente sendo um exemplo ao aluno.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FLECK, Gilmei Francisco. **América:** uma construção discursiva – dos primeiros aos caminhos da descolonização pelas resistências. In: **Imagens da América:** representações – expressões – resistências / Gilmei Francisco Fleck, Marcio da Silva Oliveira, Phelipe de Lima Cerdeira (organizadores) – Curitiba: CRV, 2020. P.45-73.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** Tradução: Brigitte Hervot – São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **A raiva de ser Índio**. Disponível em: https://www.xapuri.info/resistencia-indigena/a-raiva-de-ser-indio/. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. **O professor leitor**. In**: Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores / Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Tânia M. K. Rösing (organizadores). – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2009. P. 23- 45.

VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário amoroso da América Latina**. Tradução de Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Vídeo entrevista Poesia sobre diversidade - Bráulio Bessa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbLOm8L9b9o. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

3 – EXPERIÊNCIAS COM TEXTOS DA LITERATURA DE CORDEL

A leitura literária, antes de tudo, deve ser significativa e fruidora, "[…] ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo pode dizer das nossas aulas". (LAJOLO,1982, p. 15). Mediante algumas dificuldades em se trabalhar a leitura literária, destacamos a importância de analisar todo o contexto que cerca a sociedade local.

É preciso que as leituras e interpretações vão além das linhas textuais, torna-se importante compreender e dar significados a esses textos. Os alunos necessitam dar sentido àquilo que estão lendo e encontrem objetivos em sua leitura, descobrindo o quanto pode ser prazeroso ler, dentro e fora do ambiente escolar. "O fato de reafirmar a validade da experiência estética como simultaneamente prazer e conhecimento não impede Jauss de atribuir-lhe uma função transgressora". (ZILBERMAN, 1989, p. 54). Desse modo,

> [...] o conhecimento de mundo é aquele que adquirimos informalmente, ao longo de experiências da vida, de leituras, de convivências pessoais e sociedade. Portanto, construímos o sentido do texto quando articulamos diferentes níveis de conhecimentos entre ele e o mundo. (VOLTOLINI; HUNHOFF, 2021, p. 238).

A interpretação do texto literário em suas especificidades permite a integração desses conhecimentos com outros conhecimentos culturais dos alunos. "É na experiência da leitura, e não nas informações dos manuais que residem o saber e o sabor da literatura". (COSSON, 2021, p. 107).

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 02 aulas

- Conteúdo: Literatura de cordel; Discussão e reflexão sobre as diversidades culturais a partir de um vídeo: poema *Diversidade,* de Bráulio Bessa (Duração: 2:36 minutos).

- Conceitos: Literatura, arte, literatura de cordel, entrevista.

- Objetivos:

Oportunizar à classe práticas de leituras, momentos de reflexões, de argumentação, de atividades concretas e abstratas que os levem à promoção do desenvolvimento de um pensamento sensível às questões éticas, sociais, culturais e históricas que os envolvem;

Oportunizar aos discentes o uso de tecnologias digitais, via Internet, com ensino remoto e presencial, visando a ampliar conhecimentos em diferentes linguagens e gêneros textuais.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

Propõe-se que esta atividade seja realizada em um ambiente de descontração, tais como a sala de vídeo ou com um tapete no chão da sala de aula e baldinhos de pipoca para que todos os alunos se sintam acolhidos, oportunizando-os a exporem interpretações, pontos de vista e reflexões a partir de um mesmo texto (previamente planejado). Será distribuído para cada aluno o poema *Diversidade,* de Braúlio Bessa, em papel sulfite. Logo após a leitura oral e verificação de haver ou não vocábulos desconhecidos, o mesmo será apresentado no *datashow* com a declamação do próprio autor.

Nesse momento, será interessante apresentar a biografia do autor e conceitos (na lousa) sobre a Literatura de Cordel. Levar os alunos a perceber a identidades e diversidades culturais existentes no país, que são representadas por etnias e culturas diferentes, em um debate orientado. Aspectos como a plurissignificação do vocabulário; a sociedade que está representada nessas composições; a melodia proveniente das rimas; a cultura e os costumes dos povos. Mostrar que, entre os nordestinos, por ser o Nordeste do país uma região bem vasta, também há diferenças socioculturais; assim, um baiano tem costumes diferentes que um piauiense, um maranhense... A riqueza das variações linguísticas poderá ser enfatizada pelo professor-mediador, pois contribui com a construção leitora do aluno através de diferentes saberes que o texto literário pode suscitar.

Figura 2

Bráulio Bessa – Escritor Nordestino

Texto:

DIVERSIDADE

Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
Seja amor, seja muito mais amor
E se mesmo assim for difícil ser
Não precisa ser perfeito

Se não der pra ser amor que seja pelo menos respeito.
Há quem nasceu pra julgar
É há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
Que o lado certo é amar!

Amar pra respeitar
Amar para tolerar
Amar para compreender,
Que ninguém tem o dever de ser igual a você!

O amor meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.

Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade
Que é pela a anormalidade que todo amor é normal.

Não é estranho ser negro, o estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, o estranho é ser elitista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.

Estranho é ser rico em grana, e pobre em sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.

Meu corpo não é estranho, estranho é a escravidão que aprisiona seus olhos na grade de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranho é a acusação, que acusa inclusive quem não tem religião.
O mundo sim é estranho, com tanta diversidade
Ainda não aprendeu a viver em igualdade.

Entender que nós estamos
Percorrendo a mesma estrada.
Pretos, brancos, coloridos
Em uma só caminhada
Não carece de divisão por raça, religião
Nem por sotaque

Oxente!
Sejam homem ou mulher
Você só é o que é
Por também ser diferente.
Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito.

Eu reforço esse clamor:
Se não der pra ser amor, que seja ao menos respeito!

(BESSA, Bráulio.https://minhasatividades.com/10-poesias-sobre-diversidade-2/)

Também apresentar questões para a reflexão, de forma oral e escrita.

1. Você já tinha conhecimento sobre a Literatura de Cordel? E o que ela representa?
2. O que você sentiu durante a leitura do poema? Comente sobre o que você entendeu quanto à diversidade e ao respeito.
3. No dia a dia, como é possível pôr em prática a mensagem transmitida pelos versos do poema?

Logo após a reflexão oral a respeito do tema “diversidade”, propor que a turma seja dividida em grupos de 3 a 4 alunos. O professor deve disponibilizar canetinhas, lápis de cor, giz de cera, revistas, folhas de papel e cartolinas para que os alunos

ilustrem na cartolina a interpretação do poema. Sugere-se a criação de um grupo de *WhatsApp* para ampliar a comunicação entre o mediador-professor e os discentes. Assim que for criado o grupo coletivo, elencar regras para melhor interlocução de todos, tais como: o grupo é sobre o tema do projeto e não sobre outros assuntos; é proibida qualquer propaganda; proibido ofender qualquer membro; antes de postar, ler e revisar o conteúdo da mensagem; ser objetivo; enviar mensagens curtas; caso aconteça qualquer infração às regras do grupo, comunicar ao administrador o mais rápido possível. Distribuir o texto abaixo sobre cordel, de forma digitalizada, para leitura oral.

O QUE É LITERATURA DE CORDEL?[4]

A Literatura de Cordel é um gênero literário popular, escrito frequentemente de forma rimada, originada de relatos orais e depois impressos em folhetos. A literatura de cordel se popularizou no Brasil nas regiões Norte e Nordeste, sendo hoje difundida em todo o território nacional. Publicada em pequenas brochuras impressas, o termo “cordel” vem do fato de serem apresentadas penduradas em cordas - ou cordéis.

Além de gênero literário, o cordel era veículo de comunicação e ofício, garantindo a fonte de renda de muitos cordelistas. Popularizado no século XIX, tornou-se uma forma de expressão da cultura brasileira, trazendo contribuições da cultura africana, indígena, europeia e árabe, entoando as tradições orais, a prosa e a poesia.

Os poetas cordelistas modernos definem o cordel como gênero literário obrigatoriamente de três elementos principais: a métrica, a rima e a oração. Esses elementos, associados às xilogravuras, que são as ilustrações das histórias estampadas nas capas dos livretos, formam a literatura de cordel.

[4] (Fonte:www.neoenergia.com/pt-br/te-interessa/cultura/Paginas/literatura-de-cordel-historia-curiosidades)

HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

Ao contrário do que muitos pensam, o cordel não foi criado no Brasil. O estilo já existia no período dos povos greco-romanos, fenícios, cartagineses e saxões. Chegou a Portugal e à Espanha por volta do século XVI. No Brasil, veio com os colonizadores, instalando-se na Bahia, mais precisamente em Salvador, que na época era a capital brasileira. (Trecho adaptado)

Dando sequência, ressaltar a importância de conhecer e valorizar as origens, a cultura local, a raça e a nacionalidade. Concordamos que

> [...] não é exagero dizer que não há tradição, cultura, língua e raça que não tenha contribuído com alguma coisa para esse fosforescente turbilhão de misturas e alianças que acontece em todos os aspectos da vida na América Latina. Esse amálgama é sua riqueza. Ser um continente que carece e identidade porque tem todas elas. (VARGAS LLOSA, 2006, p. 9).

Nesse sentido, acreditamos que o ambiente escolar deve estimular a curiosidade cultural para que os alunos se sintam integrados e que as diferenças sejam respeitadas. Por meio de textos literários e atividades complementares

relacionadas à diversidade e à pluralidade cultural, propor uma entrevista com os pais ou responsáveis. O deslocamento de fronteiras e a transposição de convenções sociais e culturais amenizam as diferenças e valorizam a história e identidade cultural.

A ENTREVISTA COMO SUPORTE DE LINGUAGEM E DE CONHECIMENTO

As entrevistas são muito utilizadas pelos jornais, *sites*, revistas, rádios e tvs com o intuito de passar um conhecimento para a população. Além de jornalística, existe também a entrevista de emprego, a social, a psicológica, entre outras. De maneira geral, essa linha de gêneros textuais, principalmente o jornalístico, tem grande importância para a sociedade por possibilitar à população o conhecimento sobre fatos e assuntos por meio de profissionais que apuram os detalhes e os apresentam de forma completa e precisa[5].

É importante que o professor exponha na lousa conceitos de entrevista com explanação oral e exemplificação.

Explicar que a entrevista é um diálogo entre duas ou mais pessoas: entrevistador (es) e entrevistado(s). O principal objetivo é extrair declarações e informações sobre determinado assunto.

Tarefa:

O professor solicita que os alunos entrevistem um familiar visando não somente a interação cultural, mas o enriquecimento da aprendizagem quanto à diversidade cultural, o desenvolvimento comunicativo, a oralidade e a escrita.

Sugestão de uma entrevista a ser entregue aos alunos, digitalizada e em papel sulfite. A entrevista deverá ser trazida à classe, comentada. Solicitar que alunos voluntários leia os dados coletados. A seguir, o professor recolhe para análise e avaliação.

[5] (Fonte: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/entrevista)

QUESTIONÁRIO SOBRE IDENTIDADE CULTURAL

Dirigido a um dos pais (pai ou mãe, ou pessoa responsável)

Nome:_____

Idade do entrevistado:_____

Natural de:_____

1. Como era o lugar onde viveu sua infância?
2. Quais eram suas brincadeiras preferidas?
3. Quais eram os costumes ou tradição da família?
4. Como eram as roupas e os brinquedos daquela época?
5. O(a) senhor(a) teve contato com seus avós? Comente como eles eram?
6. Tem a posse de algum objeto ou outra coisa que te faz lembrar desses familiares? Comente.
7. Teve costumes que foram passados de pai para filho em sua família? Quais foram?
8. Qual é a origem do seu sobrenome?
9. Naquele tempo, eram contadas histórias para as crianças? Você lembra de alguma?
10. Sua família sempre viveu nessa região ou são oriundos de outro lugar? Se sua resposta for afirmativa, relate um pouco sobre as diferenças entre o lugar de origem e o lugar que você atualmente vive?
11. Posso contar com algum elemento cultural que represente sua família?

Entende-se que é preciso valorizar as experiências em sala de aula para que realmente a literatura possa fazer sentido e que a ampliação de horizontes aconteça de maneira significativa e prazerosa.

III – AVALIAÇÃO

É importante avaliar o interesse e participação dos alunos nas atividades propostas, pois entendemos que “[...] ensino, aprendizagem e avaliação ocorrem simultaneamente, devendo cada uma dessas instâncias do processo contribuir com as outras”. (CORDEIRO, 2009, p.161).

No trabalho com a leitura, espera-se desenvolver habilidades de compreensão e interpretação, construindo uma rede de relações que compõem os sentidos de um texto, e leve o discente a descobrir o gosto e o prazer pela leitura literária. Também consideramos de suma importância a participação da família no processo de construção do conhecimento para que os alunos se sintam motivados e para que a ampliação de horizontes aconteça de maneira fruidora e prazerosa. As atividades propostas também visam a despertar o interesse discente ao valorizar a cultura regional, o meio social e, principalmente, as diferenças culturais presentes na escola e na sociedade. E conscientes dos problemas sociais circundantes no espaço escolar, sentimos que a leitura de textos literários, amalgamada com a diversidade cultural, pode proporcionar um espaço de liberdade para a construção do pensamento, permitindo ao leitor refletir e confrontar opiniões. Assim entendemos que a avaliação é um processo contínuo e formativo e que precisamos estabelecer relações entre o texto e o leitor.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

Fleck, Gilmei Francisco. **América:** uma construção discursiva – dos primeiros aos caminhos da descolonização pelas resistências. In: **Imagens da América:** representações – expressões – resistências / Gilmei Francisco Fleck, Marcio da Silva Oliveira, Phelipe de Lima Cerdeira (organizadores) – Curitiba: CRV, 2020. P.45-73.

LLOSA, Mario Vargas. **Dicionário amoroso da América Latina**. Tradução de Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

LOPES, Adriana. **Entrevista**. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/entrevista). Acesso em: 20 de agosto de 2022.

Vídeo entrevista Poesia sobre diversidade - Bráulio Bessa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbLOm8L9b9o. Acesso em: 27 de agosto de 2022.

www.neoenergia.com/pt-br/te-interessa/cultura/Paginas/literatura-de-cordel-historia-curiosidades). Acesso em: 29 de agosto de 2022.

04: ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA FEIRA CULTURAL

A leitura, como processo de formação, é a base da interação da palavra com o mundo, pois, por meio de sua prática, forma-se cidadãos (leitores) reflexivos e autônomos, capazes de compreender os acontecimentos ao seu redor e, principalmente, conscientes de seu papel na sociedade. E, a leitura literária tem um papel transformador na construção do caráter formativo das crianças e jovens, pois, oportuniza o intercâmbio com o texto, vivenciar situações das leituras criadas pelo imaginário. “Ler implica troca de sentidos não só entre o leitor, mas, também, com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. (COSSON, 2021, p.17).

I -PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 08 aulas

- Conteúdos:

Leitura, leitura literária, feira, cultura, cultura regional. Discussão e reflexão sobre as diversidades culturais a partir das entrevistas realizadas com os pais e responsáveis.

Organização e realização da Feira Cultural no pátio da escola.

- Objetivos:

Propiciar aos discentes, condições no espaço escolar, para que a leitura literária ocorra de forma significativa e interessante e, por consequência, prazerosa.

Desenvolver a leitura literária por meio de elementos temáticos e conceituais.

Propor aos discentes a reflexão sobre a pluralidade cultural em seu contexto social, histórico e geográfico.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

A primeira atividade será promover a reflexão sobre a entrevista realizada com os pais ou responsáveis. Abrir espaço para a discussão, sempre orientada e temporizada pelo professor, sobre a pluralidade cultural presente em cada expressão,

em cada dado coletado, com uma roda de conversa informal e descontraída. Desta maneira, compreendemos que

> O ser humano possui imensa capacidade comunicativa. Essa também representa uma de suas necessidades básicas, pois, ao comunicar-se, o homem dá vazão a seu subjetivismo e expande sua existência pelo ato de compartilhar com outros semelhantes suas esperanças, alegrias, medos, frustações, angústias. Cada vez que alguém contata com tais expressões, seja pela ancestral ação de contar e ouvir histórias, seja por suas representações, inerentes à arte literária, novas possibilidades de enfrentamento ocorrem e essas resultam, sempre, em aprendizagem aos sujeitos. (FLECK, 2017, p. 23-24)

É preciso dar a oportunidade para que os alunos comentem os dados da pesquisa e entrevista com os familiares, assim como suas opiniões e reflexões sobre a diversidade e pluralidade cultural presente em cada família. Entende-se que a sala de aula deve ser um espaço de diálogo e reflexão que permita aos alunos exercerem seu protagonismo e a aprendizagem coletiva. Será um momento de inclusão, encorajamento e motivação, cujo resultado pode ser aproveitado pelo professor para propor a realização de uma Feirinha Cultural.

Entendemos que “[...] no atual contexto em que vivemos, saber ler não significa somente saber decifrar ou decodificar os signos linguísticos” (FLECK, 2017, p.25), a leitura literária deve ir além, produzir sentidos em seus leitores e promover uma aprendizagem fruidora, significativa e também prazerosa.

A partir do debate, explanar como será elaborada e planejada a próxima atividade, que é a feira cultural. Sugere-se que seja em 6 etapas, coletivamente:

1ª etapa: Cada um dos alunos vai promover a identificação de um elemento cultural de sua família;

2ª etapa: Cada aluno buscará lendas e histórias regionais entre os familiares, escreverá em um caderno. Esta é para a contação na Feirinha Cultural;

3ª etapa: O professor poderá promover a elaboração e produção de um caderno de receitas típicas de cada cultura familiar; mostrará exemplos, providenciará os cadernos para os alunos mais carentes. Depois, promoverá a apresentação de um prato, vindo da casa do aluno, para degustação durante a feira;

4ª etapa: Pedir que os alunos identifiquem pessoas imigrantes que possam falar sobre a pluralidade cultural presente em sua família e na sociedade, para o dia da feira;

5ª etapa: Escolher, com os alunos, músicas e canções que representem a pluralidade cultural da comunidade; estas são para ser tocadas no dia da feira e também algumas podem ser encenadas ou dramatizadas por alguns alunos voluntários, individual ou em grupo;

6ª etapa: Declamação de poemas que retratem a pluralidade cultural. Os textos selecionados pelos alunos e pelo professor-mediador, com pesquisas em livros e na Internet.

Após distribuir e anotar toda a organização da feira, começar os ensaios, as coletas, as pesquisas, a organização dos materiais, as apresentações, de cartazes, da decoração. Para marcar o dia do evento, solicitar isso junto à gestão escolar, que disponibilizará espaço e pessoal de apoio no dia. Sugere-se que seja em dia e horário que os pais possam vir, como em um sábado à tarde. Como atividade complementar, propor que os alunos elaborem um convite que, após aprovação do professor, será transformado em panfletos, para a divulgação da feira na comunidade escolar.

Durante as etapas e no dia do evento, professor e alunos devem tirar fotos, isso para registrarem tanto as histórias quanto as apresentações culturais. Estas serão postadas em um *blog* que será criado pela turma, na sequência.

III – AVALIAÇÃO

Consideramos que devem ser avaliados todos os processos de cada atividade, desde a reflexão sobre as entrevistas realizadas como os pais ou responsáveis e o engajamento e participação nas etapas de preparação para a “Feirinha Cultural” que será exposta em espaço escolar, conforme orientação dos gestores (coordenador pedagógico ou diretor). Desse modo

> Educação e avaliação, portanto, não se separam. Caminhar no sentido da consolidação de uma escola democrática para todos, que se comprometa com a aprendizagem e não com a produção de hierarquias implica, entre outras coisas, afastar-se cada vez mais dos procedimentos avaliativos de caráter normativo, classificatório, comparativo e seletivo e aproximar-se de uma modalidade de avaliação mais formativa e individualizada. (CORDEIRO, 2009, p.153)

Nesse momento é importante comparar as habilidades discentes relacionadas à leitura literária ao antes e ao depois das aulas, sugerimos também que o projeto seja avaliado pelos alunos, pois o protagonismo contribui para o desenvolvimento do senso-crítico.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

05: A BUSCA POR INOVAÇÕES NO ENSINO DE LEITURA

Os textos literários relacionados com a diversidade e a pluralidade cultural contribuem com o deslocamento de fronteiras e a transposição de convenções sociais e culturais, amenizando as diferenças, com respeito aos gostos, crenças, convicções religiosas, estéticas e até mesmo à linguagem. Também possibilita significados coletivos, construídos na interação entre a leitura e as experiências sociais e culturais de cada leitor.

Entendemos que a escola precisa buscar novas práticas pedagógicas para que o processo de aprendizagem faça sentido e desperte o interesse em aprender, pois "[...] é importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem". (MORAN, 2007, p. 46). Os alunos atualmente são nativos digitais e por isso a tecnologia digital contribui significamente para a aprendizagem e para a expressão cultural discente.

> A tecnologia alterou nossa mente, e o saber, agora, encontra-se em dependência do que está "fora" do sujeito, mas que pode ser por ele redefinido quando relacionado a outros saberes, numa rede que envolve campos, ideias e comunidades. (Rettenmaier, 2009, p.75)

Assim, compreende-se ser necessário estabelecer nas práticas pedagógicas uma relação com as mídias digitais. Interagir com o contexto social e com a realidade presente na sociedade será o melhor caminho para a construção de sentidos no ensino de linguagens e para a educação contemporânea.

I -PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 04 aulas

- Conteúdos: Apresentação e estudo de um tutorial sobre a criação de um *blog*. Conceitos sobe *Blog.* Leitura literária e metodologias ativas.

- Objetivos: Oportunizar aos discentes o uso de tecnologias digitais, via Internet, visando a ampliar conhecimentos em diferentes linguagens e gêneros textuais.

Propiciar condições, no espaço escolar, para que a leitura literária aconteça de forma significativa e interessante e, por consequência, prazerosa aos alunos.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia: Será compartilhado no grupo de *WhatsApp* tutoriais sobre a criação de um *blog.* Este *blog* deverá ser criado coletivamente pela turma e orientado pelo mediador ou por um profissional responsável, previamente solicitado junto aos gestores da escola. Criado o *blog* e com orientação docente, a turma escolherá o nome, as fotos, as legendas e os textos que serão postados. Isso tudo poderá ser desenvolvido no laboratório de informática. Usar o *datashow* na sala de aula para mostrar a atividade. Solicitar e motivar a participação discente na leitura e classificação dos conteúdos a serem publicados, pois os alunos são nativos digitais.

> O saber do agora é feito pelo fazer hoje e refazer depois, pelo dizer e reescrever, pelo registrar, transformar e polemizar; é feito para compartilhar, pelo criar e recriar, enfim, pelo agir... O novo jovem, por sua maneira de ser em diálogo com o universo tecnológico que se apresenta, precisa de uma nova sala de aula, de um novo professor e de novas concepções que afetem, sobretudo, os currículos. (RETTENMAIER, 2009, p. 72).

Sugere-se que o professor faça uso das metodologias ativas para alcançar melhores resultados no processo de aprendizagem. Percebemos que a educação, assim como as escolas, depois do período de quase pós-pandemia, não poderá ser a mesma de antes. A educação passa por grande transformação!

Vê-se que “[...] as redes de comunicação em tempo real – msg, *chats, blogs,* celular – expressam a riqueza de situações comunicacionais, de interação no cotidiano e na escola.” (MORAN, 2007, p. 62). E com os conhecimentos adquiridos através das atividades propostas, pode-se valorizar a importância da diversidade que está intrínseca na sociedade e oferecer oportunidades de aprendizagem que despertem a empatia, a inteligência emocional e o respeito entre os discentes em ralação às suas próprias diferenças. Isso por meio de práxis exequíveis, pois, a sala de aula é um ambiente complexo, múltiplo e, por isso necessita-se envolver o discente num clima de busca de interesses comuns, sem a prática do *bullying*.

> O trabalho com blogs permite a qualquer momento o debate sobre a própria natureza do conhecimento. Por seu caráter diacrônico, por sua natureza renovável, os blogs mostram o quanto é renovável o conhecimento e a informação. (RETTENMAIER, 2009, p. 84).

Enfim, o *blog* é um recurso simples de criar e eficiente para compartilhar o conhecimento adquirido durante o projeto, pois amplia a discussão do tema Pluralidade Cultural e valoriza a comunidade escolar e as produções textuais dos alunos. Assim concordamos com os dizeres abaixo:

> A aula de literatura deve ser motivada pelo prazer da leitura, da escrita, da pesquisa, das relações entre textos escritos e diversos códigos. A aula de literatura e a mediação leitora devem ser abertas e surpreendentes, pois tratam de nada mais aberto e surpreendente do que arte em suas múltiplas formas. (RETTENMAIER, 2009, p.91-92).

Nesse sentido, cabe ao professor buscar novas metodologias e técnicas para que o aprendizado aconteça de forma significativa e contribua para a produção de sentidos na leitura literária e na leitura do contexto social.

Sugere-se como atividade que o mediador passe o conceito de *blog* para os alunos e reflita sobre o uso das tecnologias digitais na escola e no mundo. O *blog* será um *site* com publicações frequentes da turma e comumente usado como se fosse um diário na internet. Seu principal objetivo será divulgar cada acontecimento importante durante o projeto escola.

Sugestão: os alunos podem assistir a um tutorial de como se produz um *blog*: https://www.youtube.com/watch?v=U14WD9bBqNE&t=529s e também a ficha de autorização para o uso de imagem.

III – AVALIAÇÃO

Deve-se ressaltar e enfatizar que as ferramentas digitais serão um recurso pedagógico de estímulo para os estudantes, pois a educação não será a mesma de antes. Nossos alunos são nativos digitais, porém, muitas vezes não sabem como usufruir da tecnologia para o conhecimento e para aprendizagem. Desta maneira, destacamos a importância de avaliarmos todas as etapas de criação do *blog* da turma, assim como os momentos de interação na construção do conteúdo a ser postado. Dessa forma

> A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. O que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas

> (orais ou escritas), interpretando-as (um respeito a tal subjetividade), refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termos de estágios evolutivos do pensamento, da área de conhecimento em questão, das experiências de vida do aluno. (HOFFMANN, 2003, p. 60).

Assim a avaliação será feita com discussões sobre o conhecimento canônico do professor (e previsto no planejamento) e o contexto social dos discentes, com interação tecnológica em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

CURY, L.; CONSANI, M. **A educação de hoje rumo à educação planetária de amanhã.** Comunicação & Educação, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 78-87, 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora:** Uma prática em construção da pré-escola à universidade. 26ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper) Mediação leitora: Do blog ao livro. In**: Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores/ Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Tânia M. K. Rösing (organizadores) – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2009. P.71-93.

MÓDULO II: OFICINAS LITERÁRIAS

01: LEITURA E REESCRITA DA CRÔNICA “A ÚLTIMA CRÔNICA”, DE FERNANDO SABINO.

A formação do hábito da leitura literária deve ser precedida de ações que conduzam o leitor a uma experiência capaz de transcender o hábito mecanizado da repetição; ler apenas o que está escrito, embora a compreensão de textos literários seja um processo que dependa de conhecimentos prévios do ato da leitura. Dessa maneira, compreendemos que

> [...] no atual contexto em que vivemos, saber ler não significa somente saber decifrar ou decodificar os signos linguísticos; porém, a leitura “é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto’. (ORLANDI, 1988, p.10 apud FLECK, 2017, p.25)

As atividades de leitura, interpretação e produção textual devem valorizar a linguagem literária em seu uso social, devem estar próximas à realidade de nossos alunos. São as experiências literárias de dar sentido ao mundo por meio do texto que favorecem a produção de sentidos e a fruição leitora, enriquecida pelo interesse e pelo prazer literário.

Ao se buscar novos caminhos para o ensino de literatura na escola, e eliminar estereótipos e preconceitos, confere-se aos textos literários um sentido educativo em que o leitor passa a ter mais segurança em relação a suas próprias experiências. Ter contato com textos literários que representem a sua identidade nacional é fundamental para o processo de aprendizagem, pois o aprendizado só acontece a partir da interação com o meio social.

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 04 aulas

- Conteúdos: Leitura e produção textual. Crônica, história em quadrinho.

- Objetivos:

Propiciar ao aluno o contato com textos literários que ofereçam uma visão crítica do mundo;

Possibilitar condições interpretativas para que o texto dialogue com seu leitor;

Promover discussões discentes sobre o universo implícito no texto.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia: Ao iniciar a aula, distribuir o texto “A última crônica”, de Fernando Sabino, para leitura oral. O texto apresenta um conteúdo polêmico em relação ao preconceito racial. A descrição de uma cena corriqueira do cotidiano pode trazer reflexões importantes sobre a pluralidade cultural e os problemas sociais presentes na sociedade.

Entende-se que “[...] a abordagem a um texto é sempre feita de forma distinta, dependendo de cada leitor, pois este possui experiências e objetivos pessoais específicos, os quais amparam seus interesses e propósitos de leitura” (FLECK, 2017, p.28), e pretende-se que o texto literário possa ser um ponto de partida para a reflexão e troca de conhecimentos.

A ÚLTIMA CRÔNICA

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a

instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você…”

Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.”

(SABINO, Fernando. In: **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1979-1980).

Em seguida, ver se há vocábulos desconhecidos e orientar que busquem o significado nos dicionários expostos na classe, ou listá-los na lousa. Logo, promover o espaço para o diálogo e a compreensão do texto, de modo que os alunos possam expressar suas interpretações, opiniões com argumentação e conclusões sobre a crônica. Destacamos que o leitor fará sua interpretação a partir de suas experiências. Mostrar ao discente que "[...] não podemos simplesmente nos apropriar do texto ou aceitá-lo passivamente. Temos que conquistá-lo, conhecendo e respeitando suas características próprias". (MARTINS, 1997, p. 71). Assim, é necessário, também, desenvolver a compreensão e a ressignificação desses textos literários, pois a leitura literária deve dar sentidos dentro e fora do contexto escolar e o ato de ler envolve os sentidos, as emoções e a razão, tendo em vista que,

> [...] para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas. (MARTINS, 1997, p. 82).

O diálogo entre o texto e sua época e a leitura significativa feita no presente atuam sobre o sujeito leitor, determinando sua interpretação e resultando na fusão de horizontes. Ressaltamos que "[...] é o leitor que faz com que o texto ganhe vida, de acordo com o sentido que ele representa e com a interpretação que este tem do texto lido". (VOLTOLINI; HUNHOFF, 2021, p. 238). Algumas perguntas orais, listadas na lousa, poderão ser feitas pelo mediador para que se incentive a discussão:

1. Como foram representadas as personagens, a família, o cenário e os objetos?
2. Quais as principais diferenças sociais presentes nesse texto? Elas são comuns em nossa sociedade?
3. O narrador valorizou as diferenças ou foi preconceituoso em relação as diferenças sociais e raciais presentes no texto? Comente sua resposta.
4. E o que acharam mais interessante?
5. Houve a manifestação de qual cultura?
6. Houve alguma manifestação de racismo ou de preconceito? Comentar.
7. O que se entende por preconceito? Pode pesquisar no dicionário.

8. Como você analisa a atitude final do narrador desta crônica.

Para que a leitura seja fruidora, sugerimos que o gênero textual “crônica” e o gênero “histórias em quadrinhos”, sejam trabalhados, explicitados. A crônica literária é um gênero literário ficcional que aborda aspectos do cotidiano, com subjetividade e que não tem a intenção de informar.

É importante que o professor mediador ressalte suas principais características; textos curtos, linguagem simples e descontraída, poucos personagens, linha cronológica e que algumas crônicas podem apresentar um humor crítico, irônico e sarcástico. É importante refletir sobre o contexto histórico em que a obra foi produzida.

Na sequência, propor uma produção textual, no caderno ou em folhas. O aluno deverá reescrever a crônica em forma de HQS. Os quadrinhos corroboram para o incentivo à leitura e enriquecem o processo de ensino aprendizagem, trabalham um mundo imagético, não-verbal e verbal. Essas histórias produzidas devem ser postadas no *blog* da turma.

Tarefa:

Perguntar às pessoas da casa, pais ou outros, o que entendem por preconceito. Pedir para comentar algum fato que conheçam. Anotar tudo no caderno para expor no dia seguinte. Propor aos alunos que essa tarefa pode ser elaborada em texto com parágrafos, em quadrinhos ou em versos.

III – AVALIAÇÃO

O processo avaliativo deverá ser feito durante o desenvolvimento das atividades propostas, pois o nosso intuito é que essas ações possibilitem uma aproximação positiva dos alunos com o texto literário. Nesse sentido percebemos que o campo literário pode colaborar para a desconstrução de alguns preconceitos, esses já enraizados na formação inicial de crianças e jovens. Os preconceitos, muitas vezes, construídos sem consciência, multiplicam-se nos espaços sociais. A partir do momento em que trouxermos essa discussão e reflexão para a sala de aula, aproximamo-nos da realidade social em que muitos alunos estão inseridos. Os textos

literários amalgamados com uma leitura fruidora, significativa e reflexiva podem contribuir para que não se perpetuem certos preconceitos.

Desse modo, entendemos que a literatura é uma fonte de conscientização que pode valorizar a identidade de um sujeito inserido em uma sociedade desigual, injusta e, por vezes, autoritária. Portanto, “[...] a função social da escola durante o Ensino Fundamental é a de formar estudantes que tenham o gosto, o hábito e o prazer da leitura instaurados em sua subjetividade” (FLECK, 2019, p. 101). Assim, entendemos que é preciso valorizar todos os aspectos do processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FLECK, Gilmei Francisco. **Formação do leitor:** um projeto socioeducacional – uma trajetória para a vida cidadã. In**: Literatura infantojuvenil**: desafios para o letramento literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar/ Gilmei Francisco Fleck (organizador). – Curitiba: CRV, 2017. P. 23-37.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

VOLTOLINI, M. A. R. de Sousa; HUNHOFF, Elizete Dall Comune**. O letramento literário como estratégia para a formação do leitor proficiente.** In: **Tramas literárias**:efeitos e sentidos**.** Garças, SP. Ed. FAEP, 2021. p. 235-248.

02: - LEITURA LITERÁRIA PROTAGONIZADA PELOS DISCENTES

A escola é um espaço social em que crianças e jovens passam a maior parte de seu tempo. Sendo assim, vemos que o contexto literário deve aproximar a ficção e a realidade com temas de interesses e adequados para o nível de leitura dos alunos, uma vez que "[...] o leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um 'sentido', mas também uma significação" (JOUVE, 2002, p.128). Reconhecer que os discentes podem apreciar mais um que outro determinado gênero literário, faz a escola agir em direção de práxis diversificadas, que os motivem a entendimentos sócio globais.

Se a escola reconhecer a importância dos conhecimentos sobre a obra literária, sobre os temas de interesse, características peculiares e do leitor no centro do processo de aprendizagem, proporcionará à leitura um sentido educativo, despojado de preconceitos, com a valorização da pluralidade cultural e o respeito às diferenças contextuais.

Nessa perspectiva, espera-se que a atividade aqui proposta possa trazer uma reflexão aos professores/leitores, para que os seus alunos construam sentidos em seus textos lidos, nos modos *operandis*, com o incentivo do gosto e do prazer pela leitura.

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 04 aulas

- Conteúdos: leitura, interpretação e reflexão sobre os textos lidos e produzidos.

- Objetivos:

Levar o aluno a reconhecer-se no centro do processo de aprendizagem, motivá-los a leituras, a pesquisas e a ações de interesse coletivo (docente e discente), que os conduza à aprendizagem de diferentes linguagens e interpretações;

Fazer uso das metodologias ativas em sala de aula, para que a leitura literária ocorra de maneira significativa e prazerosa.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia: O professor deve sempre avaliar as tarefas feitas em casa, pois, não se escreve se não for para ser lido, ouvido; optando por comentar, pedir que apresentem ou recolher a atividade para corrigir e devolver no outro dia**.**

Desde o primeiro momento do curso, deve-se deixar claro para os alunos as principais diferenças entre textos literários e não literários para que compreendam as diferenças acerca das linguagens, sempre exemplificadas, tanto na lousa, oralmente ou em cartazes.

Após esse reforço na explanação, sugerimos que a turma seja dividida em grupos de até quatro (4) componentes. A seguir propor uma pesquisa, via Internet, no celular ou no laboratório de informática da escola, sobre os diferentes gêneros de textos literários com o tema Pluralidade Cultural, como o poema, o conto e a crônica. Destacamos a importância e a necessidade do acesso e uso da Internet pelos alunos, pois, um dos desafios é implementar o uso de ferramentas tecnológicas no ensino, como já observamos em tempos das aulas remotas, na pandemia do Covid 19. Se for no laboratório de mídias da escola, este deve ser previamente agendado, se for no celular, o professor deve tomar o cuidado ao formar as equipes, pois entre os alunos, pelo menos um deve ter aparelho celular em bom estado. Isso, de forma natural, sem expor ou negligenciar alunos cujos aparelhos sejam mais precários.

Acreditamos que “[…] com as tecnologias, podemos flexibilizar o currículo e multiplicar os espaços, os tempos de aprendizagem e as formas de fazê-lo.”. (MORAN, 2007, p. 55). E com o uso das metodologias ativas os discentes serão incentivados a protagonizarem suas ações educacionais:

> São muitos os benefícios de adotar as metodologias ativas, como o incentivo à tomada de decisões com avaliação dos possíveis resultados dessa decisão, o desenvolvimento de soluções criativas, o trabalho coletivo e a aplicação de conceitos estudados. (SILVA, 2020, p. 14).

Nesse momento, o professor precisa observar quais são as motivações de cada estudante, o que desperta o interesse em aprender, os percursos, técnicas e tecnologias mais acessíveis para a turma. Acreditamos que, com as metodologias ativas, o orientador promoverá o interesse e o engajamento por parte dos alunos, para

que usufruam da tecnologia digital de forma consciente. Conforme destaca a BNCC, o ensino deve promover as competências:

> Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
> Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, BNCC, 2017, p. 9).

Se os documentos oficiais indicam a necessidade de se utilizar diferentes linguagens e criar tecnologias digitais, então, sentimos o quanto o profissional da educação deve procurar se aperfeiçoar para atender a uma demanda atualizada.

Sequencialmente, após a seleção de textos literários, orientar para que façam uma análise de um dos textos escolhidos. Isso para que percebam as diferenças e as características comuns aos textos, tais como: gênero, prosa ou verso, tempo e espaço, personagens. Será essencial dar voz e autonomia para os alunos visando a desenvolverem o protagonismo estudantil, espaços para questionamentos da informação e o desenvolvimento de múltiplos letramentos, convivência com a diversidade e o trabalho coletivo. Entendemos que a ampliação de horizontes intelectuais se faz pela colaboração, interação, aceitação da pluralidade cultural, troca e compartilhamento de ideias.

Em seguida, cada grupo expõe a atividade desenvolvida, fala objetivamente sobre qual foi o texto selecionado, sua mensagem e suas análises. Então, propor que elaborem a construção de um mural interativo para o *blog* da turma com esses textos literários, selecionados.

Espera-se que, ao se buscar novas práticas pedagógicas, o processo de aprendizagem faça sentido, ocasionando o interesse em aprender, pois “[...] é importante humanizar as tecnologias: são meios, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem.” (MORAN, 2007, p. 46).

Tarefa:

Sugerimos que o professor faça uma lista com cinco textos literários previamente selecionados com o tema “pluralidade cultural”. A seguir, que faça fichas literárias com os textos escolhidos. Em seguida, apresente cada crônica, conto ou poema para a turma e que apresente as razões da pré-seleção. Cada aluno irá escolher um título e retirar a ficha para leitura. Na aula seguinte, sugerimos um círculo de leitura para debate e reflexão das mensagens transmitidas e sentidas em cada texto.

III – AVALIAÇÃO

O processo avaliativo deverá ser interativo e ocorrer em todos os momentos e por meio das atividades de pesquisa e seleção de textos, da análise do texto escolhido e através do uso das tecnologias digitais. Nesse sentido,

> [...] devemos ter sempre em mente que a leitura literária é um processo que vai se aprofundando à medida que ampliamos nosso repertório de leitura e a avaliação deve acompanhar esse processo sem impor constrangimentos e empecilhos”. Da mesma forma, a avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação que conduzem à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores. (COSSON, 2021, p. 115).

Portanto, deve-se avaliar as experiências de leitura vivenciadas a partir da leitura literária, pois esta não é uma leitura linear e sim gera interpretações diferentes. Precisa-se pensar nos resultados de práticas pedagógicas que possibilitem que os discentes cheguem à leitura de mundo e à produção de sentidos de modo que façam a integração do conhecimento literário com a sua vivência para que a literatura tenha significado em suas vidas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CASTRO, Luana. **Sugestão de aula sobre textos literários e não literários**. Disponível em: https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/sugestao-aula-sobre-textos-literarios-nao-literarios.htm. Acesso em: 22 de janeiro de 2022.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper) **Mediação leitora:** Do blog ao livro. In**: Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores/ Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto, Tânia M. K. Rösing (organizadores) – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2009. P.71-93.

SILVA, Alexandre José de Carvalho. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação.** Lavras: UFLA, 2020.

03 - PRODUÇÃO TEXTUAL COM O TEMA “PLURALIDADE CULTURAL”

Muitas vezes o ensino da produção de leitura tem sido um constante desafio a professores de todas as instituições educacionais que buscam alcançar a real aprendizagem discente. E, cientes que a leitura e a escrita são ferramentas para a inclusão do aluno na sociedade, percebemos a necessidade de práticas de aprendizagem que levem os alunos a manifestarem suas ideias e a imaginação e, isso poderá ocorrer com maior inserção no ensino dos textos literários, pois acreditamos que

> O ser humano possui imensa capacidade comunicativa. Essa também representa uma de suas necessidades básicas, pois ao comunicar-se, o homem dá vazão a seu subjetivismo e expande sua existência pelo ato de compartilhar com outros semelhantes suas esperanças, alegrias, medos, frustações, angústias. Cada vez que alguém contata com tais expressões, seja pela ancestral ação de contar e ouvir histórias, seja por suas representações, inerentes à arte literária, novas possibilidades de enfrentamento ocorrem e resultam, sempre em aprendizagem aos sujeitos. (FLECK, 2017, p. 24)

A literatura é libertadora e transgressora e cabe a escola e ao professor, este como mediador do conhecimento, explorar a diversidade textual e aproximar o aluno das situações de produção de textos, contribuindo para um aprendizado significativo de prática de leitura e produção textual para que o aprendizado aconteça de forma mais significativa e, por consequência prazerosa.

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 06 aulas

- Conteúdos: Paródia, contos, crônicas, poemas, entre outros textos literários. Correção e reescrita dos textos literários. Conceitos: Leitura, ressignificação e produção textual.

- Objetivos:

Levar os discentes a compararem e a refletirem sobre os fatos abordados nos textos literários pesquisados, sobre os próprios conhecimentos culturais, conceituais ou não, por meio de leitura e de escrita;

Propor aos alunos a análise de conhecimentos acerca do contexto de produções das obras lidas, com exposições argumentativas, orais e escritas e com paródias;

Promover o desenvolvimento de experiências em escrever e produzir literatura, em classe e extraclasse;

Incentivar argumentações discentes, orais e escritas, com uso de variantes linguísticas, visando a desmistificar preconceitos e estereótipos sociais prepotentes, por meio de linguagens verbais, não verbais, denotativas e conotativas, literárias e não literárias.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

Considerando que, na atividade anterior, foi proposta a realização de pesquisas para a constituição de um arquivo de leitura com o tema “pluralidade cultural e os gêneros literários”. Nesta atividade, propõe-se dar continuidade aos trabalhos já iniciados. O docente promoverá atividades de leitura, interpretação e produção textual escrita, dando autonomia ao discente para escolher o gênero literário a ser produzido em paródia, a partir de um texto base. Dessa maneira, os alunos terão contato com gêneros diversificados, identificando suas preferências e gostos literários, pois,

> [...] a leitura dos textos literários, na escola, deve ser guiada pelo professor com segurança, mas com delicadeza e com discrição, de modo que o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que leia com sua memória, sua imaginação, sua experiência vital, suas expectativas e seus conhecimentos linguísticos e literários. (DALVI, 2013, p. 80).

As produções textuais poderão ser feitas em duplas, assim, além de estarem exercitando a criatividade e a escrita, o professor estará estimulando a empatia e o respeito às diferenças culturais e ideológicas de cada sujeito leitor. Promover situações de diálogo e reflexão em sala de aula é uma maneira significativa de aprender com o outro através da troca de experiências. Conforme destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

> [...] propor situações de produção de textos, em pequenos grupos, nas quais os alunos compartilhem as atividades [...] são situações em que

> um aluno produz e dita a outro, que escreve, enquanto um terceiro revisa, por exemplo. Experimentando esses diferentes papéis enunciativos, envolvendo-se com cada um, a cada vez, numa atividade colaborativa, podem ir construindo sua competência para posteriormente realizarem sozinhos todos os procedimentos envolvidos numa produção de textos. (1997, p. 49-50)

As duplas, com a autonomia da escolha do gênero literário, farão um texto paródico dos seus textos pesquisados, sempre focando as questões referentes à pluralidade cultural: poemas, contos, crônicas, entre outros textos literários que foram selecionados. O professor deve orientar que, embora em duplas, cada aluno vá escrevendo em seu caderno as ideias dialogadas que vão ocorrendo, assim, o protagonismo não ficará centrado em um dos alunos.

Finalizadas as produções textuais, propor a correção, o “passar a limpo”, as reflexões sobre os gêneros literários vistos. O professor poderá expor na lousa os conceitos desses gêneros com exemplificação breve. Enfatiza-se as diversidades culturais presentes na sala de aula que, embora haja características comuns, todos são diferentes, o que é normal. Segue-se a exposição oral das produções textuais. Estas também devem ser recolhidas, avaliadas (corrigidas) e após, devolvidas; podem ser compartilhadas no *blog* da turma.

III – AVALIAÇÃO

O processo avaliativo será realizado de forma interacional e formativa, serão avaliados critérios como planejamento, textualização, revisão e reescrita, assim como todos os avanços significativos na linguagem verbal. Nesse contexto de produção oral e escrita entendemos que os discentes não aprendem de uma única vez, de uma única forma e de maneira homogênea, desse modo a avaliação também será feita com as experiências de aprendizagem e ensino, valorizando todo o processo de aprendizagem e não somente os resultados.

Será preciso que o professor compreenda que cada aluno é um ser único e individual e que o processo de aprendizagem acontece em diferentes níveis, “[…] o professor não deve procurar pelas respostas certas, mas sim pela interpretação a que o aluno chegou, como ele pensou aquilo” (COSSON, 2021, p. 113). Concordando com dizeres de Fleck (2017, p. 31), também acreditamos que

> Incentivar o aprendiz a buscar na leitura uma fonte permanente de referência para a sua produção escrita não significa dar-lhe um texto e cobrar-lhe outro. Prezar pela formação do hábito e gosto pela leitura de nossos aprendizes é incentivá-los e encorajá-los, preparando-os, cuidadosamente, para assumir, com segurança, suas habilidades futuras de expressão escrita e oral.

É preciso abrir espaços, em sala de aula, para o protagonismo dos alunos e para a atribuição de sentidos para que realmente a fruição literária aconteça de forma significativa e prazerosa, pois “a literatura é arte e arte é recriação, expressão da realidade. Criar é estar com todos os sentidos concentrados, com o inconsciente emergindo livremente.” (FLECK, 2017, p.34)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FLECK, Gilmei Francisco. **Formação do leitor:** um projeto socioeducacional – uma trajetória para a vida cidadã. In**: Literatura infantojuvenil:** desafios para o letramento literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar/ Gilmei Francisco Fleck (organizador). – Curitiba:CRV, 2017. P. 23-37.

04 - CRIAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES PARA AS PRODUÇÕES TEXTUAIS

As ilustrações potencializam a mensagem transmitida pelas palavras, pois estabelecem um diálogo entre texto e imagem. “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem”. (SANTAELLA, 1983, p.9)

A experiência de leitura acontece quando há “portas abertas” para a imaginação, criação e fantasia. É necessário promover estratégias dentro e fora de sala de aula para dar sentido ao texto e para a leitura literária e, consequentemente, para a leitura de mundo.

I – PLANEJAMENTO DE TRABALHO

- Tempo previsto: 04 aulas

- Conteúdos: Leitura, escrita, desenho. Linguagem não verbal, linguagem verbal e linguagem mista.

- Objetivo: Demonstrar aos discentes que as imagens e os desenhos têm significações por se constituírem como textos; incentivar que representem suas ideias por meio desenhos visando desenvolver a imaginação, a coordenação, a criatividade e a expressão de mensagens nas/das produções textuais.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

Ao final das produções textuais, propor aos alunos a produção de ilustrações interpretativas em folhas de sulfite, alusivas aos textos analisados, “[...] assim, pois, a imagem pode confirmar, expandir, analisar, contradizer, resumir ou acrescentar novos significados àquele contado pelo texto”. (COLOMER, 2017, p. 286). É importante que o professor disponibilize os materiais escolares necessários para a realização das atividades propostas, tais como: canetinhas, lápis de cor, giz de cera, papéis coloridos, réguas, tesoura e cola aos alunos desprovidos.

Torna-se relevante o professor expor conceitos e características referentes aos diferentes tipos de linguagens. Assim, os alunos devem ter o conhecimento sobre o uso das linguagens verbal e não-verbal, tão presentes em seu dia a dia, pois

> [...] existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. (SANTAELLA, 1983, p.8)

É através de linguagens diferentes que os alunos, muitas vezes, dão sentido para a leitura literária e para o mundo, pois todas as formas de linguagens são definidas como modalidades comunicativas.

Segundo Santaella (1983, p. 9) todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido. Como a linguagem não-verbal utiliza signos como os gestos, postura, ilustrações, placas, músicas, percebemos sua importância para a atribuição de sentidos.

Outro tipo de linguagem que pode ser utilizada no dia a dia é a linguagem mista, também conhecida como linguagem híbrida. Sendo possível encontrar as linguagens verbal e não verbal juntas, que podem transmitir uma única mensagem. (https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/linguagem-verbal-e-nao-verbal)

Propor uma roda de diálogo, distribuir folhas de sulfite e canetas ou pincéis para que cada aluno fale sobre a sua compreensão e crie uma legenda a respeito das seguintes imagens:

Figura 4

Imagem: http://brasilescola.uol.com.br/upload/conteudo/images/a-pluralidade-cultural-brasil-55580939b18be.jpg

Figura 5

Imagem: https://respostas.sebrae.com.br/artesanato-e-a-cultura-brasileira-a-importancia-da-valorizacao/

Em seguida, prever o tempo de uma aula para a ilustração das produções textuais dos alunos. A seguir promover a atualização do *blog* com as atividades desenvolvidas, visto que “[...] as tecnologias digitais diluem, ampliam e redefinem a troca entre os espaços formais e informais por meio de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria”. (BACICH; MORAN, 2018, p. 53).

III – Avaliação

O trabalho avaliativo será processual e dinâmico, incluindo várias formas de avaliação, como individual, autoavaliação, avaliação em grupo e reflexões pessoais. Assim como a participação e o interesse durante o desenvolvimento e relacionamento nas atividades propostas.

> O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, por que não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger

> a diversidade de traçados, provocando-os a progredir sempre (HOFFMANN, 2001, p. 47).

A avaliação é uma maneira de analisar e refletir sobre os avanços significativos do aluno e sobre as melhores estratégias para promover a aprendizagem, pois sabemos que o conhecimento não acontece de maneira heterogênea. Nesse sentido ao aproximarmos os textos literários com a linguagem não verbal, com as redes sociais e com a troca de experiências estaremos sensibilizando o sujeito leitor para a fruição literária, para a construção e apropriação de sentidos.

REFERÊNCIAS

Artesanato e a Cultura Brasileira: a importância da valorização. Disponível em: https://respostas.sebrae.com.br/artesanato-e-a-cultura-brasileira-a-importancia-da-valorizacao/. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover:** as setas do caminho**.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

Pluralidade cultural no brasil: reconhecimento da diversidade. Disponível em: http://multiculturalismobrasileiro.blogspot.com/. Acesso em: 17 de setembro de 2022.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Revista Via Atlântica, nº 14. Porto Alegre. 2009.

05: - A PLURALIDADE CULTURAL E A SÉTIMA ARTE

A formação do hábito da leitura literária deve ser precedida de ações que conduzam o leitor a uma experiência capaz de transcender o hábito mecanizado da repetição; ler apenas o que está escrito.

A partir dessa perspectiva sugerimos o cinema como um instrumento didático e pedagógico durante o processo de recepção e ampliação de horizontes. Consoantes a Cosson (2022, p.16), vemos que, do mesmo modo que a canção popular, o filme é outro avatar da literatura que precisa ser mais bem compreendido enquanto parte do discurso literário.

Vemos que o campo literário pode colaborar para a desconstrução de alguns preconceitos, esses já enraizados na formação inicial de crianças e jovens. Os preconceitos, muitas vezes, construídos sem consciência, multiplicam-se nos espaços sociais. A partir do momento em que trouxermos essa discussão e reflexão para a sala de aula, aproximamo-nos da realidade social em que muitos alunos desconhecem ou estão inseridos, pois as diferenças socioculturais e a pluralidade cultural enriquecem a leitura que os discentes fazem do filme.

I – PLANEJAMENTO

- Tempo previsto: 3 aulas.

- Conteúdos: leitura, interpretação e reflexão sobre o filme “Central do Brasil”, direção de Walter Salles.

- Objetivos:

Oportunizar à classe práticas de leituras, momentos de reflexões, de argumentação, de atividades concretas e abstratas que os levem à promoção do desenvolvimento de um pensamento crítico sobre questões éticas, sociais, culturais e históricas que os envolvem.

Promover a participação dos alunos no processo de recepção das obras que lhes serão apresentadas, em grupo e individualmente.

II – PROPOSTA DA ATIVIDADE

- Metodologia:

Sugerimos que o professor-mediador prepare previamente o ambiente de sala de aula ou sala de vídeo com tapetes, almofadas e baldinhos de pipoca para que os alunos se sintam acolhidos e confortáveis para a exibição do filme “Central do Brasil”, de Walter Salles.

Figura 6

(Fonte:https://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2021/02/filme-central-do-brasil.html?m=1)

É importante fazer um retrato histórico, político e cultural do nosso país, pois muitos alunos não vivenciaram ou conheceram a realidade dos brasileiros na década de 90, período histórico em que as desigualdades econômicas e sociais eram mais acentuadas.

Propomos que o professor faça pequenos intervalos durante o filme. Nessas paradas propor que reflexões de identificação cultural, histórica, social e tecnológica.

Todavia, o roteiro não é o filme, apenas uma parte dele, assim como são a fotografia, a montagem, o figurino, a música, a atuação dos atores, entre outros tantos elementos que compõem a obra filme. (COSSON, 2022, p.16)

Com o filme podemos fazer relações intersociais em realidades distintas, o que nos permite explorar a obra em vários aspectos, pois o longa metragem apresenta diversas possibilidades de aprendizagem, através do resgate da valorização da história e da cultura brasileira.

Enfatizar as contradições sociais, o gênero textual carta, a crítica à malandragem de alguns personagens, a violência, o tráfico de crianças, as migrações e a importância dos Correios e do cinema brasileiro. Destacar a linguagem verbal e a não verbal, as cores, o cenário, as vestes, a tecnologia presente na época, a comunicação e os meios de transporte, o cenário, as vestes, os lugares.

Enfim, “[...] o literário do filme é, portanto, essa interpretação feita com base no roteiro, mas que não se reduz a ele, antes compõe um todo junto com outros elementos, daí receber a denominação de filme”. (COSSON, 2022, p.17)

Assim, acreditamos que as diferenças socioculturais e a pluralidade cultural enriquecem a leitura que os alunos fazem do enredo do filme. Nesse sentido, compreendemos que

> Muitas vezes banalizadas, as relações entre cinema e literatura são ricas e complexas. Trata-se, na verdade, de duas artes, ou sistemas de comunicação, bastante diferentes, tanto na constituição, quanto no modo de produção e recepção. A literatura é essencialmente a arte das palavras e o cinema, a arte das imagens. Bem mais recente, o cinema é um sistema complexo que mistura elementos de quase todas as artes. (FLECK, 2010, p. 6).

Assim, é preciso promover estratégias metodológicas em sala de aula para que a escola ofereça momentos prazerosos, significativos e de enriquecimento cultural aos alunos. A literatura, a pluralidade cultural e a sétima arte contribuem para a formação crítica e apreciativa de nossa sociedade.

Tarefa: Sugere-se uma produção textual com o tema: Vinte anos depois, o reencontro da professora Dora com o Josué. A leitura dessa tarefa poderá ser feita antes da avaliação do projeto.

III – AVALIAÇÃO

O trabalho avaliativo será formativo, por meio da participação e o interesse do aluno durante o desenvolvimento e relacionamento nas atividades propostas e deve considerar as suas principais necessidades e os seus desafios no processo de ensino. Sugerimos que cada aluno faça uma autoavaliação de seu aprendizado e suas reflexões sobre o filme. Compreendemos que

> Na verdade, devemos, ter sempre em mente que a leitura literária é um processo que vai se aprofundando à medida que ampliamos nosso repertório de leitura e a avaliação deve acompanhar esse processo sem impor constrangimentos e empecilhos. Da mesma forma, a avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes. São essas negociações que conduzem à ultrapassagem das impressões individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores. (COSSON, 2021, p.115)

Entendemos que a avaliação deve ser contínua e que a aprendizagem acontece de diversas maneiras. É de suma importância que o professor faça uma análise global e integral do processo de aprendizagem de cada aluno.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2.ed.,11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FLECK, Gilmei Franscisco. **Literatura no cinema um profícuo encontro entre duaslinguagens.** In: **Revista de Literatura, História e Memória**, vol. 6, nº 7, 2010. P. 5 -8.

EPÍLOGO

Para finalizar a realização do projeto, viabilizar a socialização e a reflexão avaliativa sobre as atividades desenvolvidas e o processo de produção, os alunos deverão ser orientados a expor reflexões orais sobre o que lhes foi mais interessante e o que não foi, entre outras peculiaridades desenvolvidas ao longo dos trabalhos, voluntariamente. Se a turma for muito numerosa, fazer também por escrito. Solicitar que atualizem o *blog* com as opiniões, fotos ilustrativas, comentários e sugestões, também sobre as *práxis* desenvolvidas.

Para dar visibilidade aos trabalhos realizados, propomos que o professor incentive os discentes a criarem vídeos curtos para serem expostos nas redes sociais da escola e apresentem as criações textuais (verbais e não verbais). Enfim, todo o trabalho desenvolvido pode ser mostrado para as outras turmas e para a comunidade escolar, refletindo sobre o trajeto percorrido e a experiência adquirida durante o processo. E, acessar o *blog* e socializar as produções mais significativas.

Ao longo do projeto e desenvolvimento das atividades, a escola deve visar a oportunizar a criação ou aumento do prazer pela leitura literária e o entendimento da produção textual como um processo de interação social. Assim como a reflexão sobre origens, diversidade cultural e identidades discentes, para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, que valorize e respeite as diferenças. Concordando com dizeres de Moran, também acreditamos que

> [...] o foco para a mudança é desenvolver alunos criativos, inovadores, corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas diferentes, que arrisquem mais, que relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão. (2007, p. 80)

Concluídas todas as atividades propostas, será necessário avaliar o projeto com os pontos positivos e negativos, para saber se as ações realmente foram significativas no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno. Entregar para cada aluno uma ficha avaliativa com as seguintes perguntas:

1. Como você avalia o seu aprendizado até o presente momento? De 0 a 10 que nota você daria? Comente argumentativamente.

2. Quais foram os pontos positivos e negativos durante a realização do projeto?
3. Seu aprendizado foi mais significativo e prazeroso? Comente.
4. Cite algumas sugestões ou atividades que poderiam ser desenvolvidas durante o nosso projeto?
5. Você gostou de nossas aulas? Por quê?

Portanto, é preciso inovar e buscar novos sentidos para a construção do conhecimento. Os alunos não são os mesmos de um tempo atrás, assim, também a educação não poderá ser a mesma. Buscar diferentes metodologias para melhorar a aprendizagem são os primeiros passos para uma educação significativa e edificante.

ANEXO II

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS

Eu_____,RG:_____,CPF: _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____ da turma _____, da autorizo que fotos e filmagens que incluam meu/minha filho(a) utilizadas pela equipe da Escola_____para fins didático-pedagógicos; para fins de divulgação do projeto "Leitura literária e pluralidade cultural: eixos que se conectam na construção de sentidos e no ensino de linguagens" e para fins de comunicação no *blog* da turma.

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais.

_____

Assinatura do responsável

Tefefone/celular:_____

Local:_____,____de_____de 20____

_____Cidade/UF